



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SHEYLA DA CONCEIÇÃO AYAN

**ESTUDO COMPARATIVO DAS POSPOSIÇÕES NO TIMBIRA**

Belém  
2020

SHEYLA DA CONCEIÇÃO AYAN

**ESTUDO COMPARATIVO DAS POSPOSIÇÕES NO TIMBIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Estudos Linguísticos - da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA).

Belém

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A973e Ayan, Sheyla da Conceição.  
Estudo comparativo das posposições no Timbira / Sheyla da  
Conceição Ayan. — 2020.  
190 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira  
Ferreira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Belém, 2020.

1. Adposições. 2. Posposições. 3. Comparação. 4. Timbira.  
I. Título.

---

CDD 410

SHEYLA DA CONCEIÇÃO AYAN

**ESTUDO COMPARATIVO DAS POSPOSIÇÕES NO TIMBIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Estudos Linguísticos - da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira - Orientadora  
(UFPA)

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Mônica Veloso Borges - Membro externo  
(UFG)

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio - Membro interno  
(MPEG-MCTI-CNPQ-PPGL)

\_\_\_\_\_  
Profª. Dra. Angela Fabíola Alves Chagas - Suplente  
(UFPA)

*Dedico este trabalho a Deus, por cuidar de mim em todos os momentos, à minha mãe, Fátima Conceição, pelo amor incondicional, ao Renan, meu companheiro de todas as horas e ao meu irmão, Abdala, pela torcida e incentivo. Aos povos indígenas, em especial, aos povos Timbira.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela misericórdia, força, sabedoria e por nunca me abandonar. Obrigada, meu Deus, pelo seu amor em todos os momentos da minha vida!

À minha mãe, Fátima, pela dedicação de uma vida inteira, pelo apoio, incentivo e por ser sempre o meu porto seguro. Eu te amo, mãe!

Ao meu amor, Renan, por poder contar com você em todos os momentos, por estar ao meu lado me ajudando a vencer os obstáculos e pela paciência durante as minhas ausências, mas, principalmente, por seu amor.

Ao meu irmão, Abdala, e minha cunhada, Suzane, pela torcida e apoio que sempre recebo de vocês.

À professora Marília Ferreira, minha querida orientadora, a quem sou eternamente grata pela oportunidade de chegar até aqui. Muito obrigada pelo seu apoio, incentivo, orientação e paciência.

Às professoras Mônica Veloso Borges e Ana Vilacy, por aceitarem fazer parte da banca do exame de qualificação e pelas valiosas contribuições recebidas. Agradeço, novamente, por aceitarem o convite para compor a banca examinadora da minha Dissertação. Muito obrigada!

A todos os meus professores do curso de Mestrado em Linguística, pelo conhecimento compartilhado durante as aulas, em especial, o professor Sidney Facundes e às professoras Marília Ferreira, Ângela Chagas e Gessiane Picanço.

Ao grupo de pesquisa, em especial, à minha querida amiga Jaqueline Reis, muito obrigada pelas conversas motivadoras e descontraídas e por sempre me incentivar a prosseguir e nunca desistir. À minha doce amiga Luciana Vieira, muito obrigada pelas agradáveis conversas com seu jeito meigo e gentil. À Ingrid Moraes, companheira durante às disciplinas do curso. E às demais pessoas que fazem (fizeram) parte desse grupo desde a época em que entrei até o presente momento.

À minha grande amiga Alessandra Campelo. Apesar da correria do dia a dia, quando paramos para conversar é como se nunca tivéssemos ficado um tempo sem se falar. Obrigada pela amizade sincera que é um verdadeiro presente que ganhei na graduação.

À minha amiga Laís Priscila, que mesmo estando a quilômetros de distância, sempre esteve na torcida para que tudo desse certo. Obrigada por tantos anos de amizade, por compreender a minha ausência e nunca deixar isso abalar a nossa amizade.

Ao Júnior (da secretaria do PPGL), por sempre me “socorrer” em todos os momentos em que precisei resolver alguma situação referente ao meu curso. Muito obrigada pela paciência de me ouvir e pela eficiência na resolução dos assuntos da secretaria.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho,

Muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de comparar semelhanças e diferenças na ocorrência das posposições no grupo das variantes dialetais Timbira: Parkatêjê, Canela Apãniekrá, Canela-Krahô e Pykobjê, sob uma visão tipológico-funcional. O complexo dialetal Timbira pertence à família Jê e ao tronco Macro-Jê. As posposições, de acordo com Genetti (2014), são partículas que ocorrem com um sintagma nominal e indicam a relação gramatical, semântica, espacial, temporal ou lógica do sintagma nominal com o outro elemento da cláusula. Os dados utilizados nesse estudo são oriundos de trabalhos descritivos já realizados nessas variantes dialetais, a saber: Ferreira (2003), Alves (2004), Popjes e Popjes (1986), Souza (1989), Miranda (2014), Amado (2004) e Silva (2011). Com base na comparação dos dados, notou-se uma grande semelhança na forma desses elementos, bem como nas funções exercidas por tais posposições. Entretanto, há também algumas diferenças muito relevantes entre elas, como a posposição ‘te’, por exemplo, que foi analisada ora como uma marca de ergatividade, ora como um elemento oblíquo, além da função de genitivo. Esta pesquisa está fundamentada nos postulados teóricos de Genetti (2014), Dixon (2010), Hagège, (2010), Blake (2004), Payne (1997), entre outros. A metodologia empregada neste trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica na literatura especializada, comparação dos dados e análise de base tipológico-funcional dos mesmos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adposições. Posposições. Comparação. Timbira.



## ABSTRACT

This work aims to compare similarities and differences in the occurrence of postpositions in the group of Timbira dialectal variants: Parkatêjê, Canela Apãniekrá, Canela-Krahô and Pykobjê, under a typological-functional view. The Timbira dialectal complex belongs to the Jê family and to the Macro-Jê stock. For Genetti (2014) postpositions are particles that occur with a noun phrase and indicate the grammatical, semantic, spatial, temporal or logical relationship of the noun phrase with the other element of the clause. The data used in this study come from descriptive works already carried out in these dialectal variants, namely: Ferreira (2003), Alves (2004), Popjes and Popjes (1986), Souza (1989), Miranda (2014), Amado (2004) and Silva (2011). Based on the comparison of data, a great similarity in the form of these elements was noted, as well as in the functions performed by such postpositions. On the other hand, there are also some very relevant differences between them, such as the postposition 'te', for example, which was analyzed sometimes as a marker of ergativity, sometimes as an oblique element, in addition to the genitive function. This research is based on the theoretical postulates of Genetti (2014), Dixon (2010), Hagège (2010), Blake (2004), Payne (1997), among others. The methodology used in this work consisted of bibliographical research in the specialized literature, comparison of data and analysis of typological-functional basis.

**KEYWORDS:** Adpositions. Postpositions. Comparison. Timbira.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Corte de cabelo Timbira e objetos de caça.....	24
Figura 02: Homens Canela Ramkokamekrá em uma corrida de toras.....	25
Figura 03: Vista aérea da aldeia de Escalvado (MA) e Gavião Parkatêjê.....	25
Figura 04: Sistema de marcação de caso Nominativo-Acusativo.....	51
Figura 05: Sistema de marcação de caso Ergativo-Absolutivo.....	52
Figura 06: Sistema Split-S.....	53
Figura 07: Sistema Ergativo-Absolutivo .....	107

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Território dos povos Timbira marcados em cinza.....	23
Mapa 02: Localização do território Parkatêjê.....	26
Mapa 03: Deslocamento dos índios Krahô.....	33
Mapa 04: Terra Indígena Governador – Território Pykobjê.....	36

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Classificação Timbira de Nimuendajú.....	23
Quadro 02: Distribuição das aldeias da Reserva Indígena Mãe Maria.....	26
Quadro 03: Inventário fonológico das vogais em Parkatêjê, segundo Araújo (1977).....	28
Quadro 04: Inventário fonológico das vogais em Parkatêjê, segundo Neves (2010).....	28
Quadro 05: Inventário fonológico das consoantes em Parkatêjê.....	29
Quadro 06: Inventário de fonemas do Apãniekrá / Ramkokamekrá / Krahô.....	31
Quadro 07: Sistema consonantal Krahô.....	34
Quadro 08: Sistema vocálico Krahô.....	34
Quadro 09: Inventário de fonemas consonantais em Pykobjê.....	37
Quadro 10: Sistema vocálico Pykobjê.....	37
Quadro 11: Ponto de articulação das vogais em Pykobjê.....	38
Quadro 12: As posposições em Panará.....	72
Quadro 13: Posposições em Kĩsedjê.....	73
Quadro 14: Posposições em Xinkrín.....	74
Quadro 15: Posposições em Parkatêjê.....	77
Quadro 16: Posposições em Canela Apãniekrá.....	78
Quadro 17: Posposições em Canela-Krahô, segundo a análise de Popjes e Popjes (1986).....	79
Quadro 18: Posposições em Canela-Krahô, segundo a análise de Souza (1989).....	80
Quadro 19: Prefixos relacionais com temas posposicionais.....	81
Quadro 20: Posposições em Canela-Krahô, segundo a análise de Miranda (2014).....	82
Quadro 21: Posposições em Pykobjê, segundo a análise de Amado (2004).....	83
Quadro 22: Posposições em Pykobjê, segundo a análise de Silva (2011).....	84
Quadro 23: Funções da posposição ‘te’.....	101
Quadro 24: Funções da posposição ‘mã’.....	138
Quadro 25: Funções da posposição ‘to’.....	149
Quadro 26: Funções da posposição ‘kam’.....	156
Quadro 27: Funções da posposição ‘nã’.....	161
Quadro 28: Funções de ‘õ’.....	166
Quadro 29: Funções da posposição ‘pe’.....	172
Quadro 30: Funções da posposição ‘kot’.....	176
Quadro 31: Funções da posposição ‘ri’.....	178

Quadro 32: Funções sintáticas das posposições em Timbira.....	182
Quadro 33: Funções semânticas das posposições em Timbira.....	183

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

No presente estudo foram utilizados trabalhos de vários autores e, com o propósito de ser fiel às descrições realizadas por eles, mantemos as siglas e abreviaturas, conforme apresentadas em cada trabalho.

- = prefixo.	LIT = literalmente.
= = clítico.	LN = locução nominal.
? = ainda sem definição.	LOC = locativo.
1 = primeira pessoa do singular.	LP = locução posposicional.
1 ENF = primeira pessoa do singular enfática.	LV = locução verbal.
2 = segunda pessoa do singular.	M = masculino.
3 = terceira pessoa do singular.	MAL = malefactivo.
1PLINCL = primeira pessoa singular inclusiva.	MIR = mirativo.
1PLEXCL/1E = primeira pessoa plural exclusiva.	MD / MED = voz média.
A = sujeito de verbo transitivo.	MK. = marcador.
ABS = absoluto.	MOV = movimento.
ACU / acc = acusativo.	MS = mesmo sujeito.
act = ativo.	M.SUJ = marca de sujeito.
adj. = adjetivo;	MP = marca de posse.
ADIT / ADT = aditivo / conjunção aditiva.	N. AG = nome de agente.
adp. = adposição	N. CIRC = nome de circunstância.
ADV = advérbio.	N. OBJ = nominalizador de objeto.
ADVT = advertência.	NEG = negação.
AGT = nominalizador agentivo.	NEG. IMP = negação imperativo.
ALT = alternativo.	NETG = negativo.
ANC = aspect não-completo.	NF = não-finito.
art. = artigo.	NOM = nominativo.
ASC = aspect semi-completo.	NMZ / NOMLZ = nominalizador.
ASP = aspecto	NP = noun phrase (sintagma nominal).
ASSERT = assertivo.	N. PROP = nome próprio.
ASSOC = associativo.	O = objeto direto.
ASS-INSTR = associativo-instrumental.	OBL = oblíquo.
ATEN = atenuativo.	ONC = objeto não-contíguo.

AUM / AUMENT = aumentativo.  
BEN = benefactivo.  
CADV = conjunção adversativa.  
CAUS / CAUSA = causativo / causal.  
CLV = clivagem.  
COL = coletivo.  
COM = comitativo.  
COM. IRR = condicional de irrealidade.  
COMP = companhia.  
COMPL = completivo.  
COND = condicional.  
COND.HIP = condicional hipotético.  
CONJ = conjunção.  
conn. = conectivo.  
CONT = continuativo.  
CONTR = contraconjunção.  
COP = cópula.  
CO-REF = co-referente.  
CRD = coordenativo.  
DAT = dativo.  
DEF = definido.  
DÊIT = dêitico.  
DEM.PL = demonstrativo plural.  
DEO = verbo deôntico.  
DET = determinante.  
DI = dativo de interesse.  
DIM / DIMIN = diminutivo.  
DIR = direcional.  
DSJ / DISJ = disjunção.  
DS = sujeitos diferentes.  
DTR = detransitivizador.  
DU / DUAL = dual.  
DUB = dubdativo.  
DU.PL = dual plural.

P = objeto de verbo transitivo.  
PAS = passado.  
PAS/LEX = passado por item lexicalizado.  
PAS/REM = passado remoto.  
PD = partícula discursiva (Parkatêjê).  
PD= passado distante (Canela Apãniekrá).  
PD/P.DEP=pronome dependente (Pykob.)  
PERD = perdurativo.  
PF = partícula fonte.  
PG = prefixo genérico.  
PI = pronome independente.  
PL = plural.  
PL/NC = plural não-contável.  
POS = posse.  
POSP = posposição.  
POST = positivo.  
POT = potencial.  
PR = passado remoto. (Parkatêjê)  
PR=prefixo relacional.(Canela Apãniekrá).  
PRED = predicativo.  
PRED. POSS = predicado possessivo.  
PR. ENF = pronome enfático.  
PRO = pronome.  
PROG = progressivo.  
PROX. = proximal.  
PST = passado.  
PT = partícula temporal.  
P. TEM = palavra temporal.  
QUANT = quantificador.  
QDN = quantificador discreto numeral.  
QE = quantificador existencial.  
QI = quantificador indefinido.  
QU = quantificador universal.  
R<sup>1</sup> = relacional de contiguidade.

DUR = durativo.  
ENF = ênfase.  
ERG = ergativo.  
ERG. PL = ergativo plural.  
EVD / EVI = evidencial.  
EXCL = exclusivo.  
EXORT = exortativo.  
EXP = conjunção explicativa.  
F = feminino.  
FIN / FINLD = finalidade.  
FINLD.NEG = finalidade negativa.  
FOC = foco.  
FRS / FRUST = frustativo.  
FUT = futuro.  
FUT/LEX = futuro por item lexicalizado.  
GEN = genitivo.  
GNR = genérico.  
GR = grammatical relation.  
HAB = habitual.  
HORT / HRT = hortativo.  
HUM = humano.  
IMP = imperativo.  
INCL = inclusivo.  
INCOMPL = incompletivo.  
IND = indefinido.  
INESS = inessivo.  
INS / INSTR = instrumental.  
INT = interrogativo.  
ITJ = interjeição.  
INT. HUM = interrogativo humano.  
INTR = intransitivo.  
IRR = irrealis.  
ITER = iterativo.

R<sup>2</sup> = relacional de não-contiguidade.  
RCP / REC / RECIP = recíproco.  
REFL / RFL / REFLX = reflexivo.  
REL = relacional. (Parkatêjê)  
REL / RELTZ = relativizador. (Apãniekrá)  
RLS = realis.  
REL = relacionador.  
ROG = rogativo.  
RV = raiz verbal.  
RELTS = retrospectivo.  
REPORT = reportativo.  
S = sujeito de verbo intransitivo.  
Sa = sujeito de verbo ativo.  
Sder = sujeito derivado.  
SG. = singular.  
Sio = sujeito de marcação não-canônica.  
So = sujeito de verbo descritivo.  
SS = sujeitos idênticos.  
SN = sintagma nominal.  
SUB = subordinador.  
SV = sintagma verbal.  
SD = sujeito diferente.  
SG = singular.  
SUBORD = subordinador.  
S = sujeito de verbo intransitivo.  
TC / TCL = termo de classe.  
TOP = tópico.  
TRZ = transitivizador.  
VP = verbal frase.  
WH = pró-forma interrogativa.  
VOC = vocativo.

## SÍMBOLOS

### Ortografia do dialeto Parkatêjê (Conforme Araújo, 1993)

p	[p]
t	[t]
x	[ʃ]
k	[k]
h	[h]
m	[m]
n	[n]
w	[w]
j	[y]
i	[i]
ê	[e]
e	[ɛ]
y	[í]
ỳ	[ə]
à	[ɜ]
a	[a]
u	[u]
ô	[u]
o	[ɔ]

### Ortografia Uniformizada Timbira (Conforme Amado 2004, p. 158-160)

Observou-se uma variação na ocorrência das vogais, entretanto, elas serão representadas de uma única forma, segundo a grafia uniformizada.

p	[p]
t	[t]
x	[ʃ]
c	[k]
h	[h]
'	[ʔ]
m	[m]
n	[n]
g	[g]
w	[w]
r	[r]
j	[y]
a	[a]
e	[ɛ]
ë	[e]
ẽ	[ê]
ĩ	[î]
y	[ɜ] ~ [ə]
ỳ	[ə] ~ [í]
ỹ	[ə]
o	[ɔ] ~ [o]
ö	[o] ~ [u]
õ	[ɔ] ~ [õ]
ũ	[õ] ~ [ũ]



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
1.1	Esclarecimentos preliminares.....	20
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO TIMBIRA.....</b>	<b>22</b>
2.1	Considerações sobre o povo Parkatêjê.....	25
2.1.1	A língua Parkatêjê.....	27
2.2	Considerações sobre o Canela Apãniekrá.....	30
2.2.1	A língua Canela Apãniekrá.....	31
2.3	Considerações sobre o povo Canela-Krahô.....	32
2.3.1	A língua Canela-Krahô.....	33
2.4	Considerações sobre o povo Pykobjê.....	35
2.4.1	A língua Pykobjê.....	36
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: ADPOSIÇÕES.....</b>	<b>38</b>
3.1	O que são as adposições?.....	39
3.2	Adposições no contexto morfológico.....	42
3.2.1	Adposições e afixos de caso.....	42
3.2.2	Adposições e clíticos adposicionais.....	47
3.3.	Adposições no contexto sintático.....	48
3.3.1	Ordem de palavras e sintagmas adposicionais.....	48
3.3.2	Tipos de adposições.....	54
3.3.3	Adposições na função de argumento.....	55
3.3.4	O sintagma adposicional.....	57
3.3.5	Algumas relações que envolvem as adposições.....	59
3.3.5.1	Adposições e os verbos estativos.....	60
3.3.5.2	Sintagmas adposicionais e predicados verbais não-ativos.....	61
3.4	Casos.....	63

3.4.1	Casos sintáticos.....	65
3.4.2	Casos semânticos.....	68
<b>4</b>	<b>AS POSPOSIÇÕES EM LÍNGUAS JÊ.....</b>	<b>71</b>
4.1	Posposições na língua Panará.....	71
4.2	Posposições na língua Kĩsedjê.....	72
4.3	Posposições na língua Xikrín do Cateté.....	73
<b>5</b>	<b>AS POSPOSIÇÕES NO TIMBIRA.....</b>	<b>75</b>
5.1	Posposições em Parkatêjê.....	76
5.2	Posposições em Canela Apãniekrá.....	77
5.3	Posposições em Canela-Krahô.....	78
5.3.1	Análise de Popjes e Popjes (1986).....	79
5.3.2	Análise de Souza (1989).....	80
5.3.3	Análise de Miranda (2014).....	81
5.4	Posposições em Pykobjê.....	82
5.4.1	Análise de Amado (2004).....	82
5.4.2	Análise de Silva (2011) .....	83
<b>6</b>	<b>COMPARAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....</b>	<b>84</b>
6.1	‘Te’ ergativo.....	84
6.1.1	Outros usos da posposição ‘te’.....	92
6.1.2	Posposição ‘Te’: elemento oblíquo, marca de tempo passado ou marca de ergatividade?.....	101
6.2	A posposição ‘Mã’.....	119
6.3	A posposição ‘To’.....	138
6.4	A posposição ‘Kãm’.....	149
6.5	A posposição ‘Nã’.....	157
6.6	O elemento ‘Õ’.....	161

6.7	A posposição ‘Pê / Pěn / Pě’ .....	166
6.8	A posposição ‘Wyr’ .....	172
6.9	A posposição ‘Kot’ .....	174
6.10	A posposição ‘Ri’ .....	176
6.11	A posposição ‘Pĩ’ .....	178
6.12	A posposição ‘Rũm’ e ‘Mam’ .....	180
6.13	A posposição ‘Takje~Tekje’ .....	180
6.15	A posposição ‘Katsuw’ .....	181
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>185</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>188</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1. Esclarecimentos preliminares

Meu primeiro contato com a pesquisa na área de línguas indígenas, foi em agosto de 2014, quando, a convite da Profa. Dra. Marília Ferreira, assumi uma Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) vinculada ao projeto “Operações de ajuste de valência em verbos da Língua Parkatêjê” (CNPq/ Processo nº 472101/2012-9), com o plano de trabalho intitulado “Estudo comparativo de aspectos morfossintáticos entre três línguas indígenas”, o qual objetivava comparar aspectos morfossintáticos das línguas Parkatêjê e Canela-Krahô face aos dados do Kyjkatêjê, uma vez que esta última língua não tem muitos estudos sobre a sua estrutura, no entanto, sabe-se que ela é assemelhada geneticamente com as outras duas línguas Timbira, dessa forma, meu trabalho seria comparar fenômenos em comum que ocorrem, nas referidas línguas visando estabelecer as semelhanças e diferenças entre elas.

No meu primeiro plano de trabalho, a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base nos dados contidos nas teses de Araújo (1989), Ferreira (2003), Popjes & Popjes (1986), Souza (1989), bem como com os dados contidos no Trabalho de Conclusão de Curso de Barros (2012). Foi com plano de trabalho que pude observar e entender um pouco sobre os chamados prefixos relacionais.

Em meu segundo ano como bolsista de Iniciação Científica na área de línguas indígenas, eu tive a oportunidade de estudar os prefixos relacionais, com o plano de trabalho intitulado “Natureza e função de prefixos relacionais em Parkatêjê”, o qual também inspirou o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Durante o período em que tive contato com a pesquisa, ainda na graduação, tinha uma certa curiosidade em saber como as posposições ocorriam na língua Parkatêjê, uma vez que esses elementos não são comuns para um falante de português. Entretanto, já havia uma descrição completa desses elementos na tese de doutorado de Ferreira (2003). Dessa forma, minha orientadora propôs que eu trabalhasse com um estudo comparativo das posposições no Timbira, que são variantes dialetais, com as quais eu já havia tido contato durante o meu trabalho de conclusão de curso. Desta maneira, nasceu o tema da presente dissertação de mestrado.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é comparar a ocorrência das posposições no grupo de línguas Timbira, a saber: Parkatêjê, Canela Apãniekrá, Canela-Krahô e Pykobjê. Por objetivos específicos pretende-se: observar as semelhanças estruturais entre elas, com base nas

análises propostas por cada autor. Analisar esses elementos a partir de uma perspectiva tipológico-funcional.

A pesquisa na área das línguas indígenas é de suma importância, pela grande riqueza que essas línguas possuem, não somente para a linguística, mas também, para o seu povo, uma vez que faz parte de sua identidade cultural. A respeito da relevância de estudos sobre as línguas indígenas brasileiras, Seki (2000) postula que:

Do ponto de vista científico, a relevância das línguas indígenas e sua pesquisa fica evidente diante da consideração de que a linguística busca compreender a natureza da linguagem humana, fenômeno que se caracteriza pela unidade na diversidade, manifestando-se em cada língua de forma particular e única. Assim, o estudo das diferentes manifestações é importante para o conhecimento da linguagem humana, podendo contribuir seja confirmando hipóteses teóricas formuladas com base em dados de línguas conhecidas, predominantemente indoeuropéias, seja estimulando a introdução de reajustes ou a busca de novas propostas teóricas que possam explicar fenômenos revelados pelo estudo e não considerados até então. Nesse sentido, a pesquisa de qualquer língua é relevante para o desenvolvimento da ciência. As línguas indígenas despertam um interesse especial não por serem línguas “exóticas”, mas por serem diversificadas e estarem entre as menos conhecidas da ciência, do que decorre a expectativa de que possam apresentar propriedades ainda não observadas em línguas de outras regiões. Isso vem se confirmando através de estudos já feitos sobre essas línguas. (SEKI, 2000, p. 245).

Dessa forma, o presente estudo é necessário porque colabora para um melhor conhecimento acerca dessas línguas minoritárias que a cada dia vem perdendo espaço para a Língua Portuguesa e, com isso, correm o risco de desaparecer e levar consigo toda a riqueza linguística e cultural, o que seria uma grande perda para a linguística e também para os povos indígenas.

A metodologia empregada para alcançar os objetivos propostos consistiu em:

I. Pesquisa bibliográfica: nesta etapa foi realizado o levantamento bibliográfico a respeito do conceito sobre as posposições, seguido da leitura e análise crítica das referências bibliográficas em línguas indígenas, tais como, Ferreira (2003), Souza (1989), Alves (2004), Amado (2004), Silva (2011), Popjes e Popjes (1986), Miranda (2014), bem como materiais referentes às posposições e seus contextos de ocorrência.

II. Organização dos dados.

III. Comparação dos dados.

IV. Discussão acerca das semelhanças e diferenças encontradas nos dados, seguido da análise de base tipológico funcional.

V. Apresentação dos resultados obtidos.

O presente trabalho está composto por cinco capítulos, além da introdução, das considerações finais, e das referências bibliográficas. O primeiro capítulo aborda algumas informações acerca dos povos Timbira, de um modo geral e, posteriormente, apresento cada povo individualmente e seus aspectos linguísticos. No segundo capítulo, abordo as considerações teóricas a respeito das adposições (posposições e preposições). No terceiro capítulo faço uma breve apresentação das posposições em outras línguas Jê. Já no quarto capítulo, apresento as posposições nos dialetos Timbira, conforme as análises propostas pelos autores que trabalharam com os povos Timbira. No quinto capítulo, comparo, analiso e discuto os aspectos que se assemelham e se diferenciam nas análises das línguas Timbira, baseada em uma perspectiva tipológico-funcional.

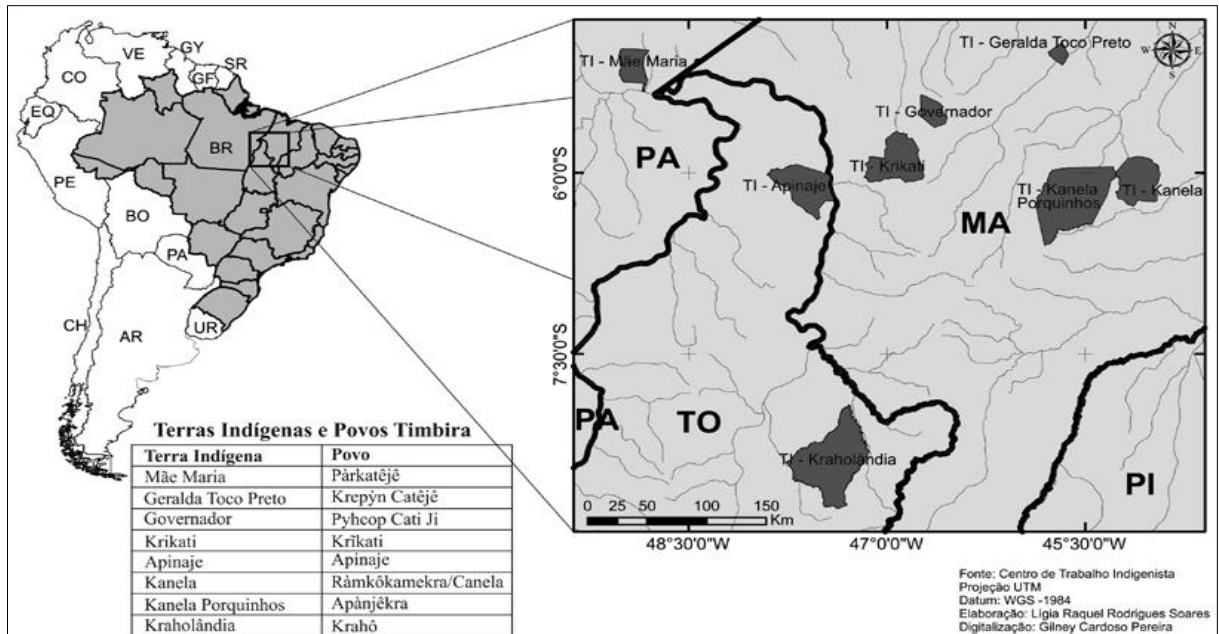
## 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO TIMBIRA

Falar de Timbira é retratar a diversidade integrante deste povo, pois, segundo Rodrigues (1999, p. 167), é composto pelos seguintes grupos: Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykobjê, Krahô, Krinkatí e Krenyê. De acordo com Nimuendajú (1946, p. 6), nenhum observador sério contesta a individualidade étnica, a homogeneidade e afinidade entre os Timbira, uma vez que tais traços são bastante notórios nesses povos.

O complexo dialetal Timbira está inserido na família Jê e tronco Macro-Jê. Nimuendajú (1946, p. 12) afirma que é de conhecimento dos Timbira que tal grupo é constituído por diversos povos de uma grande unidade étnica, que além das semelhanças e diferenças linguísticas, outros aspectos da cultura também apontam grande semelhança, por exemplo, no corte de cabelo, na forma circular de assentamento, na corrida de tora etc.

A nomenclatura Timbira faz referência às fitas de palha ou faixas trançadas em algodão que esses povos usam sobre o corpo: nos braços, tornozelos, testa etc. e significa “os amarrados” em tupi – *tin* ‘amarrar’, *pi’ra* ‘passivo’ (Nimuendajú, 1946). No entanto, eles próprios se denominam *mehe* ‘nossa gente’ (AMADO, 2005).

Os Timbira são um povo física, linguística e culturalmente caracterizado como da família Jê, que disperso, habitava entre os séculos XVIII e XIX, toda a porção sul das capitânicas do Piauí e Maranhão nos ambientes naturais de caatinga e cerrado. Estavam presentes também no nordeste da capitania de Goiás (atual Tocantins), um imenso quadrilátero limitado: ao norte, pelos cursos dos rios Gurupi, Canidé, Grajaú, Turi e Mearim; a leste, o Alto Itapecuru e formadores; o rio das Balsas ao sul e o rio Tocantins a oeste. Atualmente, os grupos Timbira se localizam no sul do Maranhão, leste do Pará e norte do Tocantins (FREITAS, 2001).

**Mapa 01:** Território dos povos Timbira marcados em cinza.

Fonte: Coelho; Giraldin; Fisher (2018).

Um ponto relevante do povo Timbira é sobre a sua localização, pois encontra-se em uma região de transição de biomas como: Mata dos Cocais, Cerrado, Caatinga e Floresta Amazônica, o que tornou cada grupo Timbira melhor adaptado em um local. O etnólogo Nimuendajú (1946) se utiliza em grande parte da questão geográfica a partir do rio Tocantins, e do parentesco linguístico para classificar como Timbira os grupos a seguir:

**Quadro 01:** Classificação Timbira de Nimuendajú.

Timbira do Leste (à direita do Rio Tocantins)		Timbira do Oeste (à esquerda do Rio Tocantins)
Grupos do Norte	Grupos do Sul	Apinayé
Timbira de Araparytúua	Kreyé de Cajuapára	
Kreyé de Bacabal	Kfikatí	
	Pukobye	
Knkoékamekra de Bacabal	Gaviões do Oeste ou da Floresta	
	Krepumkateye	
	Krahô	
	Põrekamekra	
	Kénkateye	
	Apanyekra	
	Ramkokamekra	
	Cakamekra	

Fonte: Adaptado de Nimuendajú (1946).

Para compreender as dinâmicas sociais e políticas as quais os grupos indígenas Timbira vivenciaram e ressignificaram suas identidades nas fronteiras coloniais das capitanias do Maranhão, Pará, Piauí e nordeste de Goiás é necessário rever alguns eventos relacionados aos processos e mudanças de espaços e paisagens naturais que estes povos indígenas foram obrigados a enfrentar (APOLINÁRIO, 2013).

O avanço colonizador Português, as guerras entre grupos Timbira e contra outras etnias indígenas tornaram necessárias a migração e a readaptação dos Timbira em outros territórios cada vez mais a oeste. Assim, urge a imperiosa força de ressignificação desse povo, pois, ao retirarem-se para áreas dos cerrados e para as florestas, muda-se a dinâmica de suas vidas.

Essa situação teve influência direta em parte do território Timbira ao longo do século XVIII e especialmente nos primeiros anos do XIX, quando tornou-se espaço e fronteira de fazendas criatórias. Desde então, os deslocamentos para outros territórios foram constantes, resultando em terem de passar pela peneira de novas territorialidades no longo período de contatos com os colonizadores (APOLINÁRIO, 2013).

Dessa forma, isso é a evidência da resistência Timbira para manter a cultura viva. E tratando desse ponto, esse povo mostra fortes aspectos identitários como: o corte dos cabelos, a corrida de toras, o formato de construção de suas aldeias e principalmente a sua língua, conforme já mencionado anteriormente.

**Figura 01:** Corte de cabelo Timbira e objetos de caça.



**Fonte:** Michel Pellanders, 1989. Acervo Instituto Socioambiental.



**Figura 02:** Homens Canela Ramkokamekrá em uma corrida de toras



Fonte: William Crocker, 1975. Acervo ISA.

**Figuras 03:** Vista aérea da aldeia de Escalvado (MA) e Gavião Parkatêjê (PA).



Fonte: Acervo ISA.

Com relação às línguas do povo Timbira, existem divergências ao serem reconhecidas como línguas aparentadas ou como dialetos de uma mesma língua Timbira. Alves (2002) aponta que com o crescente avanço dos estudos, têm-se descoberto tanto semelhanças como diferenças, que permitem agrupar tais línguas em quatro subconjuntos:

1. Parkatejê.
2. Apaniekrá, Ramkokamekrá, Krahô;
3. Krinkati, Pykobjê;
4. Apinajé;

Esses subconjuntos serão tratados ao longo do trabalho, especificamente o Parkatejê, o Apaniekrá, o Krahô, e o Pykobjê.

## 2.1 Considerações sobre o povo Parkatêjê.

O grupo denominado Parkatêjê, também conhecido como Gavião do Pará, localiza-se no município de Bom Jesus do Tocantins, sudeste do estado do Pará, trinta quilômetros ao sul da cidade de Marabá. A aldeia 'original' que era habitada por toda a comunidade é conhecida como Área Indígena Mãe Maria ou Kupêjipokti, entre os indígenas. Inicialmente esse povo

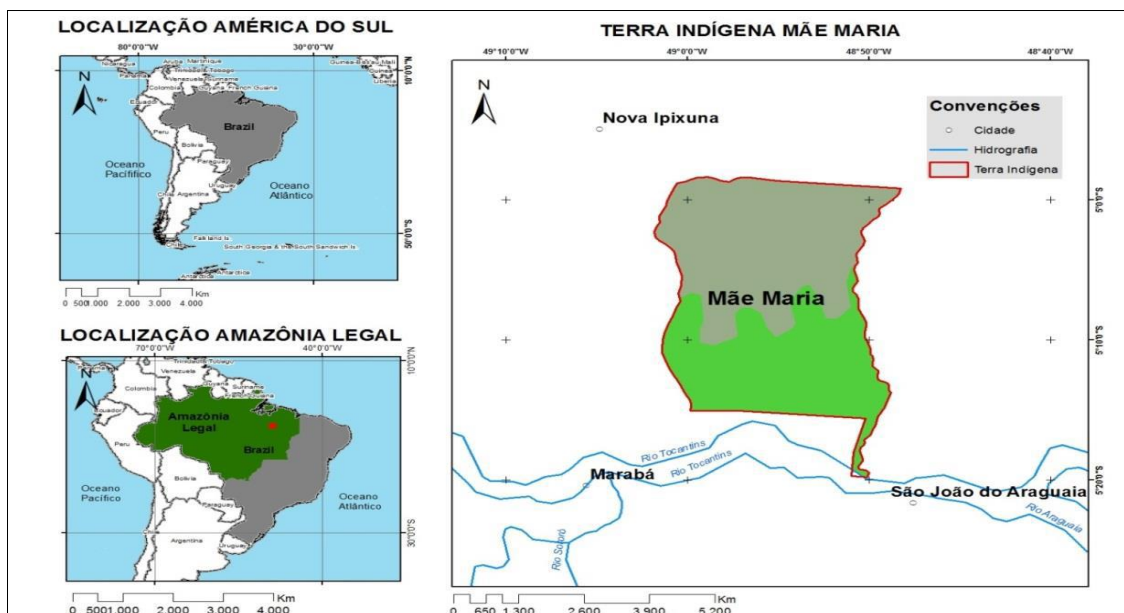
viveu apenas no km 30; em 2000, houve a primeira cisão e uma parte deles foi para o km 25. Atualmente há cerca de onze comunidades ao longo da BR 222, conforme ilustra o quadro a seguir:

**Quadro 02:** Distribuição das aldeias na Reserva Índigena Mãe Maria.

<b>Rodovia BR-222</b>	
Nome da Aldeia	Localização
Akrāti	Km 15
Akrākýtêjê	Km 15
Kojakati	Km 16
Gavião Kriamretijê	Km 22
Krãpeitijê	Km 25
Gavião Kýtikatêjê	Km 25
Krijöhêrekatêjê	Km 29
Gavião Parkatêjê	Km 30
Akrãkaprekti	Km 35
Rohōkatêjê	Km 36
Akrōtikatêjê	Km 37

Fonte: Lopes (2017, p. 21).

**Mapa 02:** Localização do território Parkatêjê.



Fonte: LOPES, 2017.

Os resultados da expansão colonizadora do país sobre os povos Timbira refletiram na atual situação sociolinguística e histórica dos Parkatêjê, sua saga, sua sobrevivência na floresta, suas lutas internas, bem como as inúmeras epidemias, que quase os dizimaram completamente.

Parkatêjê é uma forma de denominação de vários povos, os quais são considerados "remanescente" de três grupos que viveram naquela região como aponta Ferreira (2003): “os Rõhokatêjê (turma do Cocal), os Kyjkatêjê (grupo da Ladeira Vermelha ou turma do Maranhão) e os Akrãtikatêjê (turma da Montanha)”. A junção dos três grupos ocorreu por diversos fatores, conforme revela Ferreira (2003, p. 20):

[...] em uma só aldeia está relacionada à história comum de disputas internas uma das causas era a posse de seu território tradicional, que sempre foi alvo de desavenças e de disputas com os não-índios que viviam nas proximidades; mas também à existência de várias facções a seu próprio modo de ser (FERREIRA, 2003, P. 20)

De acordo com Araújo (2008), os projetos desenvolvimentistas iniciados na década de 60, trouxeram os kupê para as proximidades da reserva indígena, o que ocasionou o aumento de contato com os kupê, gerando um enfraquecimento no uso da língua tradicional dos povos indígenas em relação ao português. Como exemplos desses projetos, a referida autora cita: A construção da PA 70 (atual BR-222), que cortou o território de modo a ligar a cidade de Marabá e a Rodovia Belém-Brasília; a linha de transmissão entre Marabá/PA e Imperatriz/MA pela Eletronorte; e a construção da ferrovia Carajás-Ponta de Madeira (Itaqui/MA) pela Companhia Vale do Rio Doce.

Essa constante luta em que os Parkatêjê se encontram revela a constante necessidade de afirmação dos valores culturais indígenas, pois a maior aproximação com a cultura nacional tem levado os povos Timbira a sua desconstrução, e em consequência, à perda de seus conhecimentos culturais e até mesmo o distanciamento de suas práticas linguísticas.

### **2.1.1. A língua Parkatêjê**

Conforme mencionado anteriormente, a língua Parkatêjê está inserida no complexo dialetal Timbira, na família Jê e tronco Macro-Jê. Há trabalhos com temas diversificados sobre os aspectos fonéticos e fonológicos, morfossintáticos e semânticos presentes na referida língua. Pode-se destacar como mais expressivos os trabalhos de Araújo (1977, 1989, 2016), os quais contêm temas que abordam aspectos fonéticos e fonológicos segmentais do Parkatêjê, além de abordar, de modo geral, as classes de palavras, com um estudo focado no vocabulário, o que

---

1 De acordo com Ferreira (2003), kupê é um nome dado pelo grupo Parkatêjê, para se referir aos não-índios.

resultou em um dicionário intitulado “Parkatêjê-Português”. Além destes, há também a tese de Ferreira (2003), uma relevante pesquisa, que descreveu os aspectos morfossintáticos do Parkatêjê com uma abordagem tipológico-funcional, entre outros trabalhos que contribuem para descrição e documentação dessa língua. Portanto, podemos citar também os trabalhos de Neves (2010, 2012), Lopes (2017), Silva (2016), Ribeiro-Silva (2016) e outros.

De acordo com Araújo (1977), as línguas da família Jê tendem a apresentar um sistema fonológico que contém um número maior de vogais em relação as consoantes. Ao todo são vinte e sete fonemas em Parkatêjê, sendo um total de dezesseis vogais e onze consoantes. Entre as vogais, segundo a referida autora, são dez orais e seis nasais, que possuem um contraste articulatorio nas posições anterior, média e posterior em relação à posição da língua, conforme ilustra o quadro abaixo:

**Quadro 03:** Inventário fonológico das vogais em Parkatêjê, segundo Araújo (1977).

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Altas fechadas	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Médias fechadas	e	ẽ			o	õ
Médias abertas	ɛ		ɜ		ɔ	
Baixas abertas			a			

Fonte: Araújo (1977, p. 124).

Em um estudo posterior, Neves (2010) propôs uma outra análise sobre as vogais do Parkatêjê, com base nas propriedades acústicas de tais segmentos, resultando em nove qualidades vocálicas que se distinguem entre anteriores, centrais e posteriores, divididas em altas, média e baixas, conforme apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 04:** Inventário fonológico das vogais em Parkatêjê segundo Neves (2010).

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Altas fechadas	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
Médias fechadas	e	ẽ	ə	ə̃	o	õ
Médias abertas	ɛ		ɜ		ɔ	
Baixas abertas			a			

Fonte: Neves (2010).

No que diz respeito as consoantes, Araújo (1977) afirma que o Parkatêjê apresenta cinco oclusivas surdas, a saber: bilabial /p/, alveolar /t/, alveolopalatal /tʃ/, velar /k/ e glotal /ʔ/. Além dessas, há duas nasais, sendo uma bilabial /m/ e outra alveolar /n/; uma fricativa glotal /h/; três aproximantes que se apresentam como: labiovelar /w/, alveolar /r/ e palatal /y/. O quadro abaixo reúne todas as consoantes do Parkatêjê:

**Quadro 05:** Inventário fonológico das consoantes em Parkatêjê.

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t	tʃ	k	ʔ
Nasal	m	n			
Líquida		r			
Semiconsoante	w		y		h

Fonte: Araújo (1977, p.124).

Segundo Ferreira (2003, p. 36), além das semelhanças nos aspectos fonéticos e fonológicos, o Parkatêjê também exhibe outras semelhanças em relação às línguas Jê, por exemplo, o fato de apresentar uma ordem básica de constituintes nas orações independentes, manifestando-se como Sujeito-Objeto-Verbo, o que pode indicar a presença de posposições. Além disso, a referida autora também destaca a ocorrência do genitivo antes do nome e a presença de prefixos relacionais.

No que se refere aos aspectos morfológicos, as classes de palavras dividem-se em abertas (nomes, advérbios e verbos) e classes fechadas (posposições, pronomes, partículas, conjunções, interjeições). Em síntese, de acordo com Ferreira (2003), o dialeto Parkatêjê apresenta:

→ Nomes classificados com relação ao tipo de posse: nomes não-possuídos<sup>2</sup> e os nomes possuídos, de modo que os últimos subdividem-se em alienavelmente possuídos ou inalienavelmente possuídos<sup>3</sup>.

→ De modo geral, os pronomes dividem-se em dois grupos: pronomes livres e pronomes dependentes.

→ Os verbos exibem, no mínimo, duas formas, as quais podem ser longa ou curta. Além disso, compõem o núcleo da locução verbal, localizando-se em posição final na oração. São divididos

<sup>2</sup> De acordo com Ferreira (2003), referem-se aos nomes próprios, aos nomes de plantas e aos fenômenos da natureza.

<sup>3</sup> Segundo Ferreira (2003), os nomes alienavelmente possuídos relacionam-se à posse de objetos da cultura material, enquanto os inalienavelmente possuídos relacionam-se à posse dos termos de parentesco, partes do corpo ou partes de um todo.

em verbos transitivos (possuem argumentos A e O e são ativos semanticamente) e verbos intransitivos (possuem um único argumento S), este último divide-se, com base em critérios semânticos, em verbos ativos e verbos estativos. Do ponto de vista semântico, os verbos podem ser ativos ou estativos. De acordo com os critérios morfossintáticos, os verbos ativos ocorrem com os pronomes livres, enquanto a ocorrência dos verbos descritivos ocorre com pronomes dependentes.

→ Embora a ordem canônica dos constituintes seja SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) em construções do tipo sujeito-predicado, é possível a ocorrência da topicalização do objeto de uma sentença, resultando em uma alteração da ordem, com o objeto localizando-se na primeira posição da sentença.

## 2.2 Considerações sobre o povo Canela Apãniekrá

O grupo conhecido como Canela Apãniekrá, de acordo com Alves (2004), está localizado na Terra Indígena Porquinhos, no município de Barra do Corda (MA) com uma população de aproximadamente 458 pessoas.

Apanyekrá significa "o povo indígena da piranha". Nimuendajú supõe que eram chamados por esse nome porque pintavam o maxilar inferior de vermelho, remetendo à imagem desse peixe carnívoro. A regularização da Terra Indígena Porquinhos aconteceu no começo da década de 1980. A aldeia principal encontra-se a cerca de 80 Km a sudoeste do município de Barra do Corda e 45 Km a oeste da aldeia ramkokamekrá de Escalvado. Está a leste do município de Grajaú, separada por 75 Km de área de cerrado facilmente transponível (ISA [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela\\_Apanyekr%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1)).

A primeira menção aos Apanyekrá data do final da década de 1810, quando são citados pelo militar Francisco de Paula Ribeiro. Segundo o Instituto Socio Ambiental eles habitavam a área montanhosa a oeste dos Kapiiekran, localizada muito ao norte dos caminhos dos vales de rios utilizados pelos colonos brasileiros (pelo Itapicuru e baixo Alpercatas, e pelos rios Parnaíba e Balsas). Sofriam, assim, menos ataques de jagunços, já que estavam menos expostos que os Kapiiekran, que habitavam as terras mais planas a leste e a sul ao longo do Itapicuru e do baixo Alpercatas. No início dos anos 1830, as terras férteis das nascentes do rio Corda e seus arredores foram ocupadas por uma família que criava gado. Os Apanyekrá passaram então a conviver com sertanejos que viviam imediatamente ao sul (ISA [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela\\_Apanyekr%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1)).

Culturalmente os Apãniekrá possuem ritos para ambos os sexos, por exemplo, na fase do nascimento, puberdade e casamento (várias etapas), o resguardo pós-parto (couvade) e o

luto. Os ritos de passagem para adolescentes consistem na perfuração de orelha para os meninos e reclusão para as meninas, por ocasião da primeira menstruação. Ambos os sexos têm práticas pós-pubertárias. A nomeação dos bebês, logo após o nascimento, é restrita aos doadores de nomes; o nascimento de um homem era anunciado pelo nomeador (ISA [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela\\_Apanyekr%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1)).

### 2.2.1. A língua Canela Apãniekrá

O Canela Apãniekrá também é parte do complexo dialetal Timbira. As produções mais relevantes dessa língua, na área da linguística, encontram-se nos trabalhos de Alves (1999, 2004), que produziu uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, nas quais a autora aborda temas diversificados sobre a fonética, fonologia, morfologia e sintaxe. Há também uma proposta diacrônica que é usada como base para explicar a formação do sistema de marcação de caso em Canela Apãniekrá. Além disso, a autora mencionada também trabalhou diretamente com a proposta de uma oficina para a elaboração de uma grafia uniformizada para os falantes dos dialetos Timbira, que tinha por objetivo contribuir para um “fortalecimento da unidade dos povos Timbira” (ALVES, 2004, p. 6).

Como relação ao inventário fonêmico do Canela Apãniekrá, Alves (2004) apresenta um quadro, em que a autora afirma ser o mesmo para o Canela Apãniekrá, Canela Ramkonkamekrá e Canela Krahô. Observemos o quadro a seguir:

#### Quadro 06: Invenário de fonemas do Apãniekrá/Ramkokamekrá/Krahô

Apãñ/Ramko/Krahô					
p	t	tʃ	k	ʔ	
m	n	ɲ	ŋ		
w	r	j		h	
i	ĩ	í	ĩ	u	ũ
e	ə	o			
ɛ	ẽ	ɜ	ɔ	ɔ	
a	ã				

Fonte: Alves (2004, p. 18).

Conforme é possível observar, as consoantes oclusivas em Apãniekrá, são exatamente as mesmas que estão presentes no Parkatêjê, realizando-se nos pontos de articulação: bilabial,

alveolar, palatal, velar e glotal. As consoantes nasais bilabial e alveolar também ocorrem de maneira idêntica ao Parkatêjê, no entanto, em Canela Apãniekrá nota-se o acréscimo das consoantes nasal palatal e nasal velar. Observa-se também que a semiconsoante bilabial que está presente no Parkatêjê, ocorre da mesma forma em Canela Apãniekrá, assim como a consoante líquida alveolar, a semiconsoante palatal e a semiconsoante glotal. Em relação às vogais, de acordo com Alves (2004), em Canela Apãniekrá há um total de 16 vogais, assim como também foi observado em Parkatêjê.

As classes de palavras analisadas por Alves (2004) para o Canela Apãniekrá foram: nomes, verbos, advérbios, pronomes, numerais, posposições, conjunções e partículas. De modo geral, destacamos algumas particularidades dessa língua, segundo Alves (2004):

→ De acordo com a classificação semântica, os nomes se dividem em: inalienáveis e alienáveis. Os nomes inalienáveis se referem aos nomes relacionados a partes do corpo, a termos de parentesco e a alguns objetos manufaturados. Já os nomes alienáveis são aqueles que se referem a objetos da cultura material, animais, plantas e fenômenos naturais.

→ A classificação dos pronomes, resumidamente, são: pessoais, reflexivos, recíprocos, demonstrativos e indefinidos.

→ De acordo com a classificação sintática, os verbos são divididos em transitivos (bivalentes, trivalentes e com sujeito dativo) e intransitivos (ativos, não-ativos, com sujeito dativo e com objeto indireto).

→ Possui uma ordem rígida OV presente nas orações declarativas básicas, no entanto, em orações clivadas, topicalizadas, focalizadas e interrogativas há variações da ordem.

→ A ordem de constituintes é SOV nas orações independentes, igualmente como foi verificado nos outros dialetos Timbira.

### **2.3 Considerações sobre o povo Canela-Krahô**

O povo Canela-Krahô habitava os campos de cerrado no sul do Maranhão, dividindo o mesmo território com outros grupos conhecidos na literatura etnológica e antropológica como Timbiras Orientais, ao passo que os Apinajé constituem o grupo dos Timbira Ocidentais (NIMUENDAJÚ APUD MIRANDA, 2014, p. 17).

Em relação a sua história, os Krahô foram incorporando diferentes grupos Jê, sobreviventes das batalhas frente ao grupo pastoril que crescia. Anteriormente, ocorreu uma aliança entre fazendeiros e alguns grupos Timbira que, posteriormente, foi desfeita, em vista dos indígenas serem acusados de matar o gado das fazendas.





o sistema pronominal do Krahô, já Miranda (2014) teve como foco de sua pesquisa a ampliação dos aspectos gramaticas que foram abordados parcialmente ou que não foram abordados nos outros trabalhos, propondo novas possibilidades de descrição e análise para o Krahô.

De acordo com Miranda (2014), a língua Canela-Krahô possui doze consoantes, que se apresentam como: oclusiva bilabial /p/, oclusiva alveolar /t/, oclusiva velar /k/, africada alveolar /ts/, africada velar /k<sup>h</sup>/, fricativa glotal /k/, nasal bilabial /m/, nasal alveolar /n/, nasal velar /ŋ/, aproximante bilabial /w/, vibrante alveolar /r/ e aproximante palatal /j/, conforme verificado no quadro abaixo:

**Quadro 07:** Sistema consonantal Krahô.

	BILABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	GLOTAL
OCCLUSIVA	p	t		k	
AFRICADA		ts		k <sup>h</sup>	
FRICATIVA					h
NASAL	m	n		ŋ	
VIBRANTE		r			
APROXIMANTE	w		j		

Fonte: Miranda (2014, p. 24)

Segundo Miranda (2014), o Canela-krahô apresenta o total de dezesseis vogais, dentre as quais dez são orais e seis são nasais. Segundo o referido autor, as vogais se dividem em anteriores, centrais e posteriores e com relação à altura da língua podem ser altas, médias e baixa, ilustrado no quador a seguir:

**Quadro 08:** Sistema vocálico Krahô.

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL	ORAL	NASAL
ALTA	i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
MÉDIA	e ɛ	ẽ	ə ɐ		o ɔ	õ
BAIXO			a	ã		

Fonte: Miranda (2014, p. 39).

De modo geral, as classes de palavras dividem-se em: nomes, pronomes, verbos, posições, advérbios, numerais, conjunção interjeição. Assim como foram destacados alguns aspectos sobre o Parkatêjê e o Canela Apãnikrá, fizemos também com o Canela-Krahô:

→ Os nomes também recebem a classificação de alienavelmente possuídos ou inalienavelmente possuídos. Segundo Popjes e Popjes (1986), os nomes inalienáveis se referem a partes do corpo ou a termos de parentesco. Para Miranda (2014, p. 71), os nomes inalienáveis foram chamados de nomes relativos, que estão relacionados a partes de um todo, partes do corpo humano, parte dos animais, parte das plantas, partes de objetos, termos de parentesco, etc. Os nomes alienáveis parecem fazer referência a objetos da cultura material, assim como foi observado nas outras línguas Timbira.

→ Os pronomes são divididos em: pessoais, demonstrativos, interrogativos, indefinidos, reflexivo e recíproco.

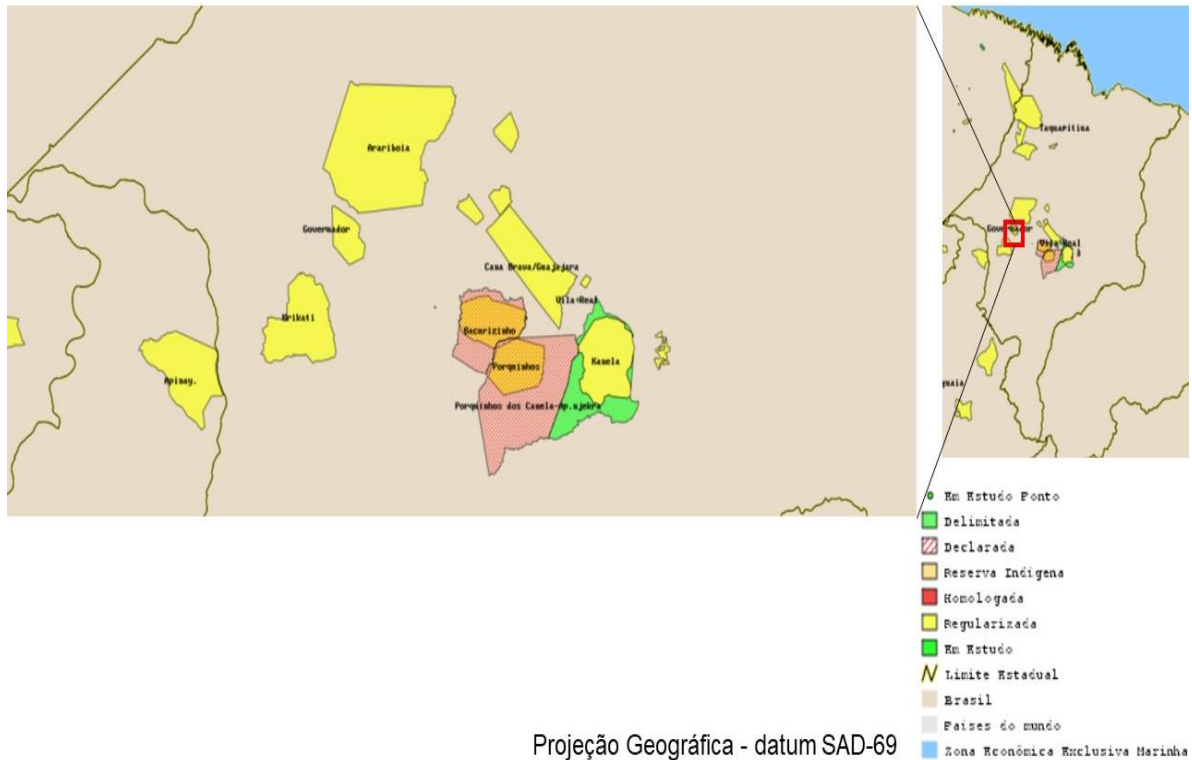
→ Conforme visto nas outras línguas em estudo, em Canela-Krahô, os verbos são classificados, sintaticamente, como transitivos ou intransitivos.

→ A ordem dos constituintes também é SOV, assim como nas outras línguas em questão.

#### **2.4 Considerações sobre o povo pykobjê**

O povo Pykobjê também faz parte do gupo que compõe os povos Timbira. Atualmente, os Pykobjê ocupam uma área de aproximadamente 42 mil hectares demarcada em 1970, no município de Amarante, Maranhão. Com uma população de aproximadamente 540 índios, estão divididos em três aldeias – Governador, Rubiácea e Riachinho – distando entre 6 e 25 km da cidade de Amarante (AMADO, 2004 p. 01). Veja o mapa abaixo:

**Mapa 04:** Terra Indígena Governador – Território Pykobjê



Fonte: Adaptado de Funai, 2020.

Segundo Silva (2011) o pátio é uma referência importante tanto para os Pykobjê, quanto para os Timbira em geral, pois, “[...] é o local das reuniões masculinas, para a tomada de decisões importantes. As mulheres também ocupam o pátio, sobretudo, em dias festivos [...]” (SILVA, 2011 p. 27).

Para os Pykobjê, bem como para todos os Timbira, a passagem do tempo se divide em dois momentos: a “estação das chuvas”, que corresponde ao verão no Brasil (de outubro a março), chamada por eles de *amcro*; e a “estação da seca”, que corresponde ao inverno no Brasil (de abril a setembro), conhecido entre eles por *ta'ty* (SILVA, 2011 p. 29).

Esses momentos são importantes como uma forma de interrelação tanto pessoal, quanto social. Pois, esses momentos ajudam na aproximação dos povos Timbira estreitando as relações sociais e culturais, principalmente quando da ocorrência de matrimônio entre indivíduos de aldeias diferentes.

#### 2.4.1 A língua Pykobjê

É sabido que o Pykobjê é mais uma das línguas que compõe o grupo Timbira, pertencente à família Jê e tronco Macro-Jê. De acordo com Silva (2011), há dois trabalhos de

pesquisas relevantes sobre Pykobjê, ambos pertencentes a Rosane de Sá Amado, que escreveu uma dissertação de mestrado (SÁ, 1999) e uma tese de doutorado (AMADO, 2004). A dissertação de Sá (1999) teve como objetivo apresentar aspectos fonológicos do Pykobjê, como: as unidades distintivas, o padrão de acento, estrutura da sílaba, dentre outros aspectos. Segundo Silva (2011), a tese de Amado (2004) teve como objetivo apresentar um estudo morfológico a fim de ampliar aspectos da pesquisa realizada em 1999. Além dos trabalhos citados anteriormente, acrescentamos outro estudo expressivo dessa língua, realizado por Silva (2011), que trata, em sua dissertação de mestrado, sobre os aspectos morfossintáticos do nome e do verbo do Pykobjê-Gavião, uma vez que tal pesquisa aborda questões que não foram estudadas nos trabalhos anteriores pelo fato de haver um diferente foco de análise.

De acordo com Amado (2004) há onze consoantes no dialeto Pykobjê, apresentados no quadro a seguir:

**Quadro 09:** Inventário de fonemas consonantais em Pykobjê

	Labiais	Coronais		Dorsais		Glotal
Obstruintes	p	t	tʃ	k	k <sup>h</sup>	h
Nasais	m	n				
Aproximantes	w	r	j			

Fonte: Amado (2004, p. 20).

Conforme observado no quadro (6), são seis obstruintes (uma labial /p/, duas coronais /t/ e /tʃ/, duas dorsais /k/ e /k<sup>h</sup>/ e uma glotal /h/); são duas nasais (labial /m/ e coronal /n/) e três aproximantes (labial /w/, coronal /r/ e coronal /j/).

Segundo Sá (1999) são dez vogais que se dividem em orais e nasais, como ilustrado abaixo:

**Quadro 10:** Sistema vocálico Pykobjê

VOGAIS ORAIS							
	i	ĩ	u	e	ə	o	a
Aberto 1		-			+		+
Aberto 2		-			-		+
VOGAIS NASAIS							
ẽ ã õ							

Fonte: Sá (1999, p. 11).

Quanto ao ponto de articulação, Sá (1999) afirma que elas podem ser coronais, dorsais ou dorsais/labiais:

**Quadro 11:** Ponto de articulação das vogais em Pykobjê

Coronais	Dorsais	Dorsais /labiais
i	ĩ	u
e	ə	o
	a	

Fonte: Sá (1999, p. 11).

No que diz respeito às classes de palavras, sete foram observadas por Amado (2004): nomes, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes, posições e partículas. Podemos destacar algumas semelhanças em relação aos outros dialetos Timbira, a saber:

→ Os nomes também são classificados quanto aos aspectos semânticos. Desse modo, os nomes podem ser alienavelmente possuíveis (referem-se a objetos da cultura material, animais e plantas), ou inalienavelmente possuídos (referem-se a partes do corpo, termos de parentescos, alguns objetos da cultura material e termos referentes ao ser como alma, sombra, secreções como pus, suor, entre outros).

→ De modo geral, os pronomes são classificados em: pronomes pessoais (dependentes, independentes e enfáticos); pronomes reflexivos, pronomes recíprocos, pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos e interrogativos.

→ Quanto à transitividade, os verbos dividem-se em intransitivos e transitivos. Há uma subdivisão dos verbos intransitivos em ativos e estativos, do mesmo modo como ocorre em Parkatêjê e Canela Apãniekrá.

→ Possui uma ordem rígida do tipo OV, como todas as outras línguas Timbira.

Após a breve exposição de informações básicas sobre os povos Parkatêjê, Canela Apãniekrá, Canela-Krahô e Pykobjê, bem como as informações gerais sobre as suas respectivas línguas, concluímos este capítulo. Adiante serão apresentadas algumas considerações teóricas sobre as adposições.

### 3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: ADPOSIÇÕES

Neste capítulo apresento algumas considerações teóricas sobre o conceito de adposições, inspirada no livro de Hagège (2010), abordo algumas questões acerca de seus contextos de ocorrência no campo morfológico, sintático e também trato de algumas

informações sobre seu comportamento semântico. Este estado da arte foi elaborado com base em: Kurzon e Adler (2008), Genetti (2014), Lestrade (2006), Broekhuis (2013), Hagège (2010), Blake (2004), Dixon (2010), entre outros.

### 3.1 O que são as adposições?

As adposições estão presentes na maioria das línguas do mundo e a ocorrência desses elementos tem chamado a atenção de muitos teóricos e estudiosos em virtude de sua natureza problemática, pois, como afirma Kurzon e Adler (2008):

Para explicar melhor a natureza problemática dessa classe de palavras, vamos, como exemplo final, levantar a questão de sua semântica. Por um lado, temos autores que categorizam essa classe de palavras entre elementos gramaticais, para distingui-la dos lexicais (Martinet 1960; Piot 1988), sugerindo assim a natureza básica do significado das adposições ou mesmo o fato de que em alguns contextos eles não têm significado (Kurzon 2002). Por outro lado, enfrentamos o problema da natureza altamente polissêmica das adposições (Cadiot 1997; Cervoni 1991; Leeman 1997), o que significa que essa classe de palavras tem significado, afinal. (KURZON E ADLER, 2008, p. 4) (Tradução nossa).<sup>4</sup>

Além da problemática do ponto de vista semântico desses elementos, Kurzon e Adler (2008) também citam outras divergências presentes em pesquisas sobre adposições, por exemplo, o fato de que geralmente elas são tratadas como uma classe de palavras invariáveis, entretanto, em línguas semíticas foram encontradas preposições que variam morfologicamente se o complemento for um pronome pessoal. Um exemplo citado pelos referidos autores é a preposição árabe “li” (para), que, ao ser combinada com o pronome pessoal “hu” (ele), manifesta-se como “lahu” (para ele), neste caso, observamos a mudança da vogal “i” na preposição “li”, que passa a ser representada pela vogal “a” em “lahu”. Quando combinada com o pronome “nā” (nós), ocorre novamente a mudança na forma da preposição, manifestando-se como “lanā” (para nós), ou seja, novamente ocorre a troca da vogal “i” pela vogal “a” na referida preposição. Outras questões são levantadas pelos autores supracitados, no entanto, este trabalho pretende apresentar uma visão geral dos principais conceitos e características das adposições com o propósito de compará-las nas línguas indígenas em estudo, portanto, não abordaremos profundamente questões relacionadas a sua natureza problemática.

---

<sup>4</sup> To further account for the problematic nature of this word-class, let us, as a final example, raise the question of its semantics. On the one hand, we have authors who categorize this word-class among grammatical elements, to distinguish it from lexical ones (Martinet 1960; Piot 1988), thus suggesting the basic nature of the meaning of adpositions, or even the fact that in some contexts they are empty of meaning (Kurzon 2002). On the other hand, we face the problem of the highly polysemic nature of adpositions (Cadiot 1997; Cervoni 1991; Leeman 1997), which means that this word-class has meaning after all. (KURZON E ADLER, 2008, p. 4)<sup>4</sup>

Miller e Brown (2013) afirmam que a adposição é um termo geral que abrange dois conceitos menores: preposições e adposições. Segundo os referidos autores, a diferença entre eles é que a preposição ocorre antes dos nomes, enquanto a posposição ocorre depois dos nomes, ou seja, a posição que esses elementos ocupam determinam a sua classificação.

De acordo com Genetti (2014) as adposições formam uma classe de palavras gramaticais, ou seja, trata-se de palavras que exercem papel gramatical e são mais restritas em seus significados, diferenciando-se das classes de palavras lexicais, como nomes e verbos, que possuem significados mais amplos. Genetti (2014) afirma que as palavras gramaticais constituem classes fechadas, isso significa que a inclusão de novas palavras dentro dessa categoria não é algo constante.

Para Genetti (2014), a maioria das palavras independentes que tem significado gramatical é inflexionável, apresentando uma única forma morfológica, daí porque são chamadas de partículas e podem ocorrer em diferentes classes de palavras.

Nesse sentido, Kurzon e Adler (2008) afirmam que as adposições são invariáveis e podem preceder ou seguir um complemento para relacioná-lo a outro elemento na sentença. Esta é exatamente a definição utilizada por Genetti (2014, p. 108), por meio da qual afirma que as adposições são “geralmente” partículas que ocorrem com um sintagma nominal e indicam a relação gramatical, semântica, espacial, temporal ou lógica do sintagma nominal com o outro elemento da cláusula. Estas podem ser classificadas como preposições (se ocorrerem antes do sintagma nominal que a acompanha) ou posposições (se ocorrerem depois do sintagma nominal que a acompanha). A autora cita exemplos do inglês, que apresenta preposições, e do japonês, com posposições, respectivamente.

- (1) I went to [the beach].  
 The girl with [the umbrella] was still getting wet.  
 You'll find the key under [the mat].  
 He plays like [a professional athlete].<sup>5</sup>

(GENETTI, 2014, p. 109)

---

<sup>5</sup> Eu fui para [a praia].

A garota com [o guarda-chuva] ainda estava se molhando.

Você encontrará a chave sob [o tapete].

Ele joga como [um atleta profissional]. (tradução nossa)



- (2) Taroo wa tosyokan ni itta ga, hon wa yomanakatta  
 Taroo TOP library to go.PST but book TOP read.NEG.PST  
 'Taroo went to the library but did not read a book.'  
 'Taroo foi à biblioteca mas não leu um livro'.

(GENETTI, 2014, p. 109, TRADUÇÃO NOSSA)

Genetti (2014) ressalta que, em (2), a posposição 'ni' (para) ocorre depois do nome 'tosyokan' (biblioteca), isso significa que a ordem de palavras exibida no inglês é diferente da ordem exibida no japonês. Portanto, no inglês as adposições são chamadas de preposições, e no japonês as adposições são chamadas de posposições, em razão do que já foi explicado.

Entretanto, para Kurzon e Adler (2008), o conceito de adposições, citado anteriormente, que é frequentemente utilizado pela maioria dos linguistas, não contempla o componente semântico, o que pode gerar uma descrição incompleta acerca desses elementos, pois, de acordo com os autores supracitados, para explicar os vários contextos em que as adposições podem aparecer, uma estratégia muito utilizada por linguistas que escrevem sobre o tema é a de que as adposições são indicadores de argumentos ou marcadores de funções.

De acordo com Lestrade (2006, p. 19) as adposições são oriundas de processos de gramaticalização. O autor supracitado as define como pequenas partes do discurso, que são indeclináveis e indicam uma relação entre dois constituintes na sentença. Para ele, o termo "adposição" é utilizado de forma genérica, já que os termos preposição e posposição estão inclusos nele. De acordo com o autor, as adposições podem marcar a relação entre um nome e um verbo (núcleo), isto é, elas marcam caso. Ele explica que esta é a razão pela qual Blake (2004) afirma que as adposições podem ser consideradas como contrapartes analíticas dos sufixos marcadores de caso sintético.

Pires (2010) afirma que, frequentemente, nas línguas naturais, as preposições e posposições formam uma classe fechada de elementos e manifestam-se ou como afixos relacionados a nomes ou como morfemas livres junto a um sintagma nominal, verbal etc. Ele destaca as adposições como elementos relacionadores, indicando informações com conteúdo semântico, a saber: locativo, direcional, benefactivo, comitativo, instrumental, alativo, elativo, recipiente, possuído, entre outros. Para exemplificar, Pires (2010, p. 229) apresenta as seguintes frases:

- (3) a. O João pôs o livro **na** estante. (locativo)  
 b. A Ana viajou **de** São Paulo **para** Campinas ontem. (direcional)

- c. Paulo deu o livro **ao** amigo. (benefactivo)
- d. Maria foi ao parque **com** a mãe dela. (comitativo)
- e. Ele cortou o pão **com** a faca. (instrumental)

(PIRES, 2010, p. 229)

Broekhuis et al. (2013), no livro “Syntax of Dutch – Adpositions and Adpositions Phrases<sup>6</sup>”, apresentam uma discussão acerca das adposições e de como elas se diferenciam de outras classes de palavras como verbos, nomes e adjetivos. Um dos primeiros aspectos destacado por eles é o fato das adposições constituírem uma classe de palavras pequena e fechada, já que tais elementos podem ser contados numa língua, entretanto, os autores afirmam que, em alguns casos, pode haver a possibilidade de introdução de novas adposições na classe.

## 3.2. Adposições no contexto morfológico

### 3.2.1 Adposições e afixos de caso

A estratégia de marcação de caso está presente em várias línguas do mundo, e muitos artifícios podem ser utilizados para este fim, no entanto, os mais frequentes são: as adposições e os afixos de caso, isso é o que afirma Hagège (2010) sobre tais elementos. De acordo com Dryer (2007), na perspectiva da tipologia linguística, os afixos de caso têm sido tratados como adposições, entretanto, o referido autor ressalta que os afixos de caso são distintos das adposições pelo fato de que cabe à morfologia das línguas o estudo desses elementos em relação à posição que ocupam no radical dos nomes em que ocorrem, por outro lado, as adposições são analisadas do viés da sintaxe, quanto à posição que ocupam no sintagma. Na prática, no entanto, não é tão simples tal distinção. Tanto que Hagège (2010) afirma que não há uma nítida distinção entre esses dois mecanismos, uma vez que ambos exercem a mesma função sintática. Apesar da dificuldade que há em identificar a distinção das funções das adposições e dos afixos de caso, o referido autor propõe alguns critérios para diferenciá-los.

A fim de estabelecer as diferenças entre essas estratégias de marcação de caso, o referido autor exhibe a noção de caso, tradicionalmente citada por linguistas. Trata-se da marcação das funções sintáticas, tais como: sujeito, objeto, objeto indireto e complementos adnominais. Além desses, há também os argumentos periféricos ou não nucleares, que são complementos espaço-temporais (como os ablativos, por exemplo) e complementos não-espaço-temporais (os comitativos são um dos que representam este tipo de complemento).

---

<sup>6</sup> Sintaxe do Holandês – Adposições e Sintagmas Adposicionais (tradução nossa).

Ainda sobre a noção de caso, Blake (2004, p. 1) afirma que se trata de um sistema usado para marcar nomes dependentes e a relação que eles possuem com seus núcleos. De acordo com este autor, o termo está relacionado à marcação flexional, pois “marca o caso da relação de um nome com um verbo, quando se refere a uma cláusula, ou de um nome com uma preposição, posposição ou outro nome quando se refere ao nível do sintagma.” (BLAKE, 2004, p. 1).

Hagège (2010) afirma que as adposições e os afixos de caso exercem a mesma função, e que os estudos sobre os aspectos morfológicos entre esses elementos são insuficientes para estabelecer uma distinção entre esses dois mecanismos de marcação de função. Dessa forma, ele estabelece seis diferenças, que serão apresentadas a seguir:

Para Hagège (2010, p. 25), os afixos diferem das adposições por se apresentarem como vogais simples ou morfemas monossilábicos, como ocorre no alemão, russo e árabe, que possuem as vogais –u, –a, para o nominativo, o acusativo e a consoante –z para o genitivo-dativo, respectivamente. Por outro lado, as adposições podem ser monossilábicas, bissilábicas e até mesmo polissilábicas, porém nunca são representadas por uma só vogal.

A segunda diferença está baseada no fato de que os afixos de caso são organizados em paradigmas em línguas flexionais, porém isso não ocorre com as adposições.

Já a terceira diferença está baseada na tendência para a duplicação do caso, a qual geralmente ocorre em línguas flexionais em que os morfemas do termo governado recebem o sufixo de caso, além do nome principal. Isso ocorre em russo, veja os exemplos abaixo:

(4) Russo (Kilby 1981: 105)

a.	v	odn-om	bol's-om	dom-e
	in	one-LOC.M.SG	big-LOC.M.SG	house-LOC
		'in a certain big house'		
		'em uma certa casa grande'		

b. \*v odn- bol's-dom-e

c. \*v odn-om v bol's-om v dom-e

(HAGÈGE, 2010, p. 26, TRADUÇÃO NOSSA)

Note que em (4.a) além do termo governado “dom” (casa), que recebe um afixo de caso locativo (-e), há também uma duplicação do afixo de caso locativo (-om), que ocorre no nome “bol's” (grande) e no nome “odn” (uma). Entretanto, a sentença (4.b) é agramatical, uma vez que tal duplicação não ocorre. Hagège (2010) ressalta que, diferentemente dos afixos de caso,

as adposições ocorrem apenas uma vez como o primeiro elemento do sintagma adposicional e não podem ocorrer com todos os elementos do sintagma, como ilustrado em (4.c) que é uma sentença agramatical. No caso do japonês, que é uma língua posposicional, as adposições ocorrem somente com o último elemento do sintagma posposicional, como no exemplo (5):

(5) JAPONÊS (isolate, Japan)

ikken-no furui ooki-na ie de hataraku  
 one-GEN old big-ADJ.MK house ACT.INESS work  
 'to work in an old and big house'  
 'trabalhar em uma casa velha e grande'

(HAGÈGE, 2010, p. 26, TRADUÇÃO NOSSA)

Hagège (2010) afirma que embora haja essa tendência da não duplicação das adposições na maioria das línguas, é possível encontrar exceções, como no caso de algumas posposições húngaras como 'föLött' (acima), no exemplo (6):

(6) HÚNGARO (Ugric, Finno-Ugric, Uralic, Hungary) (Plank 1995k 63)

e föLött a hajô föLött  
 PROX.DEM above ART ship above  
 'above this ship'  
 'acima deste navio'

(HAGÈGE, 2010, p. 27 TRADUÇÃO NOSSA)

De acordo com Hagège (2010) em (6) ocorre a duplicação da posposição "föLött" que se comporta como um afixo de caso. Para ele é comum esse comportamento de adposições em sintagmas que contém pronomes demonstrativos em húngaro.

A quarta diferença citada pelo referido autor é uma característica presente nos afixos de caso, que está relacionada ao fato de esses elementos combinarem caso com gênero e/ou número, diferentemente das adposições, que não possuem tal característica.

A quinta diferença citada por Hagège (2010) é sobre a possibilidade de combinações existentes entre adposições e morfemas indicadores de diminutivo ou negações, por exemplo. O autor supracitado não dispensa a possibilidade de ocorrência dessas combinações com afixos de caso, porém afirma que tal ocorrência é desconhecida para ele.

Para concluir a lista de critérios que distinguem as adposições dos afixos de caso, Hagège (2010) cita a diferença de tamanho entre esses elementos, uma vez que os afixos de casos são menores que as adposições. De acordo com o referido autor, nas línguas que possuem os dois mecanismos para marcar as funções, a tendência é que os afixos de caso sejam mais frequentes em relação às adposições, já que eles são os principais marcadores das funções nucleares.

Segundo Blake (2004, p. 9), é possível afirmar que as adposições exercem papel de marcadores de caso analítico, enquanto os afixos são considerados marcadores de caso sintético. Ele explica que a diferença fundamental na marcação de caso entre o japonês e o latim é que no primeiro ocorre somente posposições, já no segundo, além dos afixos de casos, há também adposições. Blake (2004) afirma que as preposições em latim são comparadas ao verbo pelo fato de governar casos. Deste modo, uma das formas de usar as preposições e sufixos de casos é combiná-los para marcar a relação entre nomes e verbos. De acordo com o autor supracitado, em (7.a) há um verbo transitivo que governa o acusativo, já em (7.b) esta função é executada por meio da preposição “in”, enquanto em (7.c) o ablativo é governado por um verbo intransitivo, já em (7.d) a preposição “in” governa o ablativo, o qual tem a função de indicar a localização, uma vez que “manēre” significa ‘permanecer’ e “urbs” significa ‘cidade’, por sua vez, a preposição “in” significa ‘dentro’. Blake (2004, p. 9) afirma que a relação entre “urbs” e o verbo é marcada pela combinação da preposição com o sufixo de caso:

(7) acusativo

a. Mīlitēs vident urbem

‘The troops see the city.’

‘As tropas vêem a cidade’

b. Mīlitēs vādunt in urbem

‘The troops go into the city.’

‘As tropas vão para a cidade’

ablativo

c. Mīlitēs potiuntur urbe

‘The troops are in control of the city.’

‘As tropas estão no controle da cidade’

- d. Mīlitēs manent in urbe  
 ‘The troops stay in the city.’  
 ‘As tropas permanecem na cidade’

(BLAKE, 2004, p. 9, TRADUÇÃO NOSSA)

Blake (2004, p. 10) ainda acrescenta que os casos em latim, geralmente, são governados por uma preposição específica, entretanto, a preposição “in” pode governar tanto o ablativo como o acusativo. As adposições ocorrem de maneira diferente em línguas indo-arianas, já que as posposições, em geral, nessas línguas, exigem o caso oblíquo (com algumas raras exceções). Por outro lado, todas as preposições do inglês marcam o caso acusativo, como em “with me” (comigo) ou “from her” (dela). O referido autor cita que “em situações como essas, argumenta-se que o sufixo do caso é redundante e a posposição carrega o único ônus de marcar a relação dos nomes dependentes com o núcleo, como no japonês.”<sup>7</sup> (BLAKE, 2004, p. 10, tradução nossa).

Uma relevante questão levantada por Blake (2004, p. 11) é o fato de que, em algumas línguas como o inglês, há uma nítida clareza de que as adposições (preposições) são palavras e não prefixos, uma vez que nessa língua há ocorrências que deixam isso tão claro como em: “Who did she give it to?”<sup>8</sup> Segundo o autor, este exemplo representa um dos maiores indícios de que as adposições são palavras, no entanto, não se encontram exemplos como estes em grande parte das línguas do mundo, o que poderia gerar equívocos em descrições de línguas ainda desconhecidas ou pouco estudadas, como é o caso de algumas línguas indígenas.

No entanto, Blake (2004) afirma que uma forma de resolver este problema poderia ser por meio da coordenação de nomes, já que, nesse caso, uma característica dos marcadores de caso é que eles ocorrem em todos os nomes coordenados. Por outro lado, uma adposição pode ocorrer antes da sequência dos nomes coordenados. Se for uma preposição, e se for uma posposição, ocorrerá depois. Além disso, há também alguns marcadores que aparecem integrados à raiz da palavra por questões relacionadas à fonologia, entretanto, eles podem ser confundidos com afixos. Uma das formas de diferenciá-los é o fato de tais marcadores se localizarem sempre na posição final do sintagma com nomes coordenados. Veja o exemplo do coreano, citado por Blake (2004):

---

<sup>7</sup> In situations like these it has been argued that the case suffix is redundant and the adposition bears the sole burden of marking the relation of dependent nouns to their heads as in Japanese.

<sup>8</sup> Para quem ela deu? (Tradução nossa).

- (8) a. Joe-kwa    Mary-ka    yenay-lul    hanta  
           Joe-AND    Mary-NOM    love-ACC    do  
           ‘Joe and Mary are in love.’  
           ‘Joe e Mary estão apaixonados’

- b. \*Joe-ka-kwa    Mary-ka    yenay-lul    hanta

(BLAKE, 2004, p. 11, TRADUÇÃO NOSSA)

Em (b) os dois argumentos recebem a marca ‘ka’ do nominativo. É isso que torna o exemplo agramatical.

Blake (2004) afirma que o sujeito não pode receber a marca de nominativo –ka/i se estiver no mesmo sintagma coordenado com ‘kwa’, conforme observado em (8.a). Isso explica porque a sentença em (8.b) é agramatical.

### 3.2.2 Adposições e clíticos adposicionais

Segundo Blake (2004), há um tipo de adposição que pode ser cliticizada, a qual é chamada de adposição proclítica, se for uma preposição, ou adposição enclítica, se for uma posposição. Para uma melhor compreensão dessas adposições, antes de mais nada, é necessário entender o que são os clíticos, uma vez que esse termo tem uma relação direta com as adposições proclíticas e enclíticas. Dessa forma, Blake (2004, p.12) define os clíticos como elementos que se assemelham a palavras por apresentarem uma forma livre, entretanto, quando são pronunciadas, tais palavras se ligam fonologicamente a outra palavra adjacente. Quando esse elemento se une à palavra a seguir, denomina-se como proclítico, e quando esse elemento se une à palavra que o antecipa, denomina-se como enclítico. Segundo o autor mencionado, no francês ocorrem ambas as formas. Veja o exemplo a seguir:

- (9) Où descends-tu?  
       ‘Where do you get off?’  
       ‘Onde você desce?’

A l’arrêt de la rue de Rivoli, je vais faire des emplettes.

‘At the Rue de Rivoli stop, I’m going to do some shopping.’

‘Na parada da rua de Rivoli, eu vou fazer compras.’

(BLAKE, 2004, p. 12, TRADUÇÃO NOSSA)

Nos exemplos acima, ocorrem dois pronomes. O pronome ‘tu’ funciona como enclítico e o pronome ‘je’, como proclítico. Blake (2004, p. 12) afirma que essas formas não podem ser acentuadas ou pronunciadas como palavras separadas do verbo que a acompanha. Ele acrescenta que nos casos em que o acento é necessário, devem-se usar, em adição, os pronomes ‘toi’ e ‘moi’, que são formas não clíticas especiais.

Conforme mencionado anteriormente, de acordo com o autor supracitado, algumas posições podem ser cliticizadas, isto é, podem se comportar como clíticos. Este é o caso das formas turcas -ile/-ila que podem indicar instrumento ou acompanhamento.

(10) tren-le  
 ‘by train  
 ‘de trem’

kız-lar-la  
 ‘with the girls’  
 ‘com as meninas’

(BLAKE, 2004, p. 12, TRADUÇÃO NOSSA)

Em (10), Blake (2004, p. 12) afirma que as formas aparecem reduzidas, apresentando harmonia entre as vogais. Nos referidos exemplos, as formas se assemelham muito aos sufixos de caso, mas ele explica que essas formas poderiam ser faladas como uma palavra separada, além disso, governa o genitivo com pronomes singulares, que é uma característica peculiar de posições. A diferença entre os pronomes franceses em (9) e as adposições cliticizadas em (10), de acordo com o autor, é o fato de que os pronomes franceses são sempre clíticos, por outro lado, as formas -ile/-ila podem ou não ser usadas como clíticos.

### 3.3. Adposições no contexto sintático

#### 3.3.1. Ordem de palavras e sintagmas adposicionais

De acordo com Hagège (2010, p. 197), as línguas que possuem um sistema nominal de marcação de caso por meio de afixos, tendem a exibir uma ordem de palavras mais flexível em relação às línguas que não possuem tal declinação.

O referido autor menciona o exemplo do latim, que possuía um rico sistema de marcação de caso nominal e ordem livre de constituintes. Porém, no primeiro século depois D.C., notou-



se que a acentuação das penúltimas ou antipenúltimas sílabas das palavras causou uma constante fraqueza das sílabas finais átonas, o que ocasionou mudanças na língua.

Além disso, as palavras passaram a receber uma marcação de acordo com a ordem que possuíam na sentença (marcação que antes era exercida pelos afixos de caso), o que resultou numa ordem de palavras mais fixa em substituição à função exercida pelos afixos de caso em latim. Desse modo, a frase em latim ‘*Petrus Paulum ferit*’ poderia também ser representada por ‘*Paulum Petrus ferit*’ ou ‘*Paulum ferit Petrus,*’ e a alteração da ordem não mudaria o sentido, entretanto, no francês moderno, a mesma frase exhibe somente uma ordem ‘*Pierre frappe Paul*’ (Pierre atingiu Paul), em que ‘*Pierre*’ tem função de sujeito, e ‘*frappe Paul*’ é o objeto da sentença. Dessa forma, as preposições surgiram com o propósito de substituir os afixos de caso, uma vez que o uso desses elementos estava caindo em desuso.

De acordo com Hagège (2010), línguas como o Chinês e o Inglês marcam as funções essenciais como sujeito e objeto direto pela ordem de palavras. No entanto, essa ordem pode não ser tão rígida, se o sintagma adposicional for um complemento periférico, já que eles podem ocorrer em diferentes posições na sentença. No exemplo a seguir, o sintagma preposicional como um todo ocorre em posições diferentes na sentença: uma vez depois do sujeito e outra vez antes.

(11) CHINÊS MANDARIM (Hagège 1975: 280)

wǒ	yīnle	tā	cái	néng	mǎn	yīn	qīngchūn	de
1SG	because of	3SG	SUB	can	fill	drink	youth	CONN.ADP
Chúnjiǔy	dàn	yīnle	tā	wǒ	rènshi	le	rénsheng	
liquor	but	because of	3SG	1SG	know	PST	life	

'It is because of him that I was able to drink the wine of youth, but I learnt life because of him too'

'É por causa dele que eu pude beber o vinho da juventude, mas aprendi a vida por causa dele também'

(HAGÈGE, 2010, p. 198, TRADUÇÃO NOSSA)

As adposições também podem governar um sintagma nominal que ocupa a posição de tópico de uma sentença, tanto no Inglês quanto no Chinês Mandarim. Para o autor citado, as adposições podem ocupar no mínimo duas posições diferentes, sem possuir uma diferença semântica considerável, ainda que do viés hierárquico esta diferença não seja ignorada. Veja o exemplo a seguir:

## (12) CHINÊS MANDARIM (Hagège 1975: 276)

- a. Huō tóngzhì guānyú jìlǜ zhǐshì shuō le yīng shuō  
 Huo comrade about discipline only say PST should say  
 de yī bùfen  
 CONN.ADP one part

'Comrade Huo has said about discipline only a part of what should be said'

'O camarada Huo disse sobre a disciplina apenas uma parte do que deve ser dito '

- b. guānyú jìlǜ Huō tóngzhì zhǐshì shuō le yīng shuō de  
 huo yī bùfen

'About discipline, Comrade Huo has said only a part of what should be said'

'Sobre a disciplina, o camarada Huo disse apenas uma parte do que deve ser dito '

(HAGÈGE, 2010, p. 199, TRADUÇÃO NOSSA)

Em línguas que possuem uma ordem de elementos mais flexíveis, pode-se encontrar diversas formas de sistemas de marcação de casos. Comrie (1989, pág. 111) apresenta determinados símbolos que são frequentemente usados em tais sistemas:

O único argumento de um predicado intransitivo simbolizaremos como S; isso é claramente mnemônico para o sujeito e, em geral, há pouca ou nenhuma controvérsia a respeito do status do sujeito na maioria das construções intransitivas (argumento único) entre as línguas, então o símbolo mnemonicamente adequado também é adequado em termos de seu conteúdo, na construção transitiva, há dois argumentos e, para evitar a circularidade, não rotularemos nenhum deles com o símbolo S. Na situação transitiva prototípica, os participantes são um agente e um paciente, e isso permanece constante, independentemente do comportamento morfológico ou sintático da sentença em qualquer língua individual. Podemos, portanto, iniciar originalmente com predicados transitivos que descrevem ações, rotular o agente como A e o paciente como P, de modo que na sentença *I hit you*, ou em sua tradução para o Chukchi, independentemente da marcação de caso dos vários sintagmas nominais *I* será A e *you* será P. Os rótulos são novamente mnemônicos, para agente e paciente, respectivamente. No entanto, a vantagem de ter rótulos arbitrários A e P em vez de realmente usar agente e paciente é que podemos continuar a usar os símbolos arbitrários, mesmo quando passamos além de situações transitivas prototípicas (isto

<sup>9</sup> The single argument of an intransitive predicate we will symbolize as S ; this is clearly mnemonic for subject, and in general there is little or no controversy concerning the subject status in most intransitive (single-argument) constructions across languages, so the mnemonically suitable symbol is also suitable in terms of its content, In the transitive construction, there are two arguments, and in order to avoid circularity we shall label neither of these with the symbol S. In the prototypical transitive situation, the participants are an agent and a patient, and this remains constant irrespective of the morphological or syntactic behaviour of the sentence in any individual language. We may therefore, starting originally with transitive predicates describing actions, label the agent as A, and the patient as P so that in the sentence *I hit you*, or in its translation into Chukchi, irrespective of the case marking of the various noun phrases *I* will be A and *you* will be P. The labels are again clearly mnemonic, for agent and patient, respectively. However, the advantage of having arbitrary labels A and P rather than actually

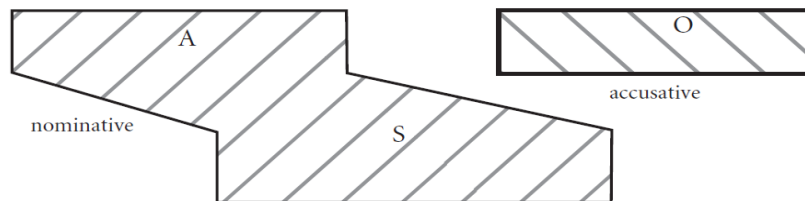
é, ações) para outras construções na língua que têm morfologia e sintaxe semelhantes. (COMRIE, 1989, p. 111). (TRADUÇÃO NOSSA)

Dessa forma, Comrie (1989) utiliza o símbolo S para se referir ao único argumento de uma construção intransitiva, bem como os símbolos A e P, o primeiro corresponde ao agente e o segundo, ao paciente em uma construção transitiva, respectivamente. Dixon (2010) também faz uso de tais símbolos, no entanto, o P é substituído por O (referente que pode ser afetado pela ação, isto é, objeto da oração transitiva).

Observemos abaixo o esquema proposto por Dixon (2010, p. 122), para ilustrar alguns tipos de sistemas marcação de casos:

1. **Sistema Nominativo-Acusativo** – ocorre quando S e A são marcados da mesma forma, e O é marcado de modo diferente. Para ilustrar, Dixon (2010) utiliza a imagem a seguir:

**Figura 04:** Sistema de marcação de caso Nominativo-Acusativo



Fonte: Dixon (2010, p. 122)

Para exemplificar como ocorre o sistema nominativo-acusativo, Dixon (1994) apresenta o sistema de marcação de caso do latim. Observe:

- 1) domin-us veni-t, the master comes (o mestre vem)
- 2) serv-us veni-t, the slave comes (o escravo vem)
- 3) domin-us serv-um audi-t, the master hears the slave (o mestre ouve o escravo)
- 4) serv-us domin-um audi-t, the slave hears the máster (o escravo ouve o mestre)

(DIXON, 1994, p. 9. TRADUÇÃO NOSSA)

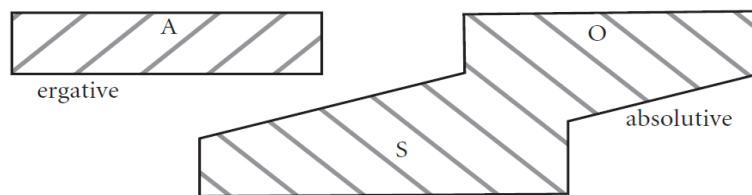
---

using agent and patient is that we can continue to use the arbitrary symbols even when we pass beyond prototypical transitive situations (i.e. actions) to other constructions in the language that have similar morphology and syntax. (COMRIE, 1989, p. 111)

Dixon (1994, p. 9) explica que, de um lado, a flexão de caso nominativo singular ‘-us’ é usada para marcar tanto o argumento S, nos exemplos (1) e (2), quanto o argumento A, nos exemplos (3) e (4). Por outro lado, a flexão acusativa ‘-um’ marca o argumento O nos exemplos (3) e (4), diferenciando-se, assim, da marcação dos argumentos S e A. Portanto, esse tipo de marcação de caso caracteriza um sistema nominativo-acusativo.

**2. Sistema Absolutivo-Ergativo** – ocorre quando S e O são marcados da mesma forma, diferenciando-se de A, que é marcado de maneira distinta. Conforme a figura abaixo:

**Figura 05:** Sistema de marcação de caso Ergativo-Absolutivo



Fonte: Dixon (2010, p. 123)

Como exemplo de marcação de caso ergativo-absolutivo, veremos os dados da língua Dyirbal (localizada no nordeste da Austrália), citado por Dixon (1994):

- (13)  $\eta$ uma            banaga-n<sup>y</sup>u  
 Father+ABS    return-NONFUT  
 father(S) returned  
 ‘pai (S) retornou’
- (14) yabu            banaga-n<sup>y</sup>u  
 mother+ABS    return-NONFUT  
 mother(S) returned  
 ‘mãe (S) retornou’
- (15)  $\eta$ uma            yabu- $\eta$ gu        bura-n  
 father+ABS    mother-ERG    see-NONFUT  
 mother(A) saw father(O)  
 ‘mãe (A) viu pai (O)’

- (16) yabu            ηuma-ηgu      bura-n  
 mother+ABS    father-ERG    see-NONFUT  
 father(A) saw mother(O)  
 ‘pai (A) viu mãe (O)’

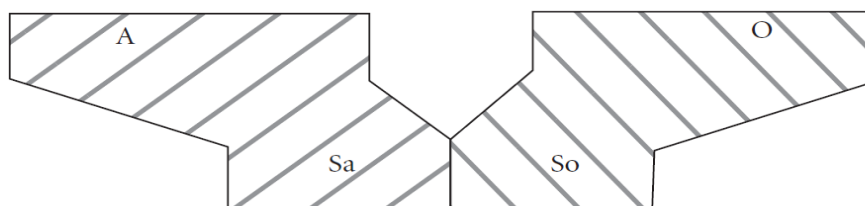
(DIXON, 1994, p. 10. TRADUÇÃO NOSSA)

Segundo Dixon (1994, p. 10), o nome ocorre sem nenhuma marcação quando está na função S, isto é, não há nenhum morfema atrelado ao nome, conforme ilustram os exemplos (13) e (14), assim como também não há nenhuma marcação na função O, como mostram os exemplos (15) e (16). Veja que a função A (sujeito transitivo) é marcada pela terminação ergativa ‘-ηgu’, o que caracteriza um sistema de marcação de caso ergativo. Tal sistema de marcação de caso é intitulado ergativo-absolutivo.

**3. Marcação tripartida** – neste sistema, S, A e O são marcados de forma distinta, sendo este mais raro de se encontrar, além disso, pode ocorrer junto aos sistemas nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo ou nos dois, respectivamente.

Dixon (2010, p. 124) afirma que, frequentemente, a função de A é responsável por controlar ou iniciar uma ação. No caso dos verbos intransitivos, pode haver uma mudança em seus significados, uma vez que alguns verbos podem ser controlados pela função de S, assim como os da função A. O autor mencionado cita os exemplos de verbos em inglês, como: ‘run’, ‘stand’, ‘talk’<sup>10</sup>. Entretanto, há alguns verbos que são incontroláveis, como: ‘cough’, ‘trip’, ‘die’<sup>11</sup>. Nesses casos, não é possível que o responsável pela função S, tenha controle sobre tais ações, como na função O. Dessa forma, Dixon (2010) afirma que os verbos intransitivos podem receber duas subclassificações: Sa, pelo fato de S ser marcado como A, e a outra é conhecida como So, pelo fato de S ser marcado como O, conforme o modelo abaixo, exposto pelo autor:

**Figura 06:** Sistema Split-S



<sup>10</sup> ‘correr’, ‘ficar’, ‘falar’ (tradução nossa)

<sup>11</sup> ‘tossir’, ‘tropeçar’, ‘morrer’ (tradução nossa)

Fonte: Dixon (2010, p. 125).

De acordo com Dixon (2010, p. 125), os verbos *Sa* se referem aos verbos ativos, e *So* se referem aos verbos estativos. Tal sistema foi intitulado *split-S*.

Dixon (1994, p. 71) afirma que em Siouan, uma língua Mandan, Kennard (1936) classifica dois tipos de verbos. Os verbos do primeiro grupo indicam uma atividade, ou seja, são considerados como verbos ativos e podem ser classificados como verbos transitivos. Tais verbos, segundo o referido autor, ocorrem com sufixos pronominais subjetivos ou objetivos<sup>12</sup>. Alguns exemplos desses verbos são “ignore, tell, give, see”<sup>13</sup>. Ainda no primeiro grupo, encontram-se também os verbos intransitivos, que ocorrem somente com os sufixos subjetivos, como nos exemplos “enter, arrive, go”<sup>14</sup>. Os verbos do segundo grupo, considerados como verbos neutros, ocorrem somente com prefixos objetivos, abrangendo exemplos como: “fall, be lost, lose balance”<sup>15</sup>, além desses, o segundo grupo também inclui verbos que poderiam ser classificados como adjetivos “be alive, be brave, be strong”<sup>16</sup>. Dessa forma, Dixon (1994) reitera que os verbos intransitivos ativos (*Sa*) indicam uma atividade que certamente será controlada, já os verbos neutros (*So*) estão relacionados a atividades ou estados que não têm controle.

### 3.3.2. Tipos de adposições

De acordo com Broekhuis et al. (2013) há quatro classificações para as adposições. Tal classificação é baseada na posição que esses elementos podem ocupar em relação ao seu complemento. Dessa forma, como já mencionado anteriormente no início do capítulo, se as adposições precederem o seu complemento, serão chamadas de preposições, caso elas ocorram depois de seu complemento, serão chamadas de posposições. De acordo com o autor supracitado, ainda há as adposições chamadas de circumposições que consistem em adposições descontínuas, isso significa que, segundo Hagège (2010, p.115), são adposições constituídas de duas partes e ocorrem simultaneamente, sendo uma no início e outra no final do sintagma, bem como ocorre também com os circunfixos no nível da palavra (morfologia), sendo um morfema no início e outro no final da palavra. Além desses tipos de adposições, Broekhuis et al. (2013)

---

<sup>12</sup> É válido ressaltar que Dixon (1994) não cita quais são esses prefixos.

<sup>13</sup> “ignorar, dizer, dar, ver” (tradução nossa).

<sup>14</sup> “entrar, chegar, ir” (tradução nossa).

<sup>15</sup> “cair, perder-se, perder equilíbrio” (tradução nossa).

<sup>16</sup> “estar vivo, ser corajoso, ser forte” (tradução nossa).

cita as partículas intransitivas, que, na verdade, são adposições sem complemento. Abaixo seguem os exemplos do holandês, citados por Broekhuis et al. (2013):

#### Preposição (P+NP)

- |      |                                |                          |                        |
|------|--------------------------------|--------------------------|------------------------|
| (17) | <b>voor</b> het huis           | ‘in front of the house’  | ‘na frente da casa’    |
| (18) | <b>tijdens</b> de voorstelling | ‘during the performance’ | ‘durante o desempenho’ |

#### Posposição (NP+P)

- |      |                           |                       |                       |
|------|---------------------------|-----------------------|-----------------------|
| (19) | het huis <b>in</b>        | ‘into the house’      | ‘para dentro de casa’ |
| (20) | het hele jaar <b>door</b> | ‘throughout the year’ | ‘ao longo do ano’     |

#### Circumposição (P+NP+P)

- |      |                                     |                          |                   |
|------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------|
| (21) | <b>onder</b> het hek <b>door</b>    | ‘under the gate’         | ‘sob o portão’    |
| (22) | <b>tussen</b> de lessen <b>door</b> | ‘in between the lessons’ | ‘entre as lições’ |

#### Adposições intransitivas e partículas (P)

- |      |                                 |                        |                               |
|------|---------------------------------|------------------------|-------------------------------|
| (23) | De vakantie is <b>voorbij</b> . | ‘The holiday is over.’ | ‘O feriado acabou.’           |
| (24) | De kachel is <b>uit</b> .       | ‘The heater is off.’   | ‘O aquecedor está desligado.’ |

(BROEKHUIS ET AL., 2013, p. 11, TRADUÇÃO NOSSA)

No presente trabalho, há quatro línguas em estudo, a saber: Parkatêjê, Canela Apãniekrá, Canela-Krahô e Pykobjê. Vale ressaltar que o tipo de adposições presentes nelas são as posposições, as quais serão o foco desta pesquisa.

#### 3.3.3. Adposições na função de argumento

De acordo com Broekhuis et al. (2013), as adposições podem ser usadas como argumentos de verbos, adjetivos e nomes ou também como complementos predicativos.

Segundo o autor supracitado, os sintagmas adposicionais que são utilizados como argumento ocorrem quando um verbo, um adjetivo ou um nome exigem a presença desses elementos. Mais raros são os casos em que um sintagma adposicional aparece como complemento de uma adposição. Observe os exemplos em holandês abaixo:

- |         |     |       |    |      |        |
|---------|-----|-------|----|------|--------|
| (25) a. | Jan | wacht | op | zijn | vader. |
|         | Jan | waits | on | his  | father |

‘Jan is waiting for his father.’

‘Jan está esperando por seu pai.’

(BROEKHUIS ET AL., 2013, p. 12, TRADUÇÃO NOSSA)

b. wachten: NP, [pp op NP]

AgenteTema

(BROEKHUIS ET AL., 2013, p. 12, TRADUÇÃO NOSSA)

c. to wait: NP, [pp for NP]

AgenteTema

(BROEKHUIS ET AL., 2013, p. 12, TRADUÇÃO NOSSA)

Segundo Broekhuis et al. (2013, p. 12), em (25.a) o verbo wachten ‘esperar’ pede um tema, que é um sintagma preposicional comandado pela preposição op, a qual não possui um significado preciso, fazendo com que sua escolha seja inteiramente definida pelas restrições seletivas acidentais do verbo wachten. Em (25.b) a preposição op é exigida pela entrada lexical do verbo. O autor frisa que a escolha da preposição é determinada pelo léxico e não pela semântica, já que no exemplo do inglês em (25.c) o verbo to wait (esperar) pede a preposição ‘for’ traduzida em holandês por voor. Pelo fato das preposições não possuírem um conteúdo semântico, eles optaram pelo termo preposições funcionais para se referir a tais elementos.

De acordo com Broekhuis et al. (2013, p. 12), os sintagmas adposicionais que têm função de complemento predicativo são distintos dos argumentos porque eles não preenchem um local na entrada lexical do verbo, uma vez que eles mesmos funcionam como predicado de um sintagma nominal em uma sentença, por isso eles também são conhecidos como predicados secundários. Esses tipos de sintagmas comumente possuem uma natureza espacial. Na função de complemento, um sintagma adposicional especifica algo sobre um sintagma nominal pertencente a mesma sentença, conforme o exemplo em holandês apresentado abaixo:

- (26) a. Jan is in het zwembad.  
 Jan is in the swimming.pool  
 ‘Jan is in the swimming.pool’  
 ‘Jan está na piscina’

(BROEKHUIS ET AL., 2013, p. 13, TRADUÇÃO NOSSA)



b. IN (Jan, het zwembad)

(BROEKHUIS ET AL., 2013, p. 13, TRADUÇÃO NOSSA)

Em (26.a) segundo Broekhuis et al. (2013, p. 12) o sintagma adposicional ‘in het zwembad’ (na piscina) exerce função de predicado para o sintagma nominal Jan. O autor reforça que o sintagma adposicional também indica uma relação espacial entre o complemento e o argumento. Para ele o exemplo (26.b) é a interpretação semântica do exemplo (26.a). Além disso, os sintagmas adposicionais complementares também podem indicar um local ou uma direção.

### 3.3.4. O sintagma adposicional

De acordo com Genetti (2014, p. 125) um sintagma adposicional é formado por uma adposição, a referida autora concentra sua discussão nas preposições ou posposições, exercendo função de núcleo do constituinte sintático, junto a um sintagma nominal dependente. Como já foi visto anteriormente, a ordem da língua vai determinar se as adposições presentes nela serão preposições, no caso de línguas com ordem SVO; ou posposições se a ordem for SOV.

Segundo Genetti (2014), se a adposição preceder o sintagma nominal, esta será chamada de preposição, no entanto, se ela seguir o sintagma nominal, deverá ser chamada de posposição. Além disso, a autora afirma que não é comum a presença de sintagmas preposicionais e posposicionais ao mesmo tempo numa língua. Ao sintagma nominal dependente que acompanha a adposição, dá-se o nome de objeto da adposição. A autora ainda afirma que, em grande parte das línguas em que esses elementos ocorrem, não é possível separar a adposição do sintagma nominal dependente. Para fortalecer seu argumento Genetti (2014) utiliza a seguinte frase em inglês: “he came from the house<sup>17</sup>”, que apresenta a preposição ‘from’, entretanto, segundo a autora, a sentença ‘\*he came from’ é agramatical. Isso ocorre também em mandarim chinês, veja:

---

<sup>17</sup> “Ele veio de casa” (tradução nossa)

- 27.a. wǒ [gēn tā] chǎojià le  
 1SG with 3SG.M argue PERFCT.  
 ‘I argued with him.’  
 ‘Eu argumentei com ele’

(GENETTI, 2014, P. 125, TRADUÇÃO NOSSA)

Genetti (2014) afirma que, se houver a retirada do sintagma nominal ou da preposição, a sentença será agramatical como em 27.b e 27.c:

- 27.b. sintagma nominal ausente  
 \*wǒ gēn chǎojià le  
 1SG with argue PFV.

(GENETTI, 2014, P. 125)

- 27.c. preposição ausente  
 \*wǒ tā chǎojià le  
 1SG 3SG.M argue PERFCT.

(GENETTI, 2014, P. 125)

Agora veja um exemplo da língua japonesa que possui posposições:

- 28.a. Taroo wa [pen de] e o kaita  
 Taro TOP pen INST picture ACC draw.PST  
 ‘Taro drew a picture with a pen.’  
 ‘Taro desenhou uma foto com uma caneta.’

(GENETTI, 2014, P. 125, TRADUÇÃO NOSSA)

Assim como ocorre no inglês e no mandarim, para Genetti (2014), em japonês também não é possível a retirada da posposição e nem do sintagma nominal dependente, veja a seguir:

- 28.b. Sintagma nominal ausente

\*Taroo wa de e o kaita  
 Taro TOP INST picture ACC draw.PST

(GENETTI, 2014, P. 125)

## 28.c. Posposição ausente

* Taroo	wa	pen	e	o	kaita
Taro	TOP	pen	picture	ACC	draw.PST

(GENETTI, 2014, P. 125)

Em geral, Genetti (2014, p. 126) apresenta três argumentos sobre o comportamento das adposições, o primeiro deles consiste no fato de que para formar um constituinte sintático, as adposições devem ter um sintagma nominal dependente.

O segundo argumento usado pela autora para comprovar que o sintagma adposicional é um constituinte sintático está baseado na ordem fixa entre o sintagma nominal e a adposição. Ela utiliza o exemplo do inglês em que é possível dizer ‘Hit with it a hammer’<sup>18</sup>, no entanto, não é possível a ocorrência da seguinte forma ‘\* Hit a hammer with’ bem como é possível dizer em Chinês Mandarim ‘cóng táiběi’ (de Taipé), entretanto, se inverter a ordem da preposição ‘\* táiběi cóng’ torna-se uma frase agramatical.

O terceiro e último argumento utilizado por ela é que geralmente há uma relação de contiguidade entre o sintagma nominal e a adposição e não é possível a adição de qualquer palavra entre eles. Para fortalecer o seu terceiro argumento, novamente são usados exemplos do inglês com o advérbio ‘suddenly’, visto que esta classe de palavras pode ser utilizada em qualquer posição da sentença, mas nunca entre a adposição e o seu sintagma nominal dependente como em ‘\*He arrived at suddenly the house’; o mesmo ocorre no exemplo com o Chinês Mandarim, no qual não é possível a seguinte construção: ‘\* cóng kè táibe’i’; neste caso, kè (de repente) não pode ficar no meio da preposição e do nome.

### 3.3.5. Algumas relações que envolvem as adposições

Hagège (2010) cita alguns dos contextos de ocorrências das adposições e dos sintagmas adposicionais, tais como: predicados com verbos estativos; a relação entre sintagmas adposicionais e predicados verbais não-estativos; a função desses elementos em sintagmas adposicionais; a relação entre a ordem de palavras e os sintagmas adposicionais. A seguir, veremos a relação entre as adposições e os verbos estativos.

---

<sup>18</sup> "Bata com um martelo" (tradução nossa).

### 3.3.5.1. Adposições e os verbos estativos

Segundo Hagège (2010, p. 195) os verbos estativos possuem formas de adjetivos e expressam um aspecto provisório ou uma característica do sujeito, que aparece no predicado como um termo governado pela adposição. Observemos os exemplos apresentados pelo referido autor:

#### (29) FRANCÊS

- a. le climat d'ici é convenable **pour ce travail**  
 'the weather here is convenient for this work'  
 'o tempo aqui é conveniente para o trabalho '
- b. Pierre est bon **envers moi**  
 'Peter is kind to me'  
 'Peter é gentil comigo'
- c. Jean est généreux **avec ses amis**  
 'John is generous with his friends'  
 'John é generoso com seus amigos'
- d. il est amoureux **d'elle**  
 'he is in love with her'  
 'ele está apaixonado por ela'

(HAGÈGE, 2010, p. 194, TRADUÇÃO NOSSA)

#### (30) a. John is happy **about that**.

'John está feliz com isso. '

#### b. She was sometimes offputting **with her colleagues**.

'Às vezes, ela estava de folga com seus colegas. '

#### c. To constitute the jury, you will turn to colleagues as sênior **as yourself in the school**.

'Para constituir o júri, você se voltará para colegas mais velhos que você na escola. '

#### d. He met a girl beautiful **beyond all others**.

‘Ele conheceu uma garota bonita além de todas as outras. ’

(HAGÈGE, 2010, p. 194, TRADUÇÃO NOSSA)

Em (30.c) Hagège (2010) ressalta que a palavra ‘sênior’ é utilizada de um modo predicativo e possui dois sintagmas adposicionais, sendo o primeiro ‘as yourself’ e o segundo ‘in the school’.

### 3.3.5.2 Sintagmas adposicionais e predicados verbais não-estativos

De acordo com Hagège (2010) na relação estabelecida entre os sintagmas adposicionais e os predicados verbais não-estativos, há um fenômeno frequente em muitas línguas do mundo, que consiste no fato dos sintagmas adposicionais funcionarem como complementos adverbiais, conforme o exemplo (31). O autor apresenta exemplos do inglês e do chinês, pelo fato dessas línguas possuírem muitas diferenças tipológicas entre si.

(31) CHINÊS MANDARIM (HAGÈGE, 1975, p. 88)

tā	wàng	xī	zǒu
3SG	towards	west	walk
'he is walking towards the west'			
'ele está caminhando em direção ao oeste'			

(HAGÈGE, 2010, p. 196, TRADUÇÃO NOSSA)

Hagège (2010) cita outros casos com predicados verbais não-estativos. Em um deles, o autor afirma que podem ocorrer duas adposições coordenadas, governando o mesmo termo, que recebe significados adverbiais distintos, veja o exemplo a seguir:

(32) INGLÊS

- a. this will be forbidden **on and after** the 10<sup>th</sup><sup>19</sup>
- b. he lived **among and for** the poor<sup>20</sup>

(HAGÈGE, 2010, p. 196)

<sup>19</sup> ‘isso será proibido a partir do dia 10’ (TRADUÇÃO NOSSA).

<sup>20</sup> ‘ele viveu entre e para os pobres’ (TRADUÇÃO NOSSA).

O outro caso citado por Hagège (2010, p. 196) está ilustrado em (33), sobre o qual o autor afirma que há uma sucessão complexa com mais de um sintagma dependente no mesmo predicado, conforme o exemplo abaixo:

(33) CHINÊS MANDARIM (Hagège 1975: 296)

liǎn rén bǎ xíngli tì tā wàng yī biān  
 two man PMK luggage for 3SG towards one side  
 bān le  
 carry PST

'the two men carried him his luggage close by.'

'os dois homens carregaram sua bagagem por perto.'

(HAGÈGE, 2010, p. 196, TRADUÇÃO NOSSA)

Hagège (2010) enfatiza que o marcador paciente bǎ no chinês ocorre em determinados contextos com verbos transitivos específicos, assim como o agente marcador bèi, que em alguns contextos corresponde à preposição by do inglês;

(34) CHINÊS MANDARIM (HAGÈGE, 1975, p. 369)

wǒ bèi tā wèn le xǔduō wèntí  
 1SG AMK 3SG ask PST many questions (s)

'I was asked many questions by him'

'Ele me fez muitas perguntas'

(HAGÈGE, 2010, p. 196)

Também pode haver uma ligação de dois sintagmas adposicionais por meio de um paralelismo, por exemplo, positivo e negativo, ilustrado no exemplo (35); ou origem e destino, ilustrado no exemplo (36):

(35) CHINÊS MANDARIM (HAGÈGE, 1975, p. 294)

Tā wèi dàjiā, bù wèi zìjī nàyàng zuo  
 3SG for all NEG for himself thus do

'he doesn't do that for himself, but for everybody'

'ele não faz isso para si mesmo, mas para todo mundo'

(HAGÈGE, 2010, p. 196, TRADUÇÃO NOSSA)

## (36) CHINÊS MANDARIM (HAGÈGE, 1975; 298)

wǒmen	Zhongguó	zé	cóng	rénmín	dào	zhèngfǔ
1PL	China	then	from	people	to	government
yìlǜ	jǔ	qi	le	yìqí		
unanimously	raise	DIR	PST	justice-FLAG		

'In China, from people to government, we have unanimously raised the flag of justice high'

'Na China, do povo ao governo, nós erguemos alto, por unanimidade, a bandeira da justiça'

(HAGÈGE, 2010, p. 196-197, TRADUÇÃO NOSSA)

De acordo com Hagège (2010) o sintagma adposicional pode depender de um predicado principal, como nos exemplos listados por ele anteriormente, mas pode também depender de um predicado secundário ou de gerúndio que pode variar de acordo com a língua.

## (37) CHINÊS MANDARIM (HAGÈGE, 1975, p. 271)

gēn	tā	xiāngfǎn	tā	shì	yī	ge	yóujiānhuǒlā	de
with	3SG	opposed	3SG	be	one	CL	boiling	CONN.ADP
xìngzì								
character								

'as opposed to him, she has a fiery personality'

'ao contrário dele, ela tem uma personalidade ardente'

(HAGÈGE, 2010, p. 197)

### 3.4 Casos

O estudo de casos, geralmente, envolve uma divisão entre o que seria considerado um caso sintático e o que seria um caso semântico. Portanto, antes de mais nada, é importante ressaltar que o caso nominal, dativo/benefactivo, por exemplo, têm relação com o papel temático, também chamado de caso semântico. Por outro lado, quando nos referirmos ao sujeito, objeto direto e objeto indireto, tratamos de funções sintáticas. Destaca-se que qualquer uma das funções sintáticas, podem, em princípio, ser marcadas por uma posposição, por exemplo, dativa ou benefactiva. De acordo com Blake (2004, p. 31), os casos sintáticos (também conhecidos como gramaticais) podem envolver os casos: nominativo, acusativo e genitivo, e

devem acrescentar o dativo e o ergativo. No entanto, segundo o referido autor, tal separação não costuma ter uma base precisa, uma vez que, se houvesse, de fato, uma diferenciação entre os casos sintáticos e semânticos, o primeiro estaria relacionado somente à sintaxe, e o segundo se ligaria apenas à semântica propriamente dita, como localização, por exemplo.

Blake (2004) afirma que “É comum que um caso sintático codifique uma relação ou função semântica que esteja fora de qualquer relação sintática que ele expresse (BLAKE, 2004, p. 32.) (TRADUÇÃO NOSSA). Isso significa que casos sintáticos expressam funções/papeis semânticos que não estão diretamente ligados com as relações sintáticas que estes casos específicos expressam.

O autor mencionado cita o exemplo do acusativo em latim que, além de indicar o objeto direto, indica também uma função semântica de destino, podendo não apresentar relação com o objeto direto. O inverso também pode ocorrer, ou seja, casos semânticos que indicam relações sintáticas ao invés de indicar relações semânticas, pois, Blake (2004), ao se referir à voz passiva, explica que o sujeito é indicado por um caso semântico. Ele cita outro exemplo do latim em que o agente<sup>21</sup> da passiva ocorre por meio do caso ablativo e é governado por ‘ā/ab’. De acordo com o autor, neste caso, embora *o agente não seja semântico*, este pode conter várias atuações que podem funcionar como sujeito agente, de fato, ou experienciadores ou como percebedores.

(38) Agente – occīsus ā cōnsule /  
‘killed by the consul’  
‘morto pelo cônsul’

Experenciador – amāta ā cōnsule  
‘loved by the consul’  
‘amado pelo cônsul’

Percebedor – vīsus ā cōnsul  
‘seen by the consul’  
‘visto pelo consul’

(BLAKE, 2004, p. 32, TRADUÇÃO NOSSA)

---

<sup>21</sup> É válido ressaltar que este agente citado por Blake (2004) não é o agente semântico.



No caso ablativo do latim, Blake (2004) afirma que há três possibilidades de ocorrências, a saber: fonte, localização ou instrumento. O autor acrescenta que não há um caso específico para cada função, respectivamente. Entretanto, em algumas línguas que possuem um amplo sistema de marcação de casos, é provável que se encontrem casos que sejam semanticamente homogêneos.

Para Kuryłowicz (1964: 181–3, apud Blake, 2004, p. 32), o caso acusativo possui a função principal de indicar o objeto direto, pois o contexto é responsável por determinar as funções adverbiais, a escolha do verbo e do nome acusativo. Segundo o autor, um acusativo de destino ocorre somente com verbos de movimento, como no exemplo do latim:

- (39) ĩre Rōmam  
 ‘to go to Rome’  
 ‘ir para Roma’

(BLAKE, 2004, p. 32, TRADUÇÃO NOSSA)

Já no caso do acusativo de extensão, a sua utilização ocorre no contexto de medidas de distância ou períodos de tempo, como neste outro exemplo do Latim:

- (40) rēgnāre septem annōs  
 ‘to reign seven years’  
 ‘Para reinar sete anos’
- ambulāre mīlia tria  
 ‘to walk three miles’  
 ‘Para caminhar três milhas’

(BLAKE, 2004, p. 32, TRADUÇÃO NOSSA)

### 3.4.1 Casos sintáticos

Conforme afirmam Miller e Brown (2013, p. 64), os casos gramaticais marcam as funções gramaticais e os casos semânticos marcam papéis semânticos, entretanto, essa distinção não é simples de identificar, como já visto anteriormente. Apresentamos a seguir alguns casos que geralmente marcam as funções sintáticas.

### **Nominativo**

Segundo Crystal (2011), o caso nominativo se refere ao sujeito e ocorre em línguas que usam flexões para expressar as suas relações gramaticais. Segundo o autor, o nominativo é, geralmente, a forma não marcada e, frequentemente, é a primeira forma a ser listada em um dicionário ou paradigma gramatical. Para exemplificar, Crystal (2011) usa o termo em latim ‘homo’ (homem), que corresponde à forma do nominativo singular, diferentemente de outras formas marcadas ‘hominen’, ‘hominis’.

Richards e Schmidt (2013) citam o seguinte exemplo em alemão:

- (41) ‘Der Tisch ist sehr grob’  
 The table is very big  
 ‘A mesa é muito grande’ (TRADUÇÃO NOSSA)

Os referidos autores explicam que o artigo ‘Der’ recebe a desinência –er para indicar que o sintagma nominal está no caso nominativo porque é o sujeito da sentença.

### **Acusativo**

De acordo com Busmann (2006), o acusativo é um caso morfológico que está presente em línguas nominativas como o alemão ou latim. Do ponto de vista sintático, os sintagmas nominais flexionados nesse caso geralmente ocorrem como objeto direto, como exemplifica a sentença em alemão ‘Er liest ein Buch’ (ele está lendo um livro) ou podem também indicar funções adverbiais, como mostra este outro exemplo em alemão ‘den ganzen Tag lachen’ (rir o dia todo).

### **Absolutivo**

Segundo Crystal (2011), o caso absolutivo ocorre em línguas que possuem o sistema ergativo. De acordo com o autor, há um paralelo formal entre o objeto de um verbo transitivo e o sujeito de um verbo intransitivo, isto é, eles apresentam o mesmo caso denominado absolutivo. Nesta situação, o sujeito do verbo transitivo é chamado de ergativo.

### **Dativo**

Para Crystal (2011), o dativo é uma forma de caso que está presente nas línguas que usam flexões para indicar as relações gramaticais. Segundo o autor, o caso dativo indica um objeto indireto ou significados similares às preposições ‘to’ ou ‘for’ do inglês, como em “he

gave a book to the boy”<sup>22</sup> no entanto, ele ressalta que o uso desse caso pode variar nas línguas que o possuem. Na gramática transformacional, Crystal (2011) afirma que o dativo estava relacionado a construções bitransitivas, isto é, construções que possuem verbos com dois objetos.

Para Trask (2013), o termo dativo é um caso que indica um ser que é o destinatário de uma ação, como nesse exemplo do basco “neskari” (para a garota), no qual “neska” significa garota e “-ri” significa “para”.

Richards e Schmidt (2013) defendem que o dativo é a forma de um nome ou sintagma nominal que indica que o nome ou sintagma nominal tem função de objeto indireto do verbo, como nesse exemplo do alemão:

(42) sie gab der katze eine Schale milch  
 She gave the cat a dish (of) milk  
 ‘Ela deu ao gato um prato (de) leite’

(RICHARDS E SCHMIDT, 2013, P. 143, TRADUÇÃO NOSSA)

Os autores explicam que no sintagma nominal ‘der katze’, a terminação do artigo ‘der’ em ‘-er’ indica que o sintagma nominal está no caso dativo, uma vez que tal sintagma nominal é o objeto indireto do verbo.

### **Ergativo**

Segundo Trask (2013), o termo ergativo se refere a um padrão gramatical que consiste na marcação de caso diferente para o sujeito de verbos transitivos em relação ao sujeito de verbos intransitivos e objetos de verbos transitivos, que são tratados da mesma forma. Trask (2013) afirma que esse caso já recebeu vários nomes como “agentivo”, “operativo”, “ativo”, entre outros. No entanto, atualmente esses termos são vistos como ultrapassados.

De acordo com Crystal (2011), a marcação de caso ergativo ocorre somente em determinados contextos, com padrões acusativos que são utilizados em outros ambientes, tal fenômeno é denominado “Split ergativity<sup>23</sup>”. O referido autor cita um exemplo da língua Yukatec Maya, que quando está no aspecto perfeito, o sujeito de verbo intransitivo e o objeto de verbo transitivo são marcados pelo caso absolutivo, já o sujeito de verbo transitivo é marcado pelo caso ergativo. Quando está no aspecto imperfeito, o caso absolutivo marca unicamente o

<sup>22</sup> “Ele deu um livro para o garoto” (tradução nossa).

<sup>23</sup> Ergatividade cindida. (tradução nossa).

objeto de verbo transitivo, e o caso ergativo marca o sujeito de verbo transitivo e o sujeito de verbo intransitivo também.

### **Genitivo**

De acordo com Busmann (2006, p. 461), genitivo é como se denomina um caso morfológico, que tem a função de marcar um atributo de um nome, que, segundo o referido autor, apresenta a posse como o tipo mais comum dentre os atributos, o que explica o fato de ele ser constantemente chamado de marcador possessivo.

Para Richards e Schmidt (2013), o caso genitivo indica uma relação de posse entre dois sintagmas nominais numa sentença, como nesses exemplos do alemão abaixo:

(43) Dort drüben ist das Haus des Bürgermeisters.

Over there is the house of the mayor<sup>24</sup>.

the mayor's house.

‘A casa do prefeito.’

(RICHARDS E SCHMIDT, 2013, p. 224)

Richards e Schmidt (2013, p. 224) explicam que no sintagma nominal “des Bürgermeisters”, o artigo tem uma flexão terminada em ‘-es’ e o nome tem uma flexão terminada em ‘-s’, o que mostra que ambos estão no caso genitivo porque eles se referem ao proprietário da casa.

### **3.4.2 Casos semânticos**

Poderíamos listar aqui inúmeros casos que estão inclusos na perspectiva da semântica, no entanto, apresentamos os casos mais encontrados nas variantes do complexo dialetal Timbira.

### **Comitativo**

De acordo com Miller e Brown (2013), o termo comitativo significa “junto com”. Como no exemplo do inglês “Fiona left with Susan”<sup>25</sup>, em que essa noção é expressa pela preposição ‘with’. Crystal (2011) afirma que além de significar “junto com”, este termo pode também

<sup>24</sup> “Ali fica a casa do prefeito.” (tradução nossa).

<sup>25</sup> “Fiona saiu com Susan” (tradução nossa).

receber o o sentido de “acompanhado por”. O referido autor também usa um exemplo do inglês com a preposição ‘with’ – “I went with my friend”<sup>26</sup>.

### **Benefactivo**

Crystal (2011, p 52) define o benefactivo como um termo que, de acordo com as descrições gramaticais, expressa um caso ou construção que tem o sentido de "on behalf of"<sup>27</sup> ou "for the benefit of"<sup>28</sup>, também chamado de beneficiário. O autor ressalta que, um benefactivo possui o significado de "intended recipient"<sup>29</sup> e que em inglês, geralmente é introduzido pela presposição ‘for’, como na frase "I’ve got a book for you"<sup>30</sup>.

Para Richards e Schmidt (2013, p. 50), o caso benefactivo ocorre quando alguém, seja uma pessoa ou animal, é beneficiado ou se beneficia da ação descrita pelo verbo, conforme os exemplos abaixo:

(44) Joan baked a cake for Louise. (Joan fez um bolo para Louise.)

Joan baked Louise a cake. (Joan fez um bolo para Louise.)

Louise is in the benefactive case. (Louise está no caso benefactivo.)

(RICHARDS E SCHMIDT, 2013, P. 50, TRADUÇÃO NOSSA)

### **Instrumental**

Para Bussmann (2006, p. 574), instrumental é o caso morfológico usado para identificar os meios para a realização da ação verbal. Segundo o autor, quando uma língua apresenta esse caso, como no inglês, por exemplo, esse sentido pode ser indicado por meio de preposições como na frase “work with a hammer<sup>31</sup>”, em que a preposição “with” (com) expressa tal significado.

### **Ablativo**

De acordo com Crystal (2011), o caso conhecido como ablativo pode expressar significados diversos com sentido locativo ou instrumental. Ele afirma que, embora o inglês

---

<sup>26</sup> “Eu fui com meu amigo” (tradução nossa).

<sup>27</sup> “Em nome de” (tradução nossa).

<sup>28</sup> “Para o benefício de” (tradução nossa).

<sup>29</sup> “Destinatário pretendido” (tradução nossa).

<sup>30</sup> “Eu tenho um livro para você” (tradução nossa).

<sup>31</sup> “Trabalhar com um martelo”. (tradução nossa).

não tenha um caso ablativo, essa língua expressa esse significado por meio de preposições “with”, “from” e “by”, como no exemplo: “He did it with his hands<sup>32</sup>”.

Bussmann (2006) define o caso ablativo como um caso que pode indicar diversos tipos de relações adverbiais, como tempo, modo, entre outros. Miller e Brown (2013) defendem que o caso ablativo indica o movimento de um lugar, como nesse exemplo turco: ‘Ankara’ (Ankara), ‘Ankara-dan’ (de Ankara), além disso, para os referidos autores tal caso pode indicar causa, conforme ilustra esse exemplo do turco: ‘on-dan’ (that-from; for that reason<sup>33</sup>) ou relações partitivas, como exibido nesses outros dados do turco: ‘kitap-lar-dan biri’ (book-pl-abl one; ‘one of the books’<sup>34</sup>).

### **Direcional**

Para Miller e Brown (2013), direcional tem sentido de movimento. Como exemplo, os autores citam algumas frases direcionais em inglês: “from London”, “towards the river”, “into the tunnel” e “out of the woods”<sup>35</sup>.

### **Locativo**

Crystal (2011) afirma que o caso locativo indica o sentido de localização de uma entidade ou ação. Bussmann (2006), que também defende que esse caso indica localização, apresenta um exemplo desse caso morfológico em russo: “ev”, que significa casa, mas ao receber a marca de caso locativo “de”, apresentando-se como “evde”, recebe o significado de “em casa”.

### **Essivo**

Segundo Crystal (2011), o termo está relacionado ao caso que expressa um estado do ser. Para Trask (2013), esse termo indica um estado ou característica temporária de uma entidade. Para exemplificar, o autor mencionado apresenta um exemplo do finlandês em que “poyca” significa menino e “poykana”, significa “como um menino”.

No capítulo 3 foram apresentadas informações pertinentes sobre o estudo das adposições, com exposição de exemplos de algumas línguas do mundo, como o inglês, chinês

---

<sup>32</sup> “Ele fez isso com as mãos”. (tradução nossa).

<sup>33</sup> Por esta razão.

<sup>34</sup> “Um dos livros”.

<sup>35</sup> “De Londres”, “em direção ao rio”, “no túnel” e “fora da floresta”. (tradução nossa).

e holandês, por exemplo. Assim, concluímos o presente capítulo. No próximo capítulo veremos os estudos de posposições já existentes em algumas línguas Jê.

## 4 AS POSPOSIÇÕES EM LÍNGUAS JÊ

Como é sabido, as línguas de uma família linguística tendem a apresentar algumas semelhanças em diferentes aspectos linguísticos. Desse modo, adiante veremos brevemente alguns estudos de posposições em línguas da família Jê, a saber: Panará, Kĩsêdjê e Xikrín do Cateté.

### 4.1 Posposições na Língua Panará

Dourado (2001, p. 53) afirma que a relação entre as posposições e seus objetos, em Panará, constituem o argumento nuclear do verbo, o objeto indireto, ou podem também compor diversas formas de adjuntos adverbiais. Ela acrescenta que as posposições, nessa língua, são elementos que possuem até duas sílabas e ocorrem logo após o nome. Além do fato de que elas podem ser incorporadas ao núcleo verbal. Tais elementos podem ter função de operador sintático e introduzir orações adverbiais, apresentando um nome, um verbo ou um verbo nominalizado como predicado.

- (45) mara hẽ Ø =yĩ s=ãpũ tãmaka amã  
 Ele ERG REL.TR=3SG.ERG.RFLX=3SG.ABS-ver espelho INES.  
 ‘Ele se viu no espelho’

(DOURADO, 2001, p. 53)

- (46) kui a Ø =krĩ puu yamã  
 Mandioca.ABS pi 3SG.ABS=ABS=jazer roça LOC  
 ‘a mandioca está na roça?’

(DOURADO, 2001, p. 54)

A posposição ‘amã’ em (45) introduz um objeto indireto, enquanto a posposição ‘yamã’, em (46), ocorre com um adjunto adverbial. Dourado (2001) declara que as posposições podem ser divididas em dois tipos:

- (1) Posposições marcadoras de argumentos núcleos da oração, que correspondem às posposições dos casos: ergativo, benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo.
- (2) Posposições marcadoras de elementos periféricos, que correspondem às posposições dos casos: alativo, ablativo, instrumental, final, essivo, adesivo e locativo.

A autora supracitada ressalta que “[...] As posposições núcleos de sintagmas que são argumentos nucleares dos verbos parecem marcar caso gramatical, ao passo que as posposições núcleos de sintagmas que são argumentos periféricos sugerem caso semântico.” (DOURADO, 2001, p. 54), conforme o quadro apresentado abaixo:

**Quadro 12:** As posposições em Panará.

Marcam casos sintáticos		Marcam casos semânticos	
ERGATIVO	hẽ	INESSIVO (para recipientes wechados)	kra
DATIVO / BENEFACTIVO	mã	ALATIVO	tã, mã
MALEFACTIVO	pe	ABLATIVO	pe
COMITATIVO	kõ	INESSIVO	kõ
INSTR-COMITATIVO	hõw ~ õw	INSTRUMENTAL	hõw ~ õw
INESSIVO (para recipientes abertos)	amã	LOCATIVO	amã
		ESSIVO	ri(n) ~ pi(n)
		ADESSIVO ‘perto de, sobre’	hã
		FINAL	ahe

Fonte: Dourado (2001, p. 55).

#### 4.2 Posposições na língua Kĩsêdjê

Segundo Santos (1997, p. 96), as posposições em Kĩsêdjê formam uma classe fechada de elementos, que ocorrem antecidos por seu objeto e são expressos por um sintagma nominal ou um pronome. Se forem associados a nomes, tais elementos ocorrem como clíticos, entretanto, são acentuados quando estão conectados com um pronome.

Santos (1997) afirma que as posposições indicam diversas funções semânticas (locais e não-locais), como ilustra o quadro a seguir:



**Quadro 13:** Posposições em Kĩsêdjê

1. mã	Dativo, benefactivo, direcional	5. ka'tip	Finalidade
2. rum	Abiativo	6. we	Malefactivo, locativo (não limitado)
3. kãm	Locativo (inessivo)	7. ro	Instrumento, locativo
4. kot	Comitativo, locativo (por, pelo), causa		

Fonte: Santos (1997, p. 97).

Observemos os exemplos apresentados por Santos (1997):

a) 'mã' na função de dativo, benefactivo e direcional

(47) 'nira -n 'wa mã 'krwa 'ŋð  
 3PS TOP 1PS POSP flecha dar  
 'Ele deu fleche para mim'

(SANTOS, 1997, p. 97)

(48) 'hẽn 'wa 'kwã s- ã tɛp ku'sõ  
 ASP 1PS 3PS+POSP REL3 posse peixe limpar  
 'Eu limpei o peixe (dele) para ele'

(SANTOS, 1997, p. 97)

(49) karu'pi-n 'ŋgΛ mã 'tẽ  
 N.PRÓPTOP C.DOS H. POSP. Ir  
 'Karupi foi para a casa dos homens'

(SANTOS, 1997, p. 97)

**4.3 Posposições na língua Xikrín do Cateté**

De acordo com Costa (2015), as posposições na língua Xikrín do Cateté, vistas de uma perspectiva morfológica, são temas flexionáveis, do mesmo modo que nomes e verbos, no entanto, ele ressalta que as posposições compõem uma classe de palavras fechadas. Diante da perspectiva sintática, esses elementos também ocorrem em função oblíqua com sintagmas adverbiais. Outra função atribuída às posposições é o fato de elas serem um complemento

obrigatório de verbos intransitivos bivalentes e verbos transitivos trivalentes. Observemos agora o quadro apresentado por Costa (2015), que é composto pelas posposições em Xikrín e os seus respectivos papéis semânticos:

**Quadro 14:** Posposições em Xikrín.

PAPEL SEMÂNTICO	POSPOSIÇÃO	GLOSA
OBLÍQUO	je ∞ te	por
DIRETIVO (DATIVO, FINALIDADE, DIRETIVO)	mã	direção
ABLATIVO	be	afastando-se de
ESSIVO	be	incluso em
COMPANHIA/PERLATIVO/MEIO	kot	com
ASSOCIATIVO-INSTRUMENTIVO	o	com
RELATIVO/ADESIVO	ã	em relação a, próximo de (adesivo), sobre
ABLATIVO	kurum	de
DIRECIONAL	əɾə; wəɾə	em direção de
LOCATIVO PONTUAL	kãm	em (pontual)
PROXIMATIVO	kuri	ao lado de
POSTERIORIDADE	iukri	depois de
ANTERIORIDADE	wəɾap	antes de

Fonte: Costa (2015, p. 113).

Vejamos alguns exemplos exibidos pelo referido autor:

- (50) ga na ga a Ø-je i Ø-mã            dʒudʒe j-anɔɾo            ket  
 2 RLS 2 2 R<sup>1</sup>-OBL 1 R<sup>1</sup>-DIR arco R<sup>1</sup>-mandar-NLZ            NEG  
 ‘não houve o mandar de arco para mim por você’

(COSTA, 2015, p. 113)

No exemplo (50), Costa (2015) afirma que a posposição ‘mã’ ocorre como diretivo/dativo/finalidade. No exemplo (51), veremos um exemplo com a posposição ‘-o’ na

função de ‘associativo/instrumentivo’ e em (52), a posposição ‘kãm’ na função de locativo pontual e ‘kot’ expressando companhia:

- (51) kubēnire                    ɲ-ĩ                    Ø-ɔ                    na    boj    nē  
 Não-indígena                R<sup>1</sup>-pele                R<sup>1</sup>-ASS-INSTR    RLS    chegar MS  
 ‘Pessoalmente ela já chegou’

(COSTA, 2015, p. 115)

- (52) ‘...krã                    Ø-kãm                    ku-dʒa                    arəp    Ø-kot                    ɲɾɛ-rɛ                    mō...’  
 Cabeça                    R<sup>1</sup>-LOC                    R<sup>2</sup>-colocar                    já                    R<sup>2</sup>-com                    cantar-NLZ                    ir/vir  
 ‘...(eles) colocaram (penas) na cabeça (do gavião morto) e foram cantando com ela...’

(COSTA, 2015, p. 114)

Conforme observado, as posposições nas línguas supracitadas formam uma classe fechada de elementos e podem marcar casos sintáticos ou semânticos. A partir da breve apresentação de tais posposições, já seria possível estabelecer uma comparação entre a posposição ‘mã’, que ocorre nas três referidas línguas, apresentando mais de uma função. É interessante ressaltar que a função de dativo para a posposição ‘mã’ ocorre da mesma forma em Panará, Kĩsêdjê e Xikrín do Cateté. Tal posposição também ocorre nas línguas Timbira e possui esta mesma função. No próximo capítulo, serão apresentadas as posposições nas línguas Timbira.

## 5 AS POSPOSIÇÕES NO TIMBIRA

As posposições no Timbira são semelhantes entre si quanto a sua forma e função, como será visto adiante. Entretanto, é possível notar algumas diferenças entre as línguas em estudo, assim como nas análises de cada uma delas. Por esta razão, primeiramente, serão apresentadas as posposições de uma forma geral em cada língua e, posteriormente, elas serão observadas individualmente de acordo com as análises realizadas pelos estudiosos das línguas em questão. É válido ressaltar que todos os dados retirados dos trabalhos de cada autor, foram reproduzidos fielmente, conforme apresentados nos trabalhos originais.

## 5.1 POSPOSIÇÕES EM PARKATÊJÊ

Em Parkatêjê as posposições são definidas como “[...] uma classe fechada de elementos, que ocorrem, de um modo geral, precedido de seu objeto, o qual pode ser um elemento pronominal ou um nominal” (FERREIRA, 2003, p. 138).

É válido ressaltar que, para Ferreira (2003, p. 138), as posposições não ocorrem com pronomes livres, estas ocorrem somente com a classe de pronomes dependentes. As posposições, em Parkatêjê, têm como principal função a marcação de noções semânticas espaço-temporais, locais e não-locais, relacionando o objeto com o verbo ou a outro componente da sentença. Os sintagmas nominais adjuntos frequentemente são marcados pelas posposições, diferindo-se dos sintagmas nominais complemento, que não apresentam marcas morfológicas.

Segundo Ferreira (2003), as posposições podem se unir aos nomes para indicar funções espaço-temporais distintas, como em “*ita kôm*” (hoje), que, de acordo com a autora, poderia ser traduzido literalmente como “*em este*” (demonstrativo + locativo); além disso, há também a forma “*nô kôm*” (ontem), que também remete a ideia de tempo. No entanto, estes parecem já ter-se cristalizado na formação de palavras.

Em Parkatêjê, a forma “*te*” foi considerada por Ferreira (2003) como uma posposição que tem a função de marcar o sujeito ergativo singular, ainda que, de acordo com a referida autora, esta flexiona-se, realizando-se como “*tem*”, quando está no plural. Ferreira (2003) explica em nota de rodapé que, em um diálogo com Lucy Seki, sua orientadora no período da elaboração da tese de doutorado, explicou que essa variação pode ter origem na união de ‘*te*’ (marca de ergatividade) + ‘*mê*’ (marca de plural), resultando em ‘*tem*’, considerando-se que tal fenômeno ocorre somente com essa forma.

Ferreira (2003) acrescenta que, na referida língua, pode haver posposições homônimas, ou seja, posposições que têm a mesma forma, no entanto, possuem funções distintas, por exemplo, a posposição *mã* pode marcar um objeto indireto em um contexto e em outro, pode marcar um adjunto adverbial, além do sistema de switch-reference (neste caso, ela tem a função de conjunção coordenativa). Além disso, tais elementos podem marcar tanto os casos gramaticais quanto semânticos. Observemos o quadro de posposições proposto por Ferreira (2003):

**Quadro 15:** Posposições em Parkatêjê

<b>CASO SINTÁTICO</b>	<b>POSPOSIÇÃO</b>	<b>CASO SEMÂNTICO</b>	<b>POSPOSIÇÃO</b>
<b>Comitativo</b>	kôt ‘com’	<b>Ablativo</b>	pê ‘em’
<b>Dativo/Benefactivo</b>	mã ‘para’	<b>Direcional</b>	nã ‘para onde’
<b>Ergativo</b>	tɛ/tɛm	<b>Locativo</b>	rĩ ‘onde’
<b>Instrumental</b>	tɔ	<b>Essivo</b>	pĩ ‘de onde’
<b>Malefactivo</b>	pê	<b>Direcional</b>	wỳr ‘em direção a’
		<b>Locativo</b>	mã ‘em’
		<b>Locativo</b>	kãm ‘dentro em’

Fonte: Ferreira (2012, p. 295-296).

A autora supracitada organizou um quadro, separando os casos semânticos dos casos sintáticos junto às posposições representantes de cada um deles. Na próxima sessão, veremos o comportamento das posposições em Canela Apãniekrá, segundo a análise de Alves (2004).

Observamos que as posposições em Parkatêjê têm geralmente uma única sílaba variando entre CV e CVC.

## 5.2 POSPOSIÇÕES EM CANELA APÃNIEKRÁ

Para Alves (2004) as posposições são elementos que têm o papel de indicar tanto a função sintática, quanto a função semântica do sintagma nominal ao qual estão associadas. De acordo com a autora quando as posposições ocorrem como núcleo do sintagma posposicional, estas se localizam no final do sintagma, enquanto os nomes ocupam a posição inicial do sintagma posposicional.

Assim como foram descritas posposições homônimas em Parkatêjê, em Canela Apãniekrá também foram constatadas posposições homônimas, a saber: “‘kot’ (que significa – atrás, em ‘lugar’), ‘tɔ’ (que significa – em ‘lugar’) e ‘kam’ (que significa ‘com’)” (ALVES, 2004, p. 87).

De acordo com Alves (2004, p. 87) os prefixos pronominais de terceira pessoa (ku-, iʔ-, Ø), podem ser objeto de posposições, além disso, podem indicar não-referencialidade junto ao prefixo aʔ-. Segundo a autora, os sintagmas nominais complemento podem ser substituídos pelos referidos prefixos.

Com base nas informações sobre as posposições em Canela Apãniekrá, contidas no trabalho de Alves (2004), foi possível organizar o quadro abaixo:

**Quadro 16:** Posposições em Canela Apãniekrá.

<b>Posposições na língua Canela Apãniekrá</b>	
<b>tɛ</b>	Ergativo
<b>pe</b>	Malefactivo
<b>ḥ</b>	Genitivo
<b>tɔ</b>	Instrumental
<b>mã</b>	Dativo e/ou benefactivo
<b>tɛ</b>	Genitivo
<b>kot</b>	Comitativo
<b>kãm</b>	Locativo
<b>ri</b>	Locativo
<b>pĩ</b>	Essivo
<b>wər</b>	Direcional (em movimento)
<b>nã</b>	Sem definição – marca objeto indireto

Fonte: quadro elaborado com os dados e análises contidos no trabalho de Alves (2004, p. 86).

Na apresentação do quadro das posposições em Parkatêjê e em Canela Apãniekrá, já é possível notar que, apesar da grande identidade entre as posposições e suas respectivas funções, há também algumas diferenças, que estão relacionadas às funções que determinadas posposições assumem em uma língua e em outra não, por exemplo, em Canela Apãniekrá, a posposição ‘te’ tem função de genitivo e em Parkatêjê, tal posposição tem somente a função de ergativo; por outro lado, em Parkatêjê, essa posposição flexiona-se no plural, enquanto em Canela Apãniekrá a forma desse elemento permanece invariável.

Nota-se uma diferença também com relação à posposição nã, uma vez que, em Parkatêjê, esta tem a função de direcional, enquanto, em Apãniekrá, segundo Alves (2004), ainda não há uma definição para ela, entretanto, a autora ressalta que esta posposição marca o objeto indireto. O objeto indireto no Parkatêjê é marcado principalmente por ‘mã’ (dativo). Veremos agora as descrições propostas para a variante dialetal Canela-Krahô.

### **5.3 POSPOSIÇÕES EM CANELA-KRAHÔ**

Em Canela-Krahô há três análises de diferentes autores, em períodos distintos. Dessa forma, serão consideradas as três descrições, separadamente, de acordo com o ponto de vista de cada autor. O primeiro trabalho a ser verificado, em ordem cronológica, será o de Popjes e Popjes (1986), depois o de Souza (1989) e, posteriormente, o de Miranda (2014). Observemos agora a análise proposta por Popjes e Popjes (1986).

### 5.3.1 Análise de Popjes e Popjes (1986)

De acordo com Popjes e Popjes (1986, p. 178), as posposições são elementos que não ocorrem separados de um sintagma nominal, portanto, não são unidades independentes. Segundo os autores supracitados, as posposições podem estar relacionadas a pessoas, coisas, ações ou locais.

Ao citar as posposições encontradas em Krahô, Popjes e Popjes (1986) apresentam a forma flexionada junto aos prefixos de terceira pessoa. Observemos as posposições analisadas por Popjes e Popjes (1986):

**Quadro 17:** Posposições em Canela-Krahô, segundo a análise de Popjes e Popjes (1986).

<b>Posposições na língua Canela Krahô</b>	
<b>cu-mã</b> 3-posp.	<i>'For, to, for, his benefit' benefactive</i> “(Por, para, por, seu benefício) benefactivo”
<b>cu-pê</b> 3-posp.	<i>'from, to, his loss, to his negative benefit' malefactive</i> “(de, para, sua perda, para seu benefício negative) malefactivo”
<b>cu-ri</b> 3-posp.	<i>'there' locative</i> (Lá) locativo
<b>cu-rûm</b> 3-posp.	<i>'Toward there' directional</i> (Para lá) direcional
<b>cu-mam</b> 3-posp.	<i>Before it</i> (Antes disso)
<b>cu-na</b> 3-posp.	<i>'in front of it'</i> (Na frente dele)
<b>cu-te</b> 3-posp.	<i>'he' transitive past tense or stative habitual</i> (Ele) transitivo no tempo passado ou estativo habitual
<b>ih-kôt</b> 3-posp.	<i>'after it'</i> (depois disso)
<b>ih-pîn</b> 3-posp.	<i>'from there' locational source</i> (de lá) 'locacional origem'
<b>ah-na</b> 3-posp.	<i>'about it'</i> (sobre isso)
<b>Ø-to</b> 3-posp.	<i>'with it'</i> (com isso)
<b>Ø-kam</b> 3-posp.	<i>'in, into, at it'</i> (em, dentro, nele)
<b>Ø-wÿr</b> 3-posp.	<i>'toward it'</i> (Em direção a isso)

Fonte: quadro elaborado com os dados contidos no trabalho de Popjes e Popjes (1986, p. 178, tradução nossa).

Analisando o quadro acima é possível verificar uma grande semelhança entre as posposições listadas por Popjes e Popjes (1986) para o Krahô, as listadas por Alves (2004) para o Apãniekrá e as listadas por Ferreira (2003) para o Parkatêjê. Entretanto, nota-se também

algumas diferenças, como a posposição ‘rũm’, por exemplo, que aparece somente em Canela-Krahô.

Verifica-se que para os Popjes e Popjes (1986), o ‘te’ é a marca de tempo passado transitivo ou estativo habitual.

Observemos abaixo as análises propostas por Souza (1989) e Miranda (2014) também para o Canela-Krahô.

### 5.3.2 Análise de Souza (1989)

Souza (1989) afirma que as posposições são, na verdade, partículas que nunca surgem de forma isolada, isto é, trata-se de partículas dependentes nesta língua. Em geral, as posposições podem exercer as seguintes funções:

Essas partículas são base do sujeito ergativo e do objeto indireto dativo da oração do verbo transitivo; marcam complemento de verbo intransitivo; são a base das orações não verbais; marcam o complemento locativo; temporal; causativo; instrumento; e ainda são base da construção de foco. (SOUZA, 1989, p. 15)

De acordo com a análise de Souza (1989), também é possível notar muitas semelhanças em Canela-Krahô em relação à ocorrência das posposições em outras línguas Timbira. Dessa forma, as posposições listadas por Souza (1989) são: mã, kam, nã~na, tɛ, tɔ. Com base nos dados contidos no trabalho de Souza (1989), foi possível elaborar o quadro a seguir:

**Quadro 18:** Posposições em Canela-Krahô, segundo a análise de Souza (1989).

<b>Posposições na língua Canela Krahô</b>	
<b>tɛ</b>	Ergativo
<b>pe</b>	Marca oração não-verbal identificativa
<b>tɔ</b>	Causativo / instrumental
<b>mã</b>	Dativo e/ou benefactivo
<b>kam</b>	Locativo
<b>nã</b>	Marca complemento de verbo intransitivo

Fonte: quadro elaborado com base nos dados contidos no trabalho de Souza (1989).

O elemento em destaque (**pe**) está contido no trabalho de Souza (1989), porém, a autora não o incluiu na seção das posposições. No entanto, ele foi apresentado em outra parte do trabalho da referida autora, sobre a qual ela afirma que ‘pe’ é uma partícula pospositiva que marca oração não-verbal identificativa. Por esta razão, optou-se por observá-la junto às posposições dos outros dialetos Timbira.



### 5.3.3 Análise de Miranda (2014)

Miranda (2014) propõe uma análise diferenciada para as posposições no Krahô em relação às outras análises vistas até o momento, a começar pelo fato de considerar as posposições como uma classe flexionável na língua, assim como nomes e verbos. De acordo com o autor, tal flexão é realizada por meio dos prefixos relacionais, os quais consistem em elementos morfossintáticos que indicam “ [...] a dependência sintática entre o núcleo e seu determinante, ou seja, entre o nome e seu possuidor ou modificador, complemento e posposição [...]” (MIRANDA, 2014, p. 76-77).

Rodrigues (1996) afirma que os prefixos relacionais (ou prefixos flexionais) são índices da relação de dependência entre um determinante e seu respectivo núcleo. As línguas que apresentam essa propriedade distinguem entre um prefixo relacional de contiguidade, ou seja, um prefixo de ligação e um prefixo relacional de não-contiguidade.

Miranda (2014) acrescenta que há um prefixo relacional diferente para a ocorrência com vogais orais, vogais nasais e consoantes. O referido autor divide os prefixos relacionais em duas classes: os temas iniciados com vogais constituem a classe A, já os temas iniciados com consoantes constituem a classe B.

Desse modo, Miranda (2014, p. 143) afirma que os temas posposicionais em Krahô ocorrem junto aos prefixos relacionais que indicam contiguidade ( $R_1 \{\emptyset-\}$ ) e um alomorfe indicador de não-contiguidade, que pode ser ‘ $R_2 \{\emptyset-\}$ ,  $\{i\?-\}$  ou  $\{-ku\}$ ’. Observemos a tabela proposta pelo referido autor:

**Quadro 19:** Prefixos relacionais com temas posposicionais.

CLASSE B	
CONTIGUIDADE - $R^1$	$\emptyset-$ $\emptyset-$ $\emptyset-$
NÃO CONTIGUIDADE - $R^2$	$\emptyset-$ $i\?-$ $ku-$

Fonte: Miranda (2014, p. 143)

Na tabela acima, observa-se que os prefixos relacionais que ocorrem com os temas posposicionais, segundo Miranda (2014), são os prefixos da classe B, isto é, trata-se de prefixos que só ocorrem com temas iniciados por consoantes.

Quanto aos papéis semânticos que as posposições podem exercer em Krahô, Miranda (2014) apresenta a seguinte tabela:

**Quadro 20:** Posposições em Canela-Krahô, segundo a análise de Miranda (2014).

PAPEL SEMÂNTICO	POSPOSIÇÃO	GLOSA
LOCATIVO	k <sup>h</sup> ãm nã pĩ pe ri wər	em (pontual) sobre de em (difuso) onde em direção de
BENEFATIVO	mã	para (em benefício)
MALEFATIVO/ESSIVO	pe	de (em prejuízo de); incluso em
COMITATIVO/PERLATIVO	k <sup>h</sup> ot	com; pelo
ASSOCIATIVO-INSTRUMENTIVO	tɔ	com
GENITIVO	tɛ	de
TRANSLATIVO	nã	em relação a; na qualidade de;
POSSE PREDICATIVA	takje - təkje	pertencente a
FINALIDADE	katsuw	para

Fonte: Miranda (2014, p. 143-144)

Como é possível notar, Miranda (2014) observou todas as posposições que Souza (1989) também listou à época do seu trabalho, entretanto, há algumas posposições que até o presente momento não ocorrem nas outras línguas Timbira, ou não estão incluídas nessa classe de palavras, como no caso da posposição que indica posse predicativa ‘takje ~ təkje’ (pertencente a) e finalidade ‘katsuw’ (para).

## 5.4 POSPOSIÇÕES EM PYKOBJÊ

Em Pykobjê também há duas análises propostas sobre as posposições. A primeira foi descrita por Amado (2004), que, na verdade, teve como foco de análise os aspectos morfofonológicos da referida língua, enquanto a segunda análise foi descrita por Silva (2011), que abordou o tema “Descrição e análise morfossintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)”.

### 5.4.1 Análise de Amado (2004)

Amado (2004) define as posposições em Pykobjê como elementos núcleos de sintagmas posposicionais que são antecidos por um objeto (assim como no Parkatêjê, o objeto será um nome ou pronome). Segundo a autora as posposições nessa língua “relacionam-se a categorias

espaço-temporais, dativas, que expressam companhia e marcação de caso; ” (AMADO, 2004, p. 42).

**Quadro 21:** Posposições em Pykobjê, segundo a análise de Amado (2004).

<b>Posposições na língua Pykobjê</b>	
<b>tɛ</b>	Ergativo
<b>mə</b>	Dativo
<b>kam</b>	Locativo
<b>to</b>	Direção / instrumento / Companhia

Fonte: quadro elaborado com base nos dados contidos no trabalho de Amado (2004).

Conforme observado no quadro acima, Amado (2004, p. 44) explica que “as partículas indicadoras de direção, instrumento e mudança de valência são homônimas – **to**. ” Embora a autora supracitada não tenha incluído a “partícula to” na seção das posposições, optamos por acrescentá-la neste quadro pelas características que estes elementos apresentam.

#### 5.4.2 Análise de Silva (2011)

Assim como foi verificado nas outras línguas Timbira, Silva (2011) também observou que as posposições podem ocorrer em diversos contextos em Pykobjê, com a função de: marcar o sujeito de verbo intransitivo, marcar o caso ergativo em orações com verbos transitivos simples, marcar o caso dativo, além disso, ocorrem com verbos transitivos estendidos e compõem o núcleo de sintagmas adverbiais. As posposições analisadas por Silva (2011) serão listadas no quadro a seguir:

**Quadro 22:** Posposições em Pykobjê, segundo a análise de Silva (2011).

<b>Posposições em Pykobjê</b>	
<b>tɛ</b>	Ergativo
<b>cȳm</b>	Locativo
<b>mỹ</b>	Dativo
<b>to</b>	Instrumento
<b>wyr</b>	Direcional
<b>ny</b>	Temporal
<b>Pě ~ pĕ</b>	Fonte / origem

Fonte: quadro elaborado com base nos dados contidos no trabalho de Silva (2011).

No trabalho de Silva (2011) foi verificado um número maior de posposições em Pykobjê em relação ao trabalho de Amado (2004). Após as apresentações das posposições, nota-se que

há uma grande semelhança desses elementos no grupo de línguas Timbira. Portanto, na próxima seção veremos cada posposição e sua respectiva função, individualmente, para cada língua, conforme as análises dos autores supracitados.

## 6 COMPARAÇÃO DAS POSPOSIÇÕES SEGUNDO AS ANÁLISES DESCRITAS

Agora, passaremos ao exame individual das posposições segundo as análises propostas pelos autores discutidos no capítulo anterior. Como foi possível observar, as posposições nas línguas Timbira apresentam semelhanças quanto à forma e, na maioria dos casos, também quanto a função. Entretanto, em alguns casos verifica-se que algumas posposições possuem a mesma forma assumindo funções distintas, além do fato de algumas posposições terem sido listadas somente em uma língua e em outras não. Como a base desse estudo é a comparação das posposições nas diferentes análises propostas, as descrições abaixo serão mantidas, fielmente, conforme a análise de cada autor.

### 6.1 Te - ergativo

A posposição ‘te’, na maioria dos casos, foi analisada como uma marca de caso ergativo. Essa foi a função atribuída nas línguas Timbira: Parkatêjê (Ferreira, 2003), Canela Apãniekrá (Alves, 2004), Canela-Krahô (Souza, 1989) e Pykobjê (Amado, 2004; Silva, 2011). Além disso, Popjes e Popjes (1986) usaram o termo ‘marcador de tempo passado em cláusulas transitivas’ para descrever esse tipo de ocorrência. Devido à semelhança na análise desses autores com as análises de ergatividade cindida, optou-se por incluí-los nesta seção.

Em Parkatêjê, Ferreira (2003) afirma que a posposição ‘te’ ocorre no singular, marcando o sujeito ergativo, entretanto, a autora ressalta que, quando o sujeito está no plural, a forma utilizada para marcá-lo é ‘tem’.

(53) pe    pia    pit    kãm: a-    te    ita    to!  
 PR    DUB    sol    LOC    2-    ERG    DEM    fazer  
 'O Sol disse: você fez isto!'

(FERREIRA, 2003, p. 141)

- (54) ka- amñẽ a-katɔr tɔ mɔ̃ Ø tɛm a-pupun nɔ̃rɛ  
 2- vir 2-chegar+PAS ir 3 ERGPL 2-REL-ver+PAS NEG  
 ‘Quando tu chegaste, eles não te viram’.

(FERREIRA, 2003, p. 56)

- (55) i- tɛ i- kra pɛn  
 1- ERG 1- filho carregar+PAS  
 ‘Eu carreguei meu filho’

(FERREIRA, 2003, p. 190)

De acordo com Ferreira (2003), em Parkatêjê as orações ergativas realizam-se no tempo passado e no aspecto perfectivo, como expostos nos exemplos acima.

Alves (2004, p. 20) afirma que a combinação do sistema ergativo com o ativo-estativo<sup>36</sup> poderia ser motivada de diversas maneiras nas marcações de relações sintáticas em uma sentença simples, entretanto, nas línguas Timbira, foi encontrado somente o elemento tempo como fator motivador. Observemos os exemplos que a referida autora apresentou para o Canela Apãniekrá:

- (56) i-tɛ kwər ken  
 1-ERG mandioca ralar  
 ‘Eu ralei mandioca’

(ALVES, 2004, p. 21)

- (57) i-tɛ i-pɪr  
 1-ERG 1-pegar  
 ‘Eu a peguei’ (a cesta)

(ALVES, 2004, p. 22)

---

<sup>36</sup> Conforme já visto anteriormente, de acordo com Dixon (2010), no sistema Split-S, os verbos intransitivos podem ser divididos em Sa (são verbos marcados como A) e verbos So (são verbos marcados como O). O primeiro corresponde a verbos intransitivos ativos como ‘falar’ e ‘correr’, e, o segundo, corresponde a verbos de ação incontrolável, como ‘tossir’ e ‘morrer’.

- (58) i-te h-õpum  
 1-ERG 3-ver  
 ‘Eu o vi’

(ALVES, 2004, p. 22)

Assim como no Parkatêjê, em Canela Apãniekrá, Alves (2004) observou que as sentenças de base ergativa-absolutiva indicam tempo passado recente, e a posposição ‘te’ marca o sujeito em orações transitivas.

Outro contexto de ocorrência citado por Alves (2004, p. 60-61) está relacionado com uma classe de verbos que a autora considerou como ‘verbos intransitivos com objeto indireto’. Ela afirma que esse tipo de construção ocorre com dois argumentos, sendo um o sujeito e o outro é classificado como um objeto indireto, marcado por uma posposição, e o sujeito pode ser agente, paciente ou experienciador. Nesse caso, a posposição ‘te’ pode ocorrer em um contexto muito específico com sujeito agente (nome ou pronome dependente), e a construção deve estar no tempo passado simples. A posposição ergativa se localizará após o sujeito, conforme os exemplos abaixo:

- (59) hũmre te karz kãm iʔ-katõk  
 Homem ERG veado LOC 3-atirar  
 ‘O homem atirou no veado’

(ALVES, 2004, p. 61)

- (60) a-te i-mã a-kakok  
 2-ERG 1-DAT 2-falar  
 ‘Você conversou comigo’

(ALVES, 2004, p. 61)

Alves (2004) ressalta que a posposição ‘te’ não ocorrerá nesses casos se o sujeito não for ativo, ou seja, não ocorre com sujeito experienciador ou paciente. Além disso, há uma concordância de sujeito indicada no verbo por meio de um prefixo pronominal, conforme observado em (59) e (60). A autora afirma que tal concordância não pode ser apagada, como ilustra o exemplo (61):

- (61) \*hũmrɛ      tɛ      karɜ      kãm      katõk  
 Homem      ERG      veado      LOC      atirar  
 ‘O homem atirou no veado’

(ALVES, 2004, p. 61)

Por outro lado, Alves (2004) explica que se for uma ocorrência com verbos intransitivos ativos, que possuem um só argumento e ocorrem no tempo futuro, a concordância do sujeito no verbo não aparecerá:

- (62) ka      ha      kə      pe      krẽ  
 2      IRR      pátio      LOC      cantar  
 ‘Você vai cantar no pátio’

(ALVES, 2004, p. 62)

- (63) \*ka      ha      kə      pe      a-krẽ  
 2      IRR      pátio      LOC      2-cantar  
 ‘Você vai cantar no pátio’

(ALVES, 2004, p. 62)

De acordo com Alves (2004), se a construção com verbo intransitivo ativo e o verbo intransitivo com objeto indireto estiverem no tempo passado simples, a distinção entre os verbos mencionados pode se neutralizar. A autora esclarece que isso ocorre “porque a morfologia ergativa pode se estender também aos intransitivos ativos, nas construções em que o 'sujeito' parece ser topicalizado e também quando há um sintagma posposicional entre o 'sujeito' e o verbo” (ALVES, 2004, p. 62).

Intransitivos ativos (ALVES, 2004, p. 62)

- (64) ku-te      kə      pe      iʔ-ŋkrẽr  
 3-ERG      pátio      LOC      3-cantar  
 ‘Ele cantou no pátio’

(ALVES, 2004, p. 62)

Intransitivos (ativos) com 'objeto indireto' (ALVES, 2004, p. 62)

- (65) ku-te i-mã iʔ-kakok kə pe  
 3-ERG 1-DAT 3-falar pátio LOC  
 'Ele conversou comigo no pátio'

(ALVES, 2004, p. 62)

Podemos fazer uma breve observação quanto à classe de verbos que Alves (2004) intitulou “verbos intransitivos com objeto indireto”, uma vez que em Parkatêjê há um tipo de ocorrência semelhante, que Ferreira (2003) classificou como “orações intransitivas estendidas”, que consistem em predicados que exigem o sujeito e um constituinte oblíquo, no entanto, ainda que a sentença ocorra no tempo passado recente (ou simples, segundo análise de Alves, 2004), a marca de ergatividade ‘te’ não ocorre em Parkatejê, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (66) Ton mũ magwari kãm nõ hõr  
 NPR NPR LOC deitar dormir+PAS  
 ‘Ton dormiu no Maguari’

(FERREIRA, 2003, p. 162)

- (67) ka mũ h-õhõkre wĩr ten  
 Tu REL-casa DIR ir+PAS  
 ‘Tu foste para a casa dele’

(FERREIRA, 2003, p. 162)

Miranda (2014, p. 175) também observou construções dessa natureza em Canela-Krahô. Tais construções foram chamadas de “predicados intransitivos estendidos”, que consistem em: um verbo intransitivo que requer dois argumentos obrigatórios, sendo um o sujeito e o outro um argumento oblíquo regido pela posposição ‘mã’:

- (68) Potit apu kuε Ø-mã h-ako  
 N.PROP. PROG. fogo R<sup>1</sup>-DAT R<sup>2</sup>-assoprar  
 ‘Potut está assoprando o fogo’

(MIRANDA, 2014, p. 175)



- (69) ke ha a Ø-mã iʔ-kaʔko  
 ENF IRR 2SG R<sup>1</sup>-DAT R<sup>2</sup>-falar  
 ‘(alguém) vai falar para ti’

(MIRANDA, 2014, p. 175)

Assim como em Canela Apãniekrá, Parkatêjê e Canela-Krahô, em Pykobjê, construções dessa natureza foram observadas por Silva (2011), e, segundo a referida autora, em Pykobjê há uma classe de “verbos intransitivos estendidos”, a qual também exige um complemento oblíquo, além do sujeito e ocorre somente com os verbos intransitivos estendidos, como mostram os exemplos abaixo:

- (70) ropre hõmre awjahë a’cët cãm  
 Gato macho caçar mata LOC  
 ‘O gato caça na mata’

(SILVA, 2011, p. 78)

- (71) cë te amne  
 3PL ir/vir para cá  
 ‘Ele vem para cá’

(SILVA, 2011, p. 78)

Dessa forma, podemos destacar algumas diferenças nas ocorrências desse tipo de construção que envolvem as posposições: embora todos apresentem um constituinte oblíquo (objeto indireto na análise de Alves, 2004), observamos que a língua Canela Apãniekrá foi a única que apresentou a posposição ergativa ‘te’, uma vez que, em Parkatêjê, não há ocorrência de verbos intransitivos com a posposição ‘te’, em Pykobjê, não foi verificado o uso da posposição ‘te’ e tais ocorrências parecem apresentar um componente oblíquo locativo.

Em Canela-Krahô, há três análises distintas para a posposição ‘te’. Iniciaremos pela análise de Souza (1989), que a considerou como uma marca de caso ergativo, a qual, de acordo com a autora, consiste em um sujeito marcado por te, quando se encontra em orações transitivas no tempo passado perfeito, ou seja, ocorre exatamente da mesma forma que nas línguas Parkatêjê e Canela Apãniekrá. Abaixo, seguem alguns exemplos dessas ocorrências em Canela-Krahô, segundo a análise de Souza (1989):

(72) i      tɛ      a      pupun  
 1      ERG    2      ver-PASS  
 ‘Eu vi você’

(SOUZA, 1989, p. 53)

(73) a      tɛ      i      mɛ̃n  
 1      ERG    1      derrubar-PASS  
 ‘Você me derrubou’

(SOUZA, 1989, p. 53)

(74) i      tɛ      Ø      h      õpun  
 1      ERG    3      REL-    ver-PASS  
 ‘Eu o vi’

(SOUZA, 1989, p. 54)

Para Souza (1989), a posposição ‘tɛ’ ocorre com verbos intransitivos, em Canela-Krahô, assim como também foi observado em Canela Apãniekrá, entretanto, diferencia-se do contexto de ocorrência, citado por Alves (2004), no que diz respeito às construções de “verbos intransitivos com objeto indireto”, porém, há uma semelhança nas construções com o “verbo intransitivo ativo no tempo passado simples”, uma vez que, em Canela-Krahô, o complemento de verbo intransitivo deve estar posicionado, ocorrendo como tópico ou foco do sujeito perfectivo, assim como ocorre em Canela Apãniekrá, pois, segundo Alves (2004), nesse contexto o sujeito parece ocorrer de forma topicalizada e também apresenta um sintagma posposicional. Vejamos os exemplos para o Canela-Krahô:

(75) i      tɛ      kra      kam      i      katõk  
 1      POSP    paca    POSP    1      atirar  
 ‘Fui eu que atirei na paca’

(SOUZA, 1989, p. 42)

Popjes e Popjes (1986) também escreveram sobre o Canela-Krahô, afirmando que ‘tɛ’ é um marcador de tempo passado em cláusulas transitivas, que pode se localizar imediatamente após o sintagma nominal (sujeito) ou pode ser acrescentado junto a um prefixo pronominal. Apesar dos autores não citarem tal característica como uma marca de ergatividade cindida, tal

qual foi verificada em Parkatêjê, Canela Apãniekrá e Canela-Krahô (análise de Souza, 1989), observa-se uma grande identidade com os dados das referidas línguas:

- (76) i-te            cu-mã            hōr  
 1-PAST            3-to            3+give  
 ‘I gave it to him’  
 ‘Eu dei para ele’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 168, TRADUÇÃO NOSSA)

- (77) a-te    catōc    to    po    curan  
 2-PAST gun    INSTR deer    kill  
 ‘You killed the deer with a gun’  
 ‘Você matou o cervo com uma arma’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 168, TRADUÇÃO NOSSA)

- (78) cu-te    i-pê    pōhy    jáhkīj  
 3-PAST 1-from corn    steal  
 ‘He stole the corn from me’  
 ‘Ele roubou o milho de mim’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 168, TRADUÇÃO NOSSA)

Em Pykobjê, Amado (2004) não aprofundou, em seu estudo, questões relacionadas à marcação de casos, uma vez que esse não era o foco de sua pesquisa, no entanto, ela optou por considerar a posposição ‘te’ como marca de ergatividade cindida, ocorrendo da mesma forma que nas outras línguas Timbira vistas até o presente momento. Seguem abaixo os exemplos, conforme a análise de Amado (2004):

- (79) ej -tōs -            te            ej            -mə    h -ōk<sup>h</sup>reŋi            jō<sup>h</sup>re  
 1-irmã-            ERG    1            -DAT    3-colar            ‘dar’  
 ‘Minha irmã me deu seu colar’

(AMADO, 2004, p. 43)

- (80) ej-te to ej-k<sup>h</sup>re jahər  
 1-ERG CAUS 1-casa construir (levantar)  
 ‘Eu construí a minha casa’

(AMADO, 2004, p. 45)

- (81) ej-te to ej-k<sup>h</sup>wirpes kahun  
 1-ERG CAUS 1-cozinhar mandioca  
 ‘Eu cozinhei mandioca’

(AMADO, 2004, p. 45)

Silva (2011) abordou questões de marcação de caso em Pykobjê de forma mais detalhada que Amado (2004), afirmando que a ergatividade não é plena, pelo fato de haver uma cisão, baseada em tempo-aspecto e, assim como nas outras análises vistas anteriormente, ela também observou que tal sistema só ocorre no tempo passado. Vejamos os exemplos contidos no trabalho de Silva (2011):

- (82) e’no’ny co-te a’tor coran  
 PAS/LEX 3PD-ERG lambu matar  
 ‘Ontem ele matou lambu’

(SILVA, 2011, p. 102)

- (83) e’no’ny cahỹj-te ãncreere-mỹ cwyr jõor  
 PAS/LEX mulher-ERG criança-DAT mandioca dar  
 ‘A mulher deu mandioca para a criança?’

(SILVA, 2011, p. 102)

- (84) xoo-te xoo-re pro  
 Cão-ERG raposa pegar  
 ‘O cão pegou a raposa’

(SILVA, 2011, p. 104)

### 6.1.1 Outros usos da posposição ‘te’

Além da marcação de caso ergativo, a posposição ‘te’ também foi analisada como genitivo em duas línguas: Canela Apãniekrá (Alves, 2004) e Canela-Krahô (Miranda, 2014).

Popjes e Popjes (1986) citam, ainda, outras funções que a referida posposição pode assumir, como por exemplo: o significado de cópula em cláusula identificacional; o significado de ‘estado habitual’ em cláusulas transitivas estativas; e o significado de especificador, usado para identificar de que material um elemento é feito (tal função foi considerada como genitivo, por Alves (2004) e como epíteto, por Miranda (2014)).

Há também a proposta de Miranda (2014) que sugere que a posposição ‘te’ é um marcador oblíquo de sujeito em orações transitivas. E o que foi considerado como ergatividade cindida por outros estudiosos do Timbira, por Miranda (2014) foi interpretado como nominalização de nomes de ação para indicar noções de perfectividade e telicidade do evento em questão.

No que diz respeito à **função genitiva** da referida posposição em Canela Apãniekrá, segundo Alves (2004), os predicados possessivos ocorrem em duas situações: na primeira, tais predicados são formados por um ou mais nomes com referentes humanos e, na segunda, um prefixo pronominal assume a posição de sujeito. A palavra ‘kje’, que indica posse, compõe o núcleo do predicado. Quando um pronome dependente assume a posição de sujeito, a posposição ‘te’ ocorre, não como marca de ergatividade, mas sim como genitivo, conforme exemplificado abaixo:

(85) i-te kje  
1-GEN POS  
‘É meu’

(ALVES, 2004, p.123)

(86) maria rosa mē pedro sinduca amjĩ tō iʔ-kje  
Maria Rosa CONJ Pedro Sinduca RFL irmão 3-POS  
‘Maria Rosa e Pedro Sinduca são irmãos’

(ALVES, 2004, p.123)

(87) karēk te prire  
Argila GEN animal  
‘Animal de argila’

(ALVES, 2004, p. 155)

- (88) ken te wakə  
 Pedra GEN faca  
 ‘Faca de pedra’

(ALVES, 2004, p. 155)

De acordo com Alves (2004, p. 155), os exemplos (87) e (88) acima indicam o material com o que foi feito o objeto em questão. Segundo a autora, estes também são casos considerados como sentenças genitivas usando a posposição ‘te’.

Uma das funções da posposição ‘te’, que ocorre em um contexto muito restrito, descrito por Popjes e Popjes (1986) para o Canela-Krahô, é que tal posposição pode funcionar como **cópula** em construções identificacionais se os nomes ‘hapr̀y/japr̀y (nome) exercerem a função de sujeito, conforme os exemplos abaixo:

- (89) Hapr̀y te capi  
 Name COP Capi  
 ‘His name is Capi’  
 ‘O nome dele é Capi’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 134, TRADUÇÃO NOSSA)

- (90) i-japr̀y te capi  
 1-Name COP Capi  
 ‘My name is Capi’  
 ‘Meu nome é Capi’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 134, TRADUÇÃO NOSSA)

Miranda (2014) propõe uma análise diferente das outras realizadas em línguas Timbira, com relação à ergatividade cindida. A interpretação do referido autor está baseada na nominalização de predicados verbais que consiste em:

Esse processo derivacional é acionado pelo contexto estrutural e morfossintático, isto é, nas situações em que o núcleo verbal se encontra numa relação de dependência com respeito a outro elemento, cuja forma nominalizada é exigida, por exemplo, quando o predicado é um argumento interno de um verbo transitivo, quando é modificado por uma expressão adverbial à sua esquerda, ou quando exprimem eventos e processos perfectivos e télicos. O resultado desse processo é a derivação de nomes de ação a partir de temas verbais por meio de um dos alomorfes do sufixo nominalizador {-r} que são: -n, -m, -k, -t ou -Ø. (MIRANDA, 2014, p. 177).

Em nota de rodapé, o referido autor explica que o que foi interpretado por ele como alomorfes do sufixo nominalizador de {-r}: -n, -m, -k, -t ou – Ø, foi analisado por Popjes e Popjes (1986) como marcas usadas em contrastes de formas verbais longas e curtas para indicar o tempo passado recente. Tal ocorrência também foi observada em outras línguas Timbira, por exemplo, Ferreira (2003, p. 118) afirma que o aspecto perfectivo e o tempo passado recente são marcados pela forma longa do verbo. Isso significa que, quando o verbo é apresentado nos demais tempos e aspectos, a forma do verbo não recebe nenhum acréscimo de consoantes, conforme os exemplos abaixo:

- (91) mē mpi tɔ  
 PL homem dançar  
 ‘Os homens dançam’

(FERREIRA, 2003, p. 114)

- (92) mē mpi tɔr  
 PL homem dançar+PAS  
 ‘Os homens dançaram’

(FERREIRA, 2003, p. 114)

No exemplo (91), o verbo ocorre na sua forma curta, ou seja, não há acréscimo de nenhuma consoante, uma vez que o tempo verbal não está no passado e nem no aspecto perfectivo, como em (92), que recebe a consoante ‘-r’, para indicar tal ocorrência. Por esta razão, o verbo se apresenta na sua forma longa. É válido ressaltar que esse fenômeno acontece somente com verbos ativos.

Alves (2004, p. 64) também observou essa ocorrência em Canela Apãniekrá, usando os termos: forma finita (para o que foi intitulado forma curta) e forma não-finita (para o que foi intitulado forma longa). A referida autora explica que, embora se note uma ausência de morfemas que indiquem tempo, modo ou aspecto na raiz verbal, há uma regra morfofonológica que altera o final do radical do verbo (ativo), que pode ser transitivo ou intransitivo, quando está no tempo passado simples. De acordo com a autora supracitada, as consoantes que podem ocorrer com os verbos ativos terminados em vogais são: m, n, p, r, t, j, k. Dessa forma, Alves (2004) afirma que as formas curtas são derivadas das formas longas. Observemos os exemplos a seguir:

- (93) wa wri  
1 descer  
'Eu desço'

(ALVES, 2004, p. 64)

- (94) i-wrik  
1-descer (NF)  
'Eu desci'

(ALVES, 2004, p. 64)

Assim, Miranda (2014) apresenta uma análise distinta em relação a essas ocorrências que apresentam essa modificação no final do verbo. Miranda (2014, p. 177) defende que a nominalização de predicados verbais em Krahô ocorre em contextos de subordinação, modificação adverbial e em orações independentes nos casos em que expressam eventos perfectivos e télicos. Seguem abaixo os exemplos apresentados pelo autor:

- (95) pije apu k<sup>h</sup>wər j-ate  
Mulher.PL PROG mandioca R<sup>1</sup>-espremer  
'As mulheres estão espremendo a mandioca'

(MIRANDA, 2014, p. 177)

- (96) pije Ø-te apu k<sup>h</sup>wər j-ate-n  
Mulher.PL R<sup>1</sup>-oblíquo PROG mandioca R<sup>1</sup>-espremer-NOMLZ  
'Houve o espremer da mandioca pelas mulheres' (As mulheres espremeram a mandioca)

(MIRANDA, 2014, p. 178)

Miranda (2014) explica que o núcleo transitivo é determinado de forma indireta e que 'te', posposição oblíqua, marca o sujeito. Se o núcleo do predicado for intransitivo, o argumento que corresponde ao sujeito "é codificado por meio de formas pronominais absolutivas, as quais determinam diretamente os núcleos intransitivos" (MIRANDA, 2014, p. 178). Observemos os exemplos a seguir:



- (97) wa ha ramã Ø-ape  
 1SG IRR já R<sup>2</sup>-trabalhar  
 ‘Eu já vou trabalhar’

(MIRANDA, 2014, p. 177)

- (98) ramã i- j-ɔpe-n  
 Já 1SG R<sup>1</sup>-trabalhar-NOMLZ  
 ‘Já houve o trabalhar de ti’

(MIRANDA, 2014, p. 178)

Miranda (2014) acrescenta que os casos semelhantes a (95-98) foram analisados em outros estudos de tipologia como sistema cindido, pelo fato da alternância dos argumentos nucleares exibirem um alinhamento nominativo-acusativo em um momento e em outro, ergativo-absolutivo. Entretanto, o autor supracitado afirma que a nominalização em Canela-Krahô exibe um padrão ergativo-absolutivo de forma superficial, uma vez que há uma marcação diferente para o argumento sujeito de verbo transitivo, que é marcado pela posposição ‘te’, diferenciando-se, assim, dos argumentos sujeito de verbos intransitivos e objeto direto de verbos transitivos, os quais são tratados de maneira semelhante. No entanto, além da possibilidade da posposição ‘te’ marcar expressões nominais na função de sujeito em sentenças intransitivas (exemplos 99-100), ela pode também agir como epítetos em construções nominais (exemplos 101-102).

- (99) i Ø-te karẽk j-ak<sup>h</sup>ri Ø-k<sup>h</sup>ãm i ts-ɐ-m  
 1SG R<sup>1</sup>-OBL lama R<sup>1</sup>-frio R<sup>1</sup>-LOC 1SG R<sup>1</sup>-entrar-NOMLZ  
 ‘A entrada de mim na lama fria’ (eu pisei na lama fria)

(MIRANDA, 2014, p. 181)

- (100) rɔp j-ɔpre Ø-te i Ø-k<sup>h</sup>ot Ø-pjemẽ-n  
 Cachorro R<sup>1</sup>-valente R<sup>1</sup>-OBL 1SG R<sup>1</sup>-com R<sup>2</sup>-correr-NOMLZ  
 ‘A corrida do cachorro valente comigo’ (O cachorro valente correr atrás de mim)

(MIRANDA, 2014, p. 181)

A interpretação de Miranda (2014) para os exemplos acima é que a posposição ‘te’ marca o sujeito, mas não como um traço de ergatividade cindida. O referido autor explica que

se trata da nominalização da ação (verbo). Além disso, ele afirma que a posposição ‘te’ pode assumir a função de epíteto em expressões nominais como nos exemplos abaixo:

- (101) pĩ      j-ak<sup>h</sup>εp-Ø                      Ø-k<sup>h</sup>rãn              Ø-te      kahuw  
 Pau      R<sup>1</sup>-cortar-NOMLZ              R<sup>1</sup>-pedaço              R<sup>1</sup>-GEN pilão  
 ‘Pilão de pedaço de pau cortado’

(MIRANDA, 2014, p. 181)

- (102) kuk<sup>h</sup>õn              Ø-te              krat  
 Cabaça              R<sup>1</sup>-GENT              cuia  
 ‘Cuia de cabaça’

(MIRANDA, 2014, p. 181)

Note que os exemplos acima representam exatamente o que Alves (2004) propôs para o Canela Apãniekrá quando se referiu aos predicados possessivos na referida língua. Entretanto, Alves (2004) ainda considera a posposição ‘te’ como marca de ergatividade nos contextos em que as orações transitivas ocorrem no passado recente, tendo o sujeito marcado por ‘te’. Já Miranda (2014, p. 181) argumenta que ‘te’ não pode ser uma marca de ergatividade em Canela-Krahô, uma vez que esta posposição também marca o sujeito de orações intransitivas e o epíteto nas frases nominais e, por esta razão, a posposição ‘te’ não pode ser vista como uma marca de agente.

Para Miranda (2014), a posposição ‘te’ possui uma função translativa, pois há uma relação de pertencimento entre os termos que são marcados pela referida posposição e o subordinador. Observemos os exemplos apresentados por Miranda (2014):

- (103) kuuhe?ke      Ø-te      mẽ      pa      Ø-mã      ko      Ø-to              Ø-mõ-r  
 N. PRÓP              R<sup>1</sup>-OBL PL              1±2              R<sup>1</sup>-DAT água              R<sup>1</sup>-ASS.INSTR              R<sup>2</sup>-ir-NOMLZ  
 ‘O levar da água por kuuhe?ke para nós’ (kuuhe?ke levou água para nós)

(MIRANDA, 2014, p. 182)

- (104) jũm-je Ø-te      k<sup>h</sup>wær              Ø-k<sup>h</sup>rε-Ø?  
 INT-PL R<sup>1</sup>-OBL mandioca              R<sup>1</sup>-plantar-NOMLZ  
 ‘Houve o plantar mandioca por quem?’ (Quem plantou a mandioca?)

(MIRANDA, 2014, p. 257)

- (105) i      Ø-te    ku-mã      h-ark<sup>h</sup>wa      j-arẽ-n  
 1SG    R<sup>1</sup>-OBL R<sup>2</sup>-DAT      R<sup>2</sup>-boca      R<sup>1</sup>-dizer-NOMLZ

‘Houve o dizer do recado para ele por mim’ (Eu disse o recado para ele)

(MIRANDA, 2014, p. 133)

Miranda (2014) afirma que em Canela-Krahô as expressões de nomes que são marcadas pela posposição ‘te’ assumem função genitiva. No entanto, o referido autor acrescenta que ainda é necessário examinar o assunto em questão mais detalhadamente no futuro.

Outra função atribuída à posposição ‘te’ está no trabalho de Popjes e Popjes (1986), o qual aponta que a referida posposição assume o significado de estado habitual quando ocorrem com verbos transitivos estativos. Portanto, nesse contexto, a posposição ‘te’ deixa de indicar o tempo passado, conforme os exemplos abaixo:

- (106) i-te    hũpa

1-HAB 3+fear

‘I live afraid of it’

‘Eu vivo com medo disso’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 130, TRADUÇÃO NOSSA)

- (107) a-te    amji    kĭn

2-HAB self    like

‘You always like yourself’

‘Você sempre gosta de si mesmo’

ou

‘You are a happy person’

‘Você é uma pessoa feliz’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 130, TRADUÇÃO NOSSA)

- (108) cu-te    rop    japê

3-HAB dog    pity

‘He always has pity on the dog’

‘Ele sempre tem piedade do cachorro’ (tradução nossa)

ou

‘He wants the dog near him’

‘Ele quer o cachorro perto dele’ (tradução nossa)

(POPJES E POPJES, 1986, p. 131, TRADUÇÃO NOSSA)

De acordo com Popjes e Popjes (1986) há ainda um subtipo de sintagma nominal que especifica, por meio da posposição ‘te’, o material de que um elemento é feito.

- (109) carēc            te            pryre  
 Clay            SPECFR            animals  
 ‘Clay animals’  
 ‘Animais de argila’ (tradução nossa)

(POPJES E POPJES, 1986, p. 170, TRADUÇÃO NOSSA)

Este exemplo do Canela-Krahô é muito semelhante ao exemplo do Canela Apãniekrá, descrito por Alves (2004), sobre predicados possessivos, uma vez que a autora utilizou um exemplo idêntico ao que foi utilizado por Popjes e Popjes (1986) em (109):

- (110) karêk    te            priɾɛ  
 Argila    GEN            animal  
 ‘Animal de argila’

(ALVES, 2004, p. 155)

Nota-se que essa relação observada acima por Alves (2004) como genitivo, no exemplo (110), foi a mesma que Popjes e Popjes (1986) interpretaram como função especificadora da posposição ‘te’, no exemplo (109). Tais ocorrências também têm grande identidade com a interpretação de epíteto, proposta por Miranda (2014) nos exemplos (101) e (102).

A partir dos dados apresentados acima, nota-se uma grande semelhança entre as ocorrências da posposição ‘te’, ora com análises que coincidem ora com análises distintas. Para uma melhor compreensão das funções que essa posposição pode assumir, de acordo com as análises propostas pelos autores, observemos o quadro abaixo:

**Quadro 23:** Funções da posposição ‘te’

<i>Funções</i>	<i>Ergativo</i>	<i>Marca de tempo passado</i>	<i>Cópula</i>	<i>Especificador / Epíteto / Genitivo</i>	<i>Est. Habitual</i>	<i>Oblíquo</i>
<i>Parkatêjê (Ferreira, 2003)</i>	X					
<i>Apãniekrá (Alves, 2004)</i>	X			X		
<i>Krahô (Popjes e Popjes, 1986)</i>		X	X	X	X	
<i>Krahô (Souza, 1989)</i>	X					
<i>Krahô (Miranda, 2014)</i>				X		X
<i>Pykobjê (Amado, 2004)</i>	X					
<i>Pykobjê (Silva, 2011)</i>	X					

Fonte: elaborado pela autora.

Em conclusão, observa-se que o ‘te’ é analisado como marca de ergatividade cindida em todas as línguas em estudo, exceto nas análises de Popjes e Popjes (1986) e de Miranda (2014) para a língua Canela-Krahô. Em Parkatêjê e em Pykobjê, diferentemente do Krahô, ‘te’ ocorre somente com a função de marca de ergatividade. A função de cópula foi observada somente por Popjes e Popjes (1986), embora a língua Canela-Krahô tenha sido objeto de estudo para três autores do presente trabalho. A língua Parkatêjê foi a única a apresentar flexão de número para a posposição ‘te’ (singular - ‘te’ / plural - ‘tem’). As quatro línguas em questão apresentam construções com verbos intransitivos junto a um constituinte oblíquo (obrigatório), no entanto, há diferenças no contexto de uso dessas formas. Observando o quadro acima, podemos constatar que, quanto às funções da posposição ‘te’, os dialetos que parecem compartilhar um número maior de semelhanças é o Canela Apãniekrá e o Canela-Krahô, tanto nas ocorrências com a posposição ‘te’ (genitivo) quanto às ocorrências da posposição ‘te’ (ergativo) com os verbos intransitivos ativos.

### **6.1.2. A posposição ‘te’: elemento oblíquo, marca de tempo passado ou marca de ergatividade?**

Conforme apresentado na seção anterior, a posposição ‘te’ foi analisada, pela maioria dos autores supracitados, como uma marca de ergatividade cindida, com exceção de Miranda (2014) e Popjes e Popjes (1986), ambos para a língua Canela-Krahô. Com base nesse estudo, buscamos responder às questões: a posposição ‘te’ seria uma marca de ergatividade cindida? Ou seria um elemento oblíquo relacionado ao processo de nominalização na língua Krahô<sup>37</sup> e

<sup>37</sup> Miranda (2014).

nas demais línguas Timbira? Ou seria somente uma marca de tempo passado em construções transitivas<sup>38</sup>?

Para Miranda (2014), a posposição ‘te’ é considerada como um elemento oblíquo e não, uma marca de ergatividade cindida. Além disso, o que foi analisado como forma longa ou forma curta<sup>39</sup>/ forma finita e forma não-finita do verbo<sup>40</sup>, foi interpretado por Miranda (2014) como nominalização da forma verbal. Veja os exemplos a seguir:

- (111) **i**      **Ø-te** pur      Ø-kare-r  
 1SG    R<sup>1</sup>-OBL roça    R<sup>1</sup>-limpar-NOMLZ  
 ‘A capinação da roça por mim’ (Eu capinei a roça)

(MIRANDA, 2014, p. 109)

- (112) **a**      **Ø-te** i      Ø-mê-n  
 2SG    R<sup>1</sup>-OBL 1SG    R<sup>1</sup>-derrubar-NOMLZ  
 ‘A derrubada de ti por mim’ (Você me derrubou)

(MIRANDA, 2014, p. 109)

- (113) **Pi?to** **Ø-te** i      Ø-mê-n  
 N.PROPR<sup>1</sup>-OBL 1SG    R<sup>1</sup>-derrubar-NOMLZ  
 ‘Houve o derrubar de mim por Pito’ (Pito me derrubou)

(MIRANDA, 2014, p. 109)

De acordo com a interpretação de Miranda (2014) para os exemplos (111), (112) e (113), há um sujeito<sup>41</sup> marcado pela posposição ‘te’, que ocorre junto a um relacional de contiguidade da classe B<sup>42</sup>. Segundo Miranda (2014, p. 76-77), a flexão relacional, em Krahô, tem a função de estabelecer uma relação de dependência sintática entre a posposição e seu complemento, entretanto, discordamos dessa análise, visto que, com base nesse estudo sobre as posposições, não há uma razão para a ocorrência de flexão relacional nesses contextos, uma vez que “as

<sup>38</sup> Popjes e Popjes (1986).

<sup>39</sup> Ferreira (2003).

<sup>40</sup> Alves (2004).

<sup>41</sup> Em (111) e (112) os sujeitos são representados pelos pronomes dependentes; em (113), o sujeito é um nome próprio.

<sup>42</sup> Indica contiguidade sintática em temas iniciados por consoantes.

posposições são partículas que ocorrem com um sintagma nominal e indicam a relação gramatical, semântica, espacial, temporal ou lógica do sintagma nominal com o outro elemento da cláusula.” (GENETTI, 2014, p. 108). Portanto, não é necessária a flexão relacional nesses contextos, já que a posposição estabelece essa relação entre o complemento e o outro elemento da sentença. Além disso, note que em todos os exemplos listados por Miranda (2014), a flexão relacional nesses contextos sempre é marcada por {-Ø}.

Miranda (2014) utiliza o termo “oblíquo” para se referir à posposição ‘te’, afirmando que essa posposição possui uma função translativa, a qual, segundo o referido autor, marca as expressões nominais que funcionam como sujeito e indicam uma relação de pertencimento entre tais expressões e seu subordinador. (MIRANDA, 2014, p. 181-182). No entanto, a meu ver, as expressões nominais são, de fato, o sujeito da oração, que são marcados pela posposição ‘te’ quando estão no tempo passado recente e aspecto perfectivo, uma vez que essa marca não ocorre no tempo não-passado. Embora Miranda (2014) afirme que ‘te’ marca expressões que funcionam como sujeito, nos exemplos (111), (112) e (113) fica claro que essas “expressões” são, na verdade, o sujeito e, com base no conceito de termo oblíquo, este parece não ser o mais adequado para esta posposição, conforme veremos a seguir:

Denota um argumento NP que não é um sujeito nem um objeto direto (nem, em algumas análises, um objeto indireto; esse ponto é controverso e possivelmente específico da língua). Os NPs oblíquos em inglês são realizados como objetos de preposições; em algumas línguas, eles podem ser objetos de posposições ou marcadores de casos de NPs. Atualmente, esse uso é padrão. 2. Nas descrições gramaticais tradicionais do latim e grego, denota qualquer forma de um caso que não seja o nominativo ou o vocativo. Esse uso não é atual na teoria gramatical. (TRASK, 1996, p. 194) (TRADUÇÃO NOSSA)<sup>43</sup>

Segundo Trask (1996), um elemento oblíquo não pode estar relacionado ao sujeito ou objeto direto. De acordo com Miranda (2014), a posposição oblíqua ‘te’ marca o sujeito, portanto, o termo oblíquo não é adequado para essa posposição.

---

<sup>43</sup> Denoting an argument NP which is neither a subject nor a direct object (nor, in some analyses, an indirect object; this point is controversial and possibly language-specific). Oblique NPs in English are realized as objects of prepositions; in some other languages, they maybe objects of postpositions or case-marked NPs. This use is currently standard. 2. In the traditional grammatical descriptions of Latin and Greek, denoting any case form of a noun other than the nominative or vocative. This use is not current in grammatical theory.

oblíquo (adj.) (obl, OBL) Em línguas que expressam relações gramaticais por meio de flexões, esse termo refere-se à forma adotada por um sintagma nominal (geralmente um único nome ou pronome) quando se refere coletivamente a todas as formas de casos de uma palavra, exceto a do caso não marcado ou nominativo. (CRYSTAL, 2008, p. 337) (TRADUÇÃO NOSSA)<sup>44</sup>

Já Crystal (2008) afirma que o termo oblíquo pode se referir, de modo geral, a todos os casos, com a exceção do caso nominativo. Dessa forma, novamente podemos refletir sobre o fato de que ‘te’ marca o sujeito, logo, não pode ser considerado um elemento oblíquo. Note que Crystal, com essa afirmação, inclui o caso acusativo dentro do termo oblíquo, diferentemente de Trask.

Em Miller (2013), há uma definição semelhante a que foi proposta por Trask (1996), como veremos a seguir:

1. Qualquer afixo de caso que não seja nominativo ou acusativo (por exemplo, em gramática russa). 2. Qualquer sintagma nominal que modifique um verbo que não seja sujeito e objeto direto. Por exemplo. ‘We bought lunch in an expensive restaurant in Edinburgh on Friday with Juliet’s credit card’ contém quatro oblíquos: ‘in an expensive restaurant’, ‘in Edinburgh’, ‘on Friday’ e ‘with Juliet’s credit card’. 3. Qualquer modificador de sintagma nominal de um verbo conectado a ele por uma preposição, como ‘for the children’ em ‘He sent presents for the children’ e ‘to Morocco’ em ‘We went to Morocco’. Veja FUNÇÃO GRAMATICAL. (MILLER, 2013, p. 318-319). (TRADUÇÃO NOSSA)<sup>45</sup>

Para Miller (2013), pode-se considerar oblíquo qualquer afixo de caso que não seja nominativo ou acusativo ou qualquer sintagma nominal que modifique um verbo, desde que não seja sujeito ou objeto direto. Embora o referido autor não mencione as adposições, conforme vimos na seção (3.2.1), tais elementos podem exercer a mesma função dos afixos de caso, dessa forma, a posposição ‘te’ poderia ser considerada como um elemento oblíquo, se não

---

<sup>44</sup> oblique (adj.) (obl, OBL) In languages which express grammatical relationships by means of inflections, this term refers to the form taken by a noun phrase (often a single noun or pronoun) when it refers collectively to all the case forms of a word except that of the unmarked case, or nominative.

<sup>45</sup> 1. Any case affix other than nominative or accusative (for instance, in grammars of Russian). 2. Any noun phrase modifying a verb other than subject and direct object. E.g. *We bought lunch in an expensive restaurant in Edinburgh on Friday with Juliet’s credit card* contains four obliques: *in an expensive restaurant*, *in Edinburgh*, *on Friday* and *with Juliet’s credit card*. 3. Any noun phrase modifier of a verb connected to the verb by a preposition, such as *for the children* in *He sent presents for the children* and *to Morocco* in *We went to Morocco*. See GRAMMATICAL FUNCTION. (MILLER, 2013, p. 318-319).



marcasse o sujeito. Logo, o termo oblíquo não é o mais adequado para a posposição ‘te’, uma vez que tal posposição marca o sujeito. É válido ressaltar também que o elemento oblíquo, segundo Miller (2013), ocorre modificando um verbo, não apresentando nenhuma relação direta com o sujeito.

Se o termo “oblíquo” não é adequado para o uso da posposição ‘te’, de acordo com as definições vistas anteriormente, pode-se destacar também que, ao considerar ‘te’ como elemento oblíquo, a função de tal elemento parece um pouco vaga, visto que, frequentemente, marca o sujeito em construções que ocorrem sempre no tempo passado e nunca no tempo presente ou futuro, conforme os exemplos a seguir:

- (114) mẽ paʔ Ø-tɛ prɪɛ Ø-kʰwə j-ipej-Ø  
 PL 1±2 R<sup>1</sup>-OBL caça R<sup>1</sup>-PART R<sup>1</sup>-matar.PL-NOMLZ

‘Houve o matar de várias caças por nós’ (Nós matamos várias caças)

(MIRANDA, 2014, P. 135)

- (115) pe ka ha mẽ prɪɛ ata-je j-ipejʔ  
 INT 2SG IRR PL caça DEM-PL R<sup>1</sup>-matar.PL

‘Vocês vão matar aquelas caças?’

(MIRANDA, 2014, P. 111)

- (116) iʔ-kura-n nō  
 R<sup>2</sup>-matar-NOMLZ NEG.IMP

‘Não o mate’

(MIRANDA, 2014, P. 127)

- (117) wa apu kãṅã Ø-kura  
 1 PROG cobra R<sup>1</sup>-matar

‘Eu estou matando a cobra’

(MIRANDA, 2014, P. 135)

O exemplo (114) é único que apresenta a posposição ‘te’, uma vez que é somente ele que ocorre no tempo passado. Poderíamos concordar com Popjes e Popjes (1986) e afirmar que ‘te’ é uma marca de tempo passado, pois, conforme observamos no exemplo (115), há uma

marca de modo irrealis<sup>46</sup>, a qual, na tradução, indica noção de tempo futuro; em (116) temos um exemplo no tempo presente, que não apresenta uma marca de tempo; em (117), a palavra ‘apu’ indica o aspecto progressivo, conforme Miranda (2014, p. 270-271). Com base nesses dados, poderíamos fazer alguns questionamentos: se ‘te’ é um elemento oblíquo e não indica um tempo passado, por que razão todos os exemplos que possuem essa marca são traduzidos no tempo passado? O que estaria indicando este tempo? Por qual razão essa marca de tempo passado ocorreria constantemente com verbos transitivos e, raramente, com verbos intransitivos?

Conforme verificado na seção (3.3.1), de acordo com Dixon (2009), o sistema ergativo-absolutivo ocorre nas situações em que os argumentos S e O são marcados de maneira igual, com marcação diferente para o argumento A. Veremos agora a proposta de Payne (1997) para o sistema ergativo-absolutivo.

Segundo Payne (1997, p. 133), considera-se como S, o único argumento nominal presente nas cláusulas que são compostas por um só argumento, ou seja, refere-se ao sujeito de cláusulas intransitivas. O elemento A é considerado como o argumento que mais se assemelha ao agente, em cláusulas que possuem vários argumentos. O referido autor ressalta que, às vezes, esse tipo de construção é denominada cláusula transitiva, entretanto, *na ausência de um argumento que seja um bom agente, o A será aquele argumento que é, morfossintaticamente, tratado como um agente prototípico*. Portanto, se assumirmos que ‘te’ realmente é uma marca de ergatividade, pode-se afirmar que tal marca pode ocorrer em sentenças intransitivas nos casos em que o sujeito funciona como agente, como foi proposto por Alves (2004). O elemento P<sup>47</sup>, de acordo com Payne (1997), é aquele que mais se assemelha ao paciente em cláusulas que possuem vários argumentos.

Assim como Dixon (2009), Payne (1997) defende que “Se algum caso morfológico marcar A sozinho, pode ser chamado de caso ergativo.” (TRADUÇÃO NOSSA)<sup>48</sup>.” Para exemplificar, o autor utiliza os dados de uma língua do Alaska, denominada Yup’ik Eskimo:

(118) a.	Doris-aq	ayallruuq	‘Doris travelled’
	Doris-ABS	travelled	‘Doris viajou’
	S		

<sup>46</sup> Dixon (2010, p. 22, apud MIRANDA, 2010, p. 286) afirma que irrealis “refere-se a algo que não tinha (ainda) acontecido”. Miranda (2014, p. 286) acrescenta que a noção de irrealis pode expressar várias formas de modalidade, tais como: possibilidade, potencial, etc.

<sup>47</sup> Em Dixon (2010), esse elemento é representado por O.

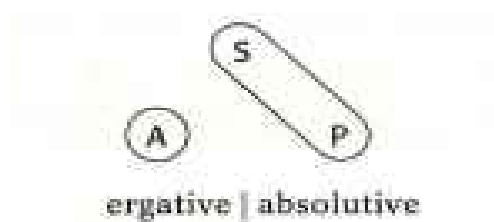
<sup>48</sup> “If any morphological case marks A alone it can be called the **ergative case**”.

b.	Tom-am	Doris-aq	cingallrua	‘Tom greeted Doris’
	Tom-ERG	Doris-ABS	greeted	‘Tom cumprimentou Doris’
	A	P		

(PAYNE, 1997, P. 135. TRADUÇÃO NOSSA)

Payne (1997) explica que em (118.a), o argumento S é marcado por *-aq* em uma sentença intransitiva. Tal marca morfológica ocorre também no argumento P de uma sentença transitiva (118.b), diferenciando-se do argumento A, que é marcado por *-am*. Dessa forma, a língua Yup’ik apresenta uma marcação de caso ergativo. O referido autor acrescenta que o caso absolutivo ocorre quando um caso morfológico marca tanto o argumento S quanto P, assim como ilustrado em (118). Neste caso, há uma marcação de caso ergativo-absolutivo.

**Figura 07:** Sistema ergativo-absolutivo



Fonte: Payne (1997, p. 135).

O Canela-Krahô, assim como as demais línguas Timbira, apresenta uma marcação diferente para o argumento A, nos contextos em que as sentenças ocorrem no tempo passado e aspecto perfectivo, conforme ilustram os exemplos abaixo:

**Canela-Krahô (dados de Miranda, 2014)**

(119)	<b>i</b>	<b>Ø-te</b>	pur	<b>Ø-kare-r</b>
	1SG	R <sup>1</sup> -OBL	roça	R <sup>1</sup> -limpar
	‘A capinação da roça por mim’ (Eu capinei a roça)			

(MIRANDA, 2014, P. 109)

Na análise de Miranda (2014), em (119) o verbo transitivo ‘kare’ (limpar) encontra-se na sua forma nominalizada ‘kare-r’ e a posposição ‘te’ ocorre como um elemento oblíquo que marca o sujeito. Entretanto, a meu ver, em sentenças desse tipo, a posposição ‘te’ marca o

sujeito da oração e indica o tempo passado. Conforme dito anteriormente, não há o prefixo relacional {-Ø} entre o sujeito e a posposição. O verbo ocorre na forma longa, semelhante ao Parkatêjê (FERREIRA, 2003), Canela Apãniekrá (ALVES, 2004), Canela-Krahô (SOUZA, 1989) e Pykobjê (AMADO, 2004; SILVA; 2011). Frequentemente, Miranda (2014) expõe em seus dados a “tradução” da oração na forma nominalizada, o que deixa evidente que a oração ocorre no tempo passado sempre que a posposição ‘te’ se faz presente. Observe o exemplo abaixo:

- (120) **aʔpen mē h-ũmrɛ** amẽ h-õ pri Ø-kare  
 DISTR PL R<sup>1</sup>-macho COL R<sup>2</sup>-REL caminho R<sup>1</sup>-limpar  
 ‘Cada um dos homens está limpando o caminho dele’

(MIRANDA, 2014, P. 153)

Em (120), a oração ocorre no tempo presente, por esta razão o sujeito não é marcado pela posposição ‘te’. Observe que o verbo ‘kare’ (limpar) ocorre em sua forma curta, uma vez que a oração não se apresenta no tempo passado.

- (121) Tsawri, **a j-õ ãn-tse** Ø-tɛ a Ø-nã  
 N.PROP 2SG R<sup>1</sup>-REL R<sup>2</sup>-mãe R<sup>1</sup>-OBL 2SG R<sup>1</sup>-em.relação.a

h-ɔʔwə-r [ka ik<sup>h</sup>rɛ Ø-kaʔpo]compl  
 R<sup>2</sup>-pedir-NOMLZ 2SG casa R<sup>1</sup>-limpar

‘Tsawri, houve o pedir em relação a ti por tua mãe que você limpasse a casa’  
 (Tsawri, tua mãe pediu que limpe a casa)

(MIRANDA, 2014, P. 202)

Em (121), o sujeito ‘aj-õ ãn-tse’ (tua mãe) é marcado pela posposição ‘te’, para indicar que o verbo ‘ɔʔwə’ (pedir) está no tempo passado e, nesse contexto, ocorre na sua forma longa. Por outro lado, o sujeito ‘ka’ do verbo ‘kaʔpo’ (limpar) ocorre sem a posposição ‘te’, já que ele não está no tempo passado.

- (122) Hakwəj j-õ-t  
 N.PROP R<sup>1</sup>-dormir-NONLZ  
 ‘Houve o dormir de Hakwəj’ (Hakwəj dormiu)

(MIRANDA, 2014, P. 141)

Em (122), há um exemplo com um verbo intransitivo, que ocorre no tempo passado e não ocorre a posposição ‘te’. Neste caso, pode-se afirmar que o argumento A é marcado pela posposição ‘te’, quando está no tempo passado e no aspecto perfectivo, enquanto o argumento S e P não são marcados nesse mesmo contexto.

Para Popjes e Popjes (1986), a posposição ‘te’ é uma marca de tempo passado, porém, tal posposição sempre marca o argumento A, quando está no tempo passado e no aspecto perfectivo.

Sobre isso, Payne (1997, p. 158) afirma que ocorrências desse tipo são possíveis de acontecer em algumas línguas que possuem a ergatividade baseada no tempo e aspecto. O referido autor afirma que:

Em todas essas línguas, o sistema ergativo / absolutivo ocorre no tempo pretérito ou no aspecto perfectivo, enquanto o sistema nominativo / acusativo ocorre no (s) tempo (s) não passado (s) ou no aspecto imperfeito (DeLancey, 1982). Até o momento, nenhuma exceção clara a esse universal foi atestada. (PAYNE, 1997, P. 158). (TRADUÇÃO NOSSA)<sup>49</sup>. (PAYNE, 1997, P. 158).

É importante ressaltar que, segundo Payne (1997), no sistema ergativo/absolutivo há dois fatores que o determinam: o tempo passado ou o aspecto perfectivo. Entretanto, no caso da língua Canela-Krahô e das demais línguas Timbira, além de ocorrerem os dois fatores, simultaneamente, há também uma marca nos verbos, que ocorre sempre na sua forma longa, quando estão no tempo passado e aspecto perfectivo, por outro lado, se o verbo estiver em um tempo não passado, este apresenta-se na forma curta. Desse modo, a posposição ‘te’, nas línguas Timbira, realmente ocorre como uma marca de ergatividade cindida, conforme foi proposto por Ferreira (2003), Alves (2004), Souza (1989), Amado (2004) e Silva (2011).

---

<sup>49</sup> In all such languages, the ergative/absolutive system occurs in the past tense or perfective aspect, while the nominative/accusative system occurs in the non-past tense(s) or imperfective aspect (DeLancey 1982). To date, no clear exceptions to this universal have been attested<sup>49</sup>. (PAYNE, 1997, P. 158).

## a) Verbos transitivos

Parkatêjê (dados de Ferreira, 2003)

- (123) mpɔ ka pia a- te ku- krêr ita kãm?  
 IND INT DUB 2- ERG ONC- comer+PAS hoje  
 ‘O que tu comeste hoje?’

(FERREIRA, 2003, p. 81)

- (124) ka pia tumtum a-krê inũare  
 INT DUB capivara 2-comer NEG  
 ‘Tu não comes capivara?’

(FERREIRA, 2003, p. 176)

- (125) wa ka mũ tɔ mɔ ku-krê  
 Eu FUT fazer ir ONC-comer  
 ‘Eu vou comer’

(FERREIRA, 2003, p. 232)

Canela Apãniekrá (dados de Alves, 2004)

- (126) i-tɛ hĩ kur  
 1-ERG carne comer (NF)  
 ‘Eu comi carne’

(ALVES, 2004, p. 21)

- (127) wa hĩ ku  
 1 carne comer  
 ‘Eu como carne’

(ALVES, 2004, p. 21)

- (128) ke ha mẽ apɜ  
 3 IRR PL comer  
 ‘Eles vão comer’

(ALVES, 2004, p. 55)

Pykobjê (dados de Silva, 2011)

- (129) aa-te            hỹj            petxet        cor  
           2PD-ERG      laranja       umQDN        comer  
           ‘Você comeu uma laranja’

(SILVA, 2011, p. 48)

- (130) me      hõmre        enta    jë      arõj    co  
           PL      homem       DEM    COL    arroz   comer  
           ‘Esses/estes homens comem arroz’

(SILVA, 2011, p. 113)

- (131) ca      há      cwyr        cor  
           2PL    IRR    mandioca    comer  
           ‘Você comerá mandioca’

(SILVA, 2011, p. 48)

Canela-Krahô (dados de Souza, 1989)

- (132) ku      tẽ      pĩ      kahek  
           3      POSP   lenha   cortar e reunir – PASS  
           ‘Ele cortou lenha e reuniu’

(SOUZA, 1989, p. 25)

- (133) ka      pĩ      kahek  
           2      lenha   cortar e reunir  
           ‘Você corta lenha e reune’

(SOUZA, 1989, p. 25)

- (134) ke      ha      pĩ      kahek  
           3      FUT   lenha   cortar  
           ‘Ele cortará lenha’

(SOUZA, 1989, p. 25)

## b) Verbos intransitivos

Parkatêjê (dados de Ferreira, 2003)

- (135) krohokrenhun      nkrer  
           N.PROP                cantar+PAS  
           ‘Krôhokrenhũn cantou’

(FERREIRA, 2003, p. 86)

Canela Apãniekrá (dados de Alves, 2004)

- (136) hũmre            ŋkrer  
           Homem        cantar  
           ‘O homem cantou’

(ALVES, 2004, p. 92)

Pykobjê (dados de Silva, 2011)

- (137) xoore            me    rop    ngõr  
           Raposa        e      onça    dormirINTR  
           ‘A raposa e a onça dormiram’

(SILVA, 2011, p. 46)

Canela-Krahô (dados de Souza, 1989)

- (138) a            krer    pey    i?nõ    kam  
           2        cantar bem    ontem    POSP-PASS  
           ‘Você cantou bem ontem’

(SOUZA, 1989, p. 42)

Em todos os exemplos com verbos transitivos, a posposição ‘te’ ocorre somente no tempo passado e no aspecto perfectivo. Já nos exemplos com verbos intransitivos, a posposição ‘te’ não ocorre, ainda que esteja no tempo passado. Conforme foi verificado por Alves (2004), Souza (1989) e Miranda (2014), a posposição ‘te’ pode ocorrer com alguns verbos intransitivos. Este fato foi um dos argumentos que Miranda (2014) utilizou para sustentar a hipótese de que, tal posposição não poderia ser uma marcar de ergatividade, uma vez que ela nem sempre representaria o argumento A.



Para Alves (2004) a ocorrência da posposição ergativa ‘te’ com verbos intransitivos, em Canela Apãniekrá, surge numa classe de verbos que a referida autora denomina “verbos intransitivos ativos com objeto direto”. Segundo Alves (2004, p. 62), quando há um sujeito agente junto a essa classe de verbos, a marca de ergatividade ‘te’ pode marcá-lo. Ela também afirma que, nesses casos, é possível identificar o sujeito agente, uma vez que há um pronome dependente prefixado ao verbo, como nos exemplos abaixo:

- (139) hũmre            tɛ        karɜ    kãm    iʔ-katɔk  
 Homem            ERG    veado   LOC    3-atirar  
 ‘O homem atirou no veado’

(ALVES, 2004, p. 61)

- (140) a-tɛ    i-mã    a-kakok  
 2-ERG 1-DAT 2-falar  
 ‘Você conversou comigo’

(ALVES, 2004, p. 61)

Segundo a análise de Alves (2004) para os exemplos (139) e (140), a marca de ergatividade ocorre com os sujeitos agentes. Entretanto, a autora ressalta que, se o sujeito for paciente ou experienciador, não haverá a posposição ergativa. Além disso, ela acrescenta que, a classe dos “verbos intransitivos ativos com objeto indireto” e a classe dos “verbos intransitivos ativos” podem se apresentar de maneira idêntica, uma vez que a marca de ergatividade também pode ocorrer com verbos intransitivos ativos, nas situações em que, aparentemente, o sujeito é topicalizado e também, quando um sintagma posposicional se localiza entre o sujeito e o verbo, conforme o exemplo abaixo:

- (141) ku-tɛ    kə        pe        iʔ-ŋkrɛr  
 3-ERG pátio   LOC    3-cantar  
 ‘Ele cantou no pátio’

(ALVES, 2004, p. 62)

De acordo com Souza (1989), os contextos de ocorrência em que a posposição ‘te’ ocorre com verbos intransitivos, acontecem quando há topicalização dos complementos

posposicionais de verbos intransitivos ou nas situações em que há um foco no sujeito perfectivo.  
Veja alguns exemplos abaixo:

- (142) i        te        kra        kam        i        katōk  
1        POSP    paca    POSP    1        atirar  
‘Fui eu que atirei na paca’

(SOUZA, 1989, p. 42)

- (143) ku        te        pye        kam        i ?        pəm  
3        POSP    chão    POSP    3 REL- cair-PASS  
‘Foi ela que caiu no chão’

(SOUZA, 1989, p. 42)

Para Miranda (2014, p. 180) a posposição ‘te’ marca “expressões nominais que funcionam como sujeito em construções intransitivas”:

- (144) i        Ø-te    karēk    j-ak<sup>hri</sup>        Ø-k<sup>hām</sup>        i        ts-ɐ-m  
1SG    R<sup>1</sup>-OBL    lama    R<sup>1</sup>-frio        R<sup>1</sup>-LOC        1SG    R<sup>1</sup>-entrar-NOMLZ  
‘A entrada de mim na lama fria’ (eu pisei na lama fria)

(MIRANDA, 2014, p. 181)

Silva (2011) não abordou ocorrências desse tipo de forma mais profunda, em Pykobjê, uma vez que este não era o foco de seu trabalho, entretanto, observando os dados, encontramos ocorrências da posposição ‘te’ com verbos intransitivos também nesta língua:

- (145) co-te                    hōōcrepōj        pex  
3PD-ERG                cantarINTR        bemADV  
‘Ele cantou bem’

(SILVA, 2011, p. 125)

- (146) cahỹj-te                hy’coocren        ějcre    wyr  
Mulher-ERG    correrINTR        casa    DIR  
‘A mulher correu em direção à sua casa’

(SILVA, 2011, p. 127)

Conforme observado em (145-146), as ocorrências da posposição ‘te’ com verbos intransitivos em Pykobjê são muito semelhantes às ocorrências do Canela-Krahô e Canela Apãniekrá, no entanto, assim como nas outras línguas, foram encontrados poucos dados com esse comportamento. Portanto, podemos destacar duas semelhanças em comum, a saber:

1. Em todos os casos, os verbos intransitivos ocorrem no tempo passado e no aspecto perfectivo, assim como nas ocorrências com os verbos transitivos.
2. As ocorrências dos verbos intransitivos acontecem sempre com um complemento posposicional<sup>50</sup>, conforme observado por Souza (1989).

É válido ressaltar que, em toda as línguas supracitadas, há uma escassez de dados com verbos intransitivos que ocorrem junto à posposição ‘te’, o que parece indicar que este uso não é habitual nessas línguas, uma vez que há vários dados com verbos intransitivos presentes nos trabalhos citados anteriormente. Por esta razão, podemos afirmar que a posposição ‘te’ ocorre com alguns verbos intransitivos em contextos muito específicos, segundo o que foi apontado por Souza (1989) e Alves (2004). Dessa forma, este tipo de ocorrência não seria o melhor argumento para sustentar a hipótese de que a posposição ‘te’ não seria uma marca de ergatividade nessas línguas. Observando os poucos dados dessas ocorrências, é possível verificar que em todos os exemplos há um sujeito que parece se comportar como o argumento A nas sentenças transitivas, ou seja, ainda que os verbos sejam intransitivos, os sujeitos são agentes, assim como foi proposto por Alves (2004). Entretanto, esperamos que o estudo desse tipo de ocorrência possa ser melhor aprofundado em trabalhos futuros.

Outra questão levantada sobre o uso da posposição ‘te’ ser o ou não, uma marca de ergatividade cindida está relacionada ao fato de que foi verificado, que tal posposição pode também indicar posse. Popjes e Popjes (1986) utilizaram o termo especificador, entretanto, os dados de seu trabalho são muito semelhantes aos dados contidos no trabalho de Alves (2004), que usou o termo genitivo para a mesma função. Miranda (2014) também usou o termo genitivo e epíteto para se referir a esta função, assim como ilustram os dados abaixo:

---

<sup>50</sup> Tal complemento não é necessariamente um objeto indireto que acompanha os verbos intransitivos ativos. Esta classe de verbos foi destacada por Alves (2004), para o Canela Apãniekrá, no entanto, a autora ressalta que ainda são necessários estudos mais aprofundados sobre o tema.

- (147) carēc            te            pryre  
 Clay            SPECFR            animals  
 ‘Clay animals’  
 ‘Animais de argila’ (tradução nossa)  
 (POPJES E POPJES, 1986, p. 170, TRADUÇÃO NOSSA)

- (148) karēk    te        prirɛ  
 Argila GEN    animal  
 ‘Animal de argila’  
 (ALVES, 2004, p. 155)

- (149) ken    te        wakə  
 Pedra GEN    faca  
 ‘Faca de pedra’  
 (ALVES, 2004, p. 155)

- (150) pĩ        j-ak<sup>h</sup>ɛp-Ø            Ø-k<sup>h</sup>rãñ            Ø-te    kahuw  
 Pau    R<sup>1</sup>-cortar-NOMLZ    R<sup>1</sup>-pedaço    R<sup>1</sup>-GEN pilão  
 ‘Pilão de pedaço de pau cortado’  
 (MIRANDA, 2014, p. 181)

- (151) kuk<sup>h</sup>õn            Ø-te            krat  
 Cabaça            R<sup>1</sup>-GENT            cuia  
 ‘Cuia de cabaça’  
 (MIRANDA, 2014, p. 181)

Miranda (2014) afirma que a posposição ‘te’ não pode ser uma marca de ergatividade cindida, uma vez que ela ocorre com verbos intransitivos, conforme visto anteriormente, e também pelo fato de ter função genitiva em construções nominais. A meu ver, trata-se de posposições homólogas. Alves (2004), em um estudo diacrônico sobre o sistema de marcação de caso do Timbira Apãniekrás<sup>51</sup>, defende que a posposição ‘te’ (ergativa), originou-se de um “sistema de nominalização da protolíngua organizado ergativamente” (ALVES, 2004, p. 153).

<sup>51</sup> Para maiores detalhes, ver Alves (2004, p. 148).

Segundo a abordagem diacrônica de Alves (2004)<sup>52</sup>, ‘te’ é uma marca de genitivo, que surge em algumas construções, em Apãniekrá, e ocorrem em alguns contextos, nos quais há uma indicação sobre o material de que é feito um determinado objeto, como nos exemplos abaixo:

- (152) karêk te priɛ  
 Argila GEN animal  
 ‘Animal de argila’

(ALVES, 2004, p. 155)

- (153) kɛn te wakə  
 Pedra GEN faca  
 ‘Faca de pedra’

(ALVES, 2004, p. 155)

De acordo com Alves (2004), a posposição ‘te’ com função ergativa foi originada a partir da posposição ‘te’ com função genitiva e, por esta razão, Alves (2004, p. 155) explica que o fato de não haver uma marca morfológica para diferenciar o tempo passado e o tempo presente, as sentenças ficavam ambíguas, como mostra exemplo a seguir:

- (154) wa \*a-pupu  
 1 2-ver  
 ‘Eu vejo/vi você’

(ALVES, 2004, p. 156)

Segundo Alves (2004, p. 156), tal ambiguidade, atualmente, se faz presente em Apinajé, Kayapó e Suyá, entretanto, em Canela Apãniekrá ocorreu uma mudança no uso da posposição ‘te’, condicionada pela posição que essa posposição ocupava, já que se tratava da mesma posição ocupada pelas marcas de tempo, aspecto e modo, como nos exemplos abaixo:

---

<sup>52</sup> Não pretendemos nos aprofundar em estudos diacrônicos neste trabalho, entretanto, apresentaremos brevemente a proposta de Alves (2004) sobre a origem da posposição ‘te’ em Canela Apãniekrá.

(155) wa ha a-kakwĩ  
 1 IRR 2-bater  
 ‘Eu vou te bater’

(ALVES, 2004, p. 156)

(156) wa apu a-kakwĩ  
 1 PRG 2-bater  
 ‘Eu estou te batendo’

(ALVES, 2004, p. 156)

De acordo com Alves (2004), seguindo esse estudo diacrônico, haveria uma mudança na estrutura da oração, pois o verbo complemento assume função de verbo principal, por outro lado, o verbo principal assume função de operador, conforme os exemplos (157) e (158).

(157) \*[i-te a-kakwĩn]Sujeito narɛ]oração principal  
 1-GEN 2-bater-NF negação existencial  
 ‘Não é/ não há o meu bater em você’

(ALVES, 2004, p. 156)

(158) [i-te Sujeito a-kakwĩn] oração principal [narɛ]operador  
 1-PAS/ERG 2-bater NEG  
 ‘Eu não te bati’

(ALVES, 2004, p. 156)

Para concluir, Alves (2004) afirma que:

Essa proposta de estrutura justifica-se uma vez que encontramos em Timbira Apãniekrá atual essas construções etimologicamente nominalizadas sendo usadas como sentenças independentes (o que configura o sistema ergativo-absolutivo na língua atualmente, condicionado pela expressão do tempo passado simples). (ALVES, 2004, p. 156)

Dessa forma, embora a posposição ‘te’ possa assumir a função de genitivo, em Canela Apãniekrá, Alves (2004) a considera como uma marca de ergatividade cindida, conforme o exemplo abaixo:

(159) [i-te a-kakwĩn]oração principal

1-ERG 2-bater

‘Eu te bati’

(ALVES, 2004, p. 156)

Alves (2004, p. 156) afirma que, na perspectiva sincrônica, em Canela Apãniekrá, as sentenças que apresentam nominalização lexical do verbo não há a presença da posposição ‘te’ marcando o sujeito de verbos transitivos. Para a autora, tal nominalização está relacionada com a forma finita e não-finita do verbo e seus argumentos, como sujeito intransitivo e objeto.

## 6.2 A POSPOSIÇÃO ‘MÃ’

A posposição ‘mã’ ocorre nas quatro línguas em estudo e foi possível observar que, quando está na função de dativo, essa posposição pode ocorrer em diversos contextos, dessa forma, veremos agora as análises propostas pelos autores.

### Mã – dativo/benefactivo

Em Parkatêjê, de acordo com Ferreira (2003), uma das funções da posposição ‘mã’ é marcar o caso dativo/benefactivo em objeto indireto. Seguem abaixo alguns exemplos:

(160) infũm            te            infje            mã            kaŋẽ            hõr

Pai de ego        ERG        mãe de ego        DAT        roupa        dar+PAS

‘Meu pai deu roupa para minha mãe’

(FERREIRA, 2003, p. 140)

(161) ze            i            mã            twim        -ti            kwə

VOC    1-            DAT        gordo        INTENS QUANT

‘Jê, me dá um pedaço gordo!’ *lit.* ‘Jê, para mim, um pouco/um pedaço gordo’

(FERREIRA, 2003, p. 140)

Em (161), há um exemplo de benefactivo, em Parkatêjê, observado por Ferreira (2003).

- (162) Jê i-mã twĩmti kwə  
 VOC 1-DAT gordo QUANT  
 ‘Jê, me dá um pedaço gordo!’

(FERREIRA, 2012, p. 297)

Já em Canela Apãniekrá, Alves (2004) afirma que a posposição ‘mã’ também ocorre em construções reflexivas benefactivas, nos casos em que, segundo Alves (2004, p.70), o beneficiário é igual ao sujeito (163) ou ao termo possuído pelo sujeito (164).

- (163) i-te amjĩ mã kupẽʔkɜ j-apror  
 1-ERG RFL DAT pano PR-levar  
 ‘Eu comprei pano para mim’

(ALVES, 2004, p. 70)

- (164) ku-te amjĩ prõ mã kupẽʔkɜ tɔ= tẽ  
 3-ERG RFL esposa DAT pano CAUS= ir  
 ‘Ele levou pano para sua mulher’

(ALVES, 2004, p. 70)

Em Canela-Krahô, Popjes e Popjes (1986) afirmam que ‘mã’ ocorre em construções periféricas, com o significado de benefactivo, como ilustra o exemplo abaixo:

- (165) Wa ha capi mã ampo gõ  
 1 FUT Capi to something give  
 ‘I will give something to Capi’  
 ‘Vou dar algo para Capi’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 179, TRADUÇÃO NOSSA)

Na análise de Souza (1989), também para o Canela-Krahô, a posposição ‘mã’ marca o objeto indireto. Em construções transitivas formadas com três argumentos, o objeto indireto é marcado por meio da posposição ‘mã’, que ocorre entre os argumentos sujeito e objeto direto. Veja os exemplos (167) e (168):



- (166) ku    tɛ    pa    mã    parĩ    hõn  
          3    POSP 1e2    POSP farinha    dar-PASS  
          ‘Ele deu farinha para nós’

(SOUZA, 1989, p. 15)

- (167) wa    amyi    mã    pĩ    kahek  
          1    REFL POSP lenha    cortar e reunir  
          ‘Eu corto lenha e reúno para mim’

(SOUZA, 1989, p. 25)

- (168) ka    i    mã    areti    hõ  
          2    1    POSP rede    dar  
          ‘Você dá rede para mim’

(SOUZA, 1989, p. 26)

Souza (1989) não utilizou o termo ‘dativo’, entretanto, nota-se que é exatamente a mesma função descrita por Ferreira (2003) para o Parkatêjê e Alves (2004) para o Canela Apãniekrá.

Para Miranda (2014), a posposição ‘mã’ ocorre na função de dativo, em Canela-Krahô, com predicados intransitivos estendidos, pelo fato deles exigirem dois argumentos, dos quais um é o sujeito e o outro é um complemento oblíquo que será marcado por ‘mã’.

- (169) ke    há    a    ø-mã    iʔ-kaʔko  
          ENF    IRR    2SG    R<sup>1</sup>-DAT    R<sup>2</sup>-falar  
          ‘(alguém) vai falar para ti’

(MIRANDA, 2014, p. 175)

- (170) mẽ    h-ũmrɛ    apu    h-ũrkwa    ø-mã    h-ə  
          PL    R<sup>2</sup>-macho    PROG    R<sup>2</sup>-casa    R<sup>2</sup>-DAT    R<sup>2</sup>-entrar  
          ‘Os homens estão entrando para a casa dele (de alguém)’

(MIRANDA, 2014, p. 175)

Assim como ocorre com predicados intransitivos estendidos, Miranda (2014) afirma que a posposição ‘mã’ também ocorre em predicados transitivos estendidos, marcando o objeto indireto.

- (171) K<sup>h</sup>rãri      ke      ha      pa      ø-mã      iʔ-k<sup>h</sup>wə      ø-ho  
 N.PROP      ENF      IRR      1±2      R<sup>1</sup>-DAT      R<sup>2</sup>-PART      R<sup>1</sup>-dar  
 ‘K<sup>h</sup>rãri vai dar um bocado para nós’

(MIRANDA, 2014, p. 176)

- (172) i      ø-mã      i      j-õ      k<sup>h</sup>ajpɔ-rɛ      j-amã  
 1SG      R<sup>1</sup>-DAT      1SG      R<sup>1</sup>-REL cesto-ATEN      R<sup>1</sup>-cuidar

‘Cuide do cesto em relação ao meu cesto’ (pediu o rapaz para sua mãe)

(MIRANDA, 2014, p. 176)

Em Pykobjê, a posposição ‘mã’ foi observada tanto por Amado (2004) quanto por Silva (2011). Amado (2004) descreve a posposição como ‘mə’, afirmando que ela representa o caso dativo e também é homônima à partícula de topicalização na língua. Dessa forma, de acordo com Amado (2004), a posposição ‘mə’ relaciona-se ao objeto que a precede, como nos exemplos a seguir:

- (173) ej-      te      ko-      mə      komfjɪ:      kwɪr  
 3      ERG      1      DAT      bacuri      pegar  
 ‘Eu peguei bacuri para ele’

(AMADO, 2004, p. 72)

- (174) ej-tõs      te      ej-mə      h-õkhretʃi      jõhkə  
 1-irmã ERG      1-DAT 3-colar      dar  
 ‘Minha irmã me deu seu colar’

(AMADO, 2004, p. 43)

- (175) j-õʃõ      -mə      ʔgõr  
 1-pai      TOP.      Dormir  
 ‘É meu pai que está dormindo’

(AMADO, 2004, p.44)

Já na análise de Silva (2011, p.102), a posposição ‘mỹ’ foi descrita como uma marca de caso dativo que ocorre em distribuição complementar com a marca de caso ergativo ‘te’. Ela afirma que quando a semântica do verbo pede, obrigatoriamente, que o argumento mais agentivo (função sujeito – A) seja [+processado/experienciador] somente ‘mỹ’ (marca do caso dativo) poderá acompanhar-lhe, e ‘te’ (marca de caso ergativo) não é adequada para o uso no tempo passado. Para ilustrar, Silva (2011) expõe os exemplos a seguir:

- (176) mam            co-mỹ            cö    xen  
 PASS/REM    3PD-DAT            água    gostar  
 ‘Antigamente, ele gostava de água’

(SILVA, 2011, p. 102)

- (177) \* mam            co-te            cö    xen  
 PAS/REM    3PD/ERG            água    gostar  
 ‘Antigamente, ele gostava de água’

(SILVA, 2011, p. 102)

De acordo com Silva (2011, p.103), é possível que ‘te’ e ‘mỹ’ apareçam numa mesma frase, se esta for uma anti-passiva. A marca de caso dativo é relacionada ao argumento (que necessariamente deverá pertencer à classe dos nomes), como nos exemplos (178) e (179):

- (178) xoore            ãnta    mỹ    xoo-te            pro  
 Raposa            DEM    DAT    cão-ERG            pegar  
 ‘Uma raposa foi pega pelo cão’ lit. ‘O cão pegou em uma raposa’

(SILVA, 2011, p. 104)

- (179) xoore            ãnta    mỹ    xoo    me    consan-te            pro  
 Raposa            DEM    DAT    cão    ADT    gato-ERG            pegar

‘Uma raposa foi pega por cão e gato’ lit. ‘O cão e o gato pegaram em uma raposa’

(SILVA, 2011, p. 105)

Conforme verificado nos exemplos anteriores, referentes aos dados de Silva (2011), embora a autora não cite o termo sujeito experienciador, tais exemplos ilustram exatamente esta função.

### Mã – marcação de sujeito de verbos não-ativos (sujeito experienciador)

Esta função foi descrita pelas autoras de diferentes maneiras. Entretanto, em todos os exemplos nota-se uma grande identidade na ocorrência da posposição ‘mã’ no que diz respeito à função de marcar o sujeito de verbos não-ativos (sujeito experienciador), conforme veremos a seguir:

Em Parkatêjê, Ferreira (2003) observou que uma das funções atribuídas à posposição ‘mã’ é a marcação do sujeito experienciador. A autora explica que há uma classe de verbos que recebe uma marcação não-canônica<sup>53</sup>, tal marcação consiste em um verbo do tipo S<sub>io</sub><sup>54</sup>, que apresenta um pronome dependente ou um sintagma nominal no argumento S, marcado pela posposição dativa ‘mã’. Observemos os exemplos abaixo:

- (180) i-mã prãm nĩɛ  
 1-DAT ter.fome INTENS  
 ‘Eu estou com muita fome’

(FERREIRA, 2003, p. 93)

- (181) i-mã kri  
 1-DAT frio  
 ‘Eu estou com frio’

(FERREIRA, 2003, p. 158)

Assim como foi observado no Parkatêjê, Alves (2004) também destaca esta função para o Canela Apãniekrá, analisando-a com a função de marcar o sujeito de verbos não-ativos (que indicam sensações, estados ou experiências), ou seja, trata-se exatamente da mesma função descrita por Ferreira (2003). Alves (2004, p. 54) afirma que os sujeitos experienciadores geralmente são expressos via um sintagma posposicional dativo, como nos exemplos a seguir:

---

<sup>53</sup> De acordo com Ferreira (2003, p. 92), os verbos de marcação não-canônica, em Parkatêjê, dividem-se em três tipos: classe Ia, classe Ib e classe IIIa. Os da classe Ia expressam estados fisiológicos, por exemplo, koru ‘ter.sede’, e os da classe Ib expressam sentimentos e experiências psicológicas, por exemplo, kupati ‘estar.com.medo’. Já os da classe IIIa incluem verbos como ‘querer’.

<sup>54</sup> Trata-se de uma classe de verbos não-ativos.

- (182) i-mã pa  
 1-DAT sentir.medo  
 ‘Eu estou com medo’

(ALVES, 2004, p. 56)

- (183) keha i-mã kri  
 FUT 1-DAT sentir.frio  
 ‘Eu vou ficar com frio’

(ALVES, 2004, p. 56)

- (184) ku-mã amjĩ kĩn  
 3-DAT RFL sentir.alegria  
 ‘Ele se divertiu’

(ALVES, 2004, p. 56)

Popjes e Popjes (1986) citam alguns contextos de ocorrência da posposição ‘mã’ com verbos não-ativos. Observemos abaixo as considerações dos autores.

De acordo com Popjes e Popjes (1986, p. 130), a posposição ‘mã’ ocorre com os verbos transitivos estativos, no entanto, eles ressaltam que tais verbos também podem ocorrer com a posposição ‘te’. Neste caso, segundo os autores, ‘te’ não ocorre com o objetivo de indicar tempo passado, pois recebe o significado de ‘estado habitual’. Já a posposição ‘mã’ recebe o sentido de ‘estado temporário’, como nos exemplos abaixo:

- (185) i-mã a-kĩn  
 1-tempry 2-like  
 ‘I like you’  
 ‘Eu gosto de você’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 131, TRADUÇÃO NOSSA)

- (186) i-mã rop kĩn  
 1-tempry dog like  
 ‘I like the dog’  
 ‘Eu gosto do cachorro’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 131, TRADUÇÃO NOSSA)

Para Popjes e Popjes (1986), em construções estativas, ‘te’ (hab) e ‘mã’ (tempry) não podem ocorrer simultaneamente, ou seja, há uma relação de distribuição complementar, segundo os exemplos abaixo:

(187) Ku-te            kry  
           3-HAB        cold

‘He is always cold/chilly/feverish’

‘Ele está sempre com frio / friorento / febril’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 133, TRADUÇÃO NOSSA)

(188) i-mã            kry  
           1-tempry      cold

‘I’m cold’

‘Eu estou com frio’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 133, TRADUÇÃO NOSSA)

(189) i-te        pa  
           1-HAB afraid

‘I am always afraid’

‘Eu estou sempre com medo’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 133, TRADUÇÃO NOSSA)

(190) i-mã            pa  
           1-tempry      afraid

‘I am afraid (right now)’

‘Eu tenho medo (agora)’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 133, TRADUÇÃO NOSSA)

O sujeito dos verbos que denotam sentimentos como medo, fome, atração, luxúria, frio etc. é marcado por uma das duas posposições: mã 'indica estados temporários' e te 'estados habituais'

- (191) i-mã            kry  
 1-tempry        cold  
 ‘I’ m cold’  
 ‘Eu estou com frio’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 167, TRADUÇÃO NOSSA)

- (192) Rop    ita     mã            hūpa  
 Dog    this    tempry        3+fear  
 ‘This dog is afraid of it’  
 ‘Esse cachorro tem medo disso’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 167, TRADUÇÃO NOSSA)

- (193) cu-mã            a-kīn  
 3-tempry        2-like  
 ‘He likes you’  
 ‘Ele gosta de você’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 167, TRADUÇÃO NOSSA)

Em Canela-Krahô, Souza (1989) analisa a marcação de sujeito de verbos não-ativos como orações estativas e as divide em três tipos: oração estativa não-verbal, oração estativa-atributiva e oração estativa-equativa, conforme os exemplos abaixo:

- Oração estativa não-verbal. Souza (1989, p.29) afirma que este tipo de oração apresenta um nome ou um adjetivo no predicado. Esse tipo de oração é equivalente à marcação do sujeito experienciador em Parkatêjê e ao sujeito das orações não ativas do Apãniekrá. Embora a interpretação de Popjes e Popjes (1986) para esse tipo de ocorrência tenha sido considerada como um ‘estado temporário’ e não de ‘dativo’, observando os dados, podemos afirmar que em Parkatêjê, Canela Apãniekrá e Canela-Krahô essa ocorrência acontece da mesma forma nos três dialetos:

- (194) i            tu            mã        prəm  
 1        barriga        POSP    fome  
 ‘Minha barriga está com fome’

(SOUZA, 1989, p. 29)

(195) kra ita mã pɛy  
 Paca esta POSP gostosa  
 ‘Esta paca está gostosa’

(SOUZA, 1989, p. 29)

- Oração estativa-atributiva. De acordo com Souza (1989, p. 30) este tipo de oração apresenta no predicado um nome ou pronome, mais adjetivo:

(196) i mã a kupa  
 1 POSP 2 medo  
 ‘Eu tenho medo de você’

(SOUZA, 1989, p. 30)

(197) a mã ø h ãpa  
 2 POSP 3 REL- medo  
 ‘Você tem medo dele’

(SOUZA, 1989, p. 30)

- Oração estativa-equativa. Para Souza (1989, p. 31) neste tipo de oração pode haver uma inversão, uma vez que os elementos que funcionam como sujeito podem funcionar como predicado também:

(198) ita mã i prõ  
 Esta POSP 1 esposa  
 ‘Esta é minha esposa’

(SOUZA, 1989, p. 31)

(199) i prõ mã ita  
 1 esposa POSP esta  
 ‘Esta é minha esposa’

(SOUZA, 1989, p. 31)

Na análise de Amado (2004) sobre o Pykobjê, não foi encontrada nenhuma informação sobre a ocorrência da posposição ‘mɛ’ com verbos não-ativos, entretanto, nos dados contidos



em seu trabalho verificou-se um único exemplo muito semelhante aos dados apresentados no Parkatêjê, Canela Apãniekrá e Canela-Krahô. Observemos o exemplo abaixo:

- (200) ej - mǎ kʰri  
 1 DAT frio  
 ‘Eu estou com frio’

(AMADO, 2004, p. 114)

Como é possível observar, o exemplo acima tem grande identidade com os dados das línguas supracitadas. É válido ressaltar que o foco da análise de Amado (2004) não estava relacionado com a ocorrência das posposições em Pykobjê. No entanto, com a análise de Silva (2011) para a mesma língua, foi possível concluir que, de fato, a ocorrência desta posposição é muito semelhante nas línguas em estudo. Silva (2011, p. 77) a analisa como marcadora de sujeito na função semântica processado/transformado, como nos exemplos abaixo:

- (201) hõmre - mǎ ẽ – cre’cret  
 Homem-DAT 3PD-ter.medo/medroso  
 ‘O homem tem medo/ está medroso’

(SILVA, 2011, p. 77)

- (202) ej - mǎ cõrcree-re  
 1PD- DAT ter.sede/sedento-DIM  
 ‘Eu estou super sedento’

(SILVA, 2011, p. 78)

- (203) jõm craa - mǎ prým  
 QE criança- DAT ter.fome/faminto  
 ‘O ser criança está com fome’

(SILVA, 2011, p. 78)

### **Mã – marcação de sujeito em orações possessivas ou existenciais**

Esta função foi descrita por Ferreira (2003), para a língua Parkatêjê, por Alves (2004), para o Canela Apãniekrá, por Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014), ambos para a Canela-Krahô. Seguem abaixo as análises propostas pelos autores.

Segundo Ferreira (2003), outra função exercida pela posposição ‘mã’ (dativo) é marcar o nome ou pronome dependente em orações possessivas, como nos exemplos a seguir. Nesses casos, o sentido dessa expressão é de “para Katuy muita galinha” implicando-se a existência.

- (204) katiy mã ã?ãre nĩre  
 Tia DAT galinha ENF  
 ‘Tia tem muita galinha’ ou ‘para tia, muita galinha’

(FERREIRA, 2003, p. 95)

- (205) i-mã kaper inũare  
 1-DAT bacaba NEG  
 ‘Eu não tenho bacaba’ lit. ‘para mim, não existe bacaba’

(FERREIRA, 2003, p. 95)

Para Alves (2004, p.122) uma das maneiras pelas quais é possível a formação de predicados possessivos é por meio de um nome, alienável ou inalienável, que ocupa a posição de núcleo do predicado, sendo precedido pelo sujeito e marcado pelo caso dativo.

- (206) ku-mã tep  
 3 DAT peixe  
 ‘Ele tem peixe’

(ALVES, 2004, p. 122)

- (207) kormã i-mã i-jɜpə-ʃɜ  
 Ainda 1-DAT 1-comer-NMZ  
 ‘Eu ainda tenho comida’

(ALVES, 2004, p. 122)

Segundo Popjes e Popjes (1986), o relacionador ‘mã’ é usado em construções existenciais com pessoas, conforme o modelo a seguir:

- (208) i-mã            pōhy  
           1-RELTR      corn  
           ‘I have corn’  
           ‘Eu tenho milho’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 135, TRADUÇÃO NOSSA)

- (209) Capi    mã    catōc  
           Capi    RELTR    gun  
           ‘Capi has a gun’  
           ‘Capi tem uma arma’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 135, TRADUÇÃO NOSSA)

- (210) Cu-mã            pī  
           3- RELTR      wood  
           ‘He has wood’  
           ‘Ele tem madeira’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 135, TRADUÇÃO NOSSA)

Popjes e Popjes (1986) afirmam que a glosa “has/have” (ter) não expressa o significado de posse, mas sim de existência ou disponibilidade.

Assim como Popjes e Popjes (1986), Miranda também observou a ocorrência da posposição ‘mã’ na língua Canela-Krahô em predicados existenciais. De acordo com Miranda (2014, p. 171) o núcleo desse tipo de predicado é composto de nomes de qualidades, de sensações como valente, triste etc. O referido autor explica que pelo fato de não haver sujeito nesse tipo de predicado, naturalmente, espera-se um adjunto temporal ou locativo. Neste caso, a função de ‘mã’ é determinar o complemento, que pode ser um nome ou pronome.

- (211) pa?    ø-mã    h-ikot  
           1±2    R<sup>1</sup>-DAT R<sup>2</sup>-redondo  
           ‘Existe o estar redondo para nós’ (nós estamos gordos)

(MIRANDA, 2014, p. 172)

- (212) rɔp            ata    ø-mã            h-ɔpre-ti  
 Cachorro       DEM   R<sup>1</sup>-DAT            R<sup>2</sup>-valente-INTENS  
 ‘Existe muita valentia para aquele cachorro’ (Meu cachorro é muito valente)  
 (MIRANDA, 2014, p. 172)

### Mã – locativo/direcional

Esta função foi observada por Ferreira (2003) para o Parkatêjê, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (213) pia    kôkônore    amnẽ    apar    mã  
 DUB    cabaça       vir    baixo    LOC  
 ‘A cabaça vinha rio abaixo’ lit. ‘A cabaça vinha para baixo (do rio)’  
 (FERREIRA, 2012, p. 297)

- (214) a-j-õ            krĩ    awry    mã  
 2-REL-coisa    aldeia    longe    LOC  
 ‘A tua aldeia fica longe?’  
 (FERREIRA, 2012, p. 297)

Nos dados de Alves (2004) verificamos que a partícula ‘ma’ foi identificada com a função de direcional, assim como no trabalho de Miranda (2014). Entretanto, em alguns dados de Alves (2004), a partícula direcional ocorre como ‘mã’, conforme os exemplos abaixo:

- (215) krĩ    kãm    ka    apu    a-pa            ata    ampa    mã  
 Aldeia    LOC    2    PRG    2-viver            DEM    longe    DIR  
 ‘A aldeia onde você mora é longe?’  
 (ALVES, 2004, p. 142)

- (216) cidade            wər    kupẽ    tẽ    ata    ampa    mã  
 Cidade            DIR    branco    ir    DEM    longe    DIR  
 ‘A cidade para onde o branco vai é longe’  
 (ALVES, 2004, p. 142)

- (217) kupẽ            h-õ    krĩ    pĩn    tẽ    ata    h-õ    krĩ    ampa    mã  
 Branco            3-GEN aldeia ING    ir    DEM    3-GEN aldeia longe DIR  
 ‘A cidade de onde o branco veio é longe’

(ALVES, 2004, p. 142)

Observando os dados das duas línguas, nota-se uma grande semelhança na estrutura da oração apresentada em Parkatêjê e em Canela Apãniekrá, uma vez que ambas ocorrem sempre em posição final e possuem grande identidade em seus significados. Entretanto, no trabalho de Alves (2004), foram encontrados somente esses exemplos com ‘mã’ (direcional). A referida autora não menciona se ‘mã’ e ‘ma’ coexistem, na função de direcional, em Canela Apãniekrá, no entanto, em seu trabalho verificamos as duas formas. Outra observação que podemos ressaltar é o fato da palavra ‘mã’ (direcional) ocorrer após a palavra ‘ampa’ (longe). Entretanto, estes foram os únicos exemplos em que encontramos a forma nasalizada de ‘ma’ (direcional).

- (218) i-tẽ    hũmrẽ            pupun mã    ø    ma    tẽ  
 1-ERG homem            ver    CONJ 3    DIR    ir  
 ‘Eu vi o homem e ele foi embora’

(ALVES, 2004, p. 142)

- (219) hũmrẽ            tẽ    i-pupun            (nẽ)    wa    ma    tẽ  
 Homem            ERG    1-ver            CONJ 1    DIR    ir  
 ‘O homem me viu e eu foi embora’

(ALVES, 2004, p. 145)

- (220) i-tẽ    a-pupun            ka    ma    tẽ  
 1-ERG 1-ver            2    DIR    ir  
 ‘Eu te vi e você foi embora’

(ALVES, 2004, p. 145)

Em (218-220) há alguns dados com a partícula ‘ma’ (direcional). Podemos observar que em tais exemplos, ‘ma’ (direcional) não ocorre em posição final. No entanto, em Parkatejê, ainda que não ocorra em posição não final, a posposição ‘mã’ ocorre da mesma forma, como nos exemplos abaixo:

- (221) ya ri api mǎ a- kator?  
 INT já voltar LOC 2- chegar+PAS  
 ‘Você já voltou?’ lit. ‘você já voltou e chegou?’

(FERREIRA, 2003, p. 84)

- (222) pe pia ita amnẽ apar mǎ mõ  
 PD DUB DEM para.cá baixo LOC ir  
 ‘Diz que isto (a cabaça) veio para cá para baixo’

(FERREIRA, 2003, p. 151)

- (223) pe pia ko mǎ píp  
 PD DUB DEM LOC cair  
 ‘Diz que ela (a lua) caiu na água’

(FERREIRA, 2003, p. 158)

De acordo com os dados apresentados por Ferreira (2003), a posposição ‘mǎ’, de fato, possui também função locativa. Entretanto, verificamos que a quantidade de dados com ‘mǎ’ na função direcional, em Canela Apãniekrá, é muito pequena, por esta razão não é possível afirmar que a posposição ‘mǎ’ também possui essa função na referida língua. É válido ressaltar que ‘mǎ’ direcional, em Apãniekrá, ocorre em posição final da sentença ao lado de ‘ampa’ (longe), no entanto, não é possível identificar o que condiciona essa nasalização nesse contexto.

### **Mǎ – marcação do objeto indireto em orações transitivas na construção de foco.**

De acordo com Souza (1989) a posposição ‘mǎ’ marca o objeto indireto em orações transitivas na construção de foco, como nos exemplos (224) e (225):

- (224) rɔp mǎ i te wayĩ hõn  
 Cachorro POSP 1 ERG carne dar-PASS  
 ‘Eu dei carne para o cachorro’ lit. ‘Para o cachorro, eu dei carne’

(SOUZA, 1989, p. 73)

- (225) amyi mǎ ku te kroti y apror  
 REFL POSP 3 ERG porco REL- comprar-PASS  
 ‘Ele comprou um porco para ele mesmo’

(SOUZA, 1989, p. 73)

Esta função foi descrita somente por Souza (1989) para a língua Canela-Krahô. Embora a referida autora não tenha usado o termo ‘dativo’ para a posposição ‘mã’ nesse contexto, verificamos que esta é a função dessa posposição, semelhante ao Parkatêjê e Canela Apãniekrá.

### **Mã – construções pseudo-transitivas**

Uma construção pseudo-transitiva, segundo Popjes e Popjes (1986), consiste em uma oração que abrange características de construções transitivas e também intransitivas. A posposição ‘mã’, neste contexto, segundo os autores supracitados, relaciona-se a verbos que necessitam de um objeto humano, tais como, divorciar, brincar e ensinar, por exemplo. Na tradução literal do exemplo (226), verificamos que a posposição ‘mã’ pode assumir função de dativo marcando objeto indireto:

- (226) i-te    a-mã    i-cator  
 1-PAST 2-to    1-arrive  
 ‘I found you (arrived to you)  
 ‘Eu te encontrei (cheguei a você)’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 131, TRADUÇÃO NOSSA)

### **Mã – marcação do complemento oblíquo de predicados intransitivos estendidos**

Esta função ocorre na língua Canela-Krahô, descrita por Miranda (2014). Segundo o autor, esse tipo de predicado é constituído de um verbo intransitivo, que ocupa a posição de núcleo. Tal verbo precisa de dois argumentos obrigatórios, sobre os quais um estará relacionado à posposição ‘mã’, marcando o argumento oblíquo.

- (227) Ke    ha    a    ø-mã    iʔ-kaʔko  
 ENF    IRR    2    R<sup>1</sup>-DAT    R<sup>2</sup>-falar  
 ‘(alguém) vai falar para ti’

(MIRANDA, 2014, p. 175)

- (228) mẽ    h-ũmrɛ    apu    h-ũrkwa    ø-mã    h-ə  
 PL    R<sup>2</sup>-macho    PROG    R<sup>2</sup>-casa    R<sup>2</sup>-DAT    R<sup>2</sup>-entrar  
 ‘Os homens estão entrando para a casa dele’

(MIRANDA, 2014, p. 175)

Em Canela Apãniekrá, Alves (2004, p. 114) defende que há uma classe de predicados intransitivos que ocorre com objeto indireto. Segundo a referida autora, na perspectiva semântica, tais predicados podem ocorrer de duas formas: na primeira há um objeto indireto associativo, e na segunda, há um objeto indireto locativo.

As construções com objeto indireto associativo são muito semelhantes à ocorrência de predicados intransitivos estendidos, proposta por Miranda (2014), uma vez que os verbos são intransitivos, do ponto de vista sintático, que apresentam um sujeito agente, segundo Alves (2014, p. 114), e há também um objeto indireto, que funciona como um agente associativo. Alves (2004) não afirma que esse tipo de predicado ocorre somente com a posposição ‘mã’, entretanto, como vimos anteriormente, o objeto indireto em Canela Apãniekrá é marcado pela referida posposição dativa.

(229) a-mã i-katɔr

2-DAT 1-sair

‘Eu encontrei com você’

(ALVES, 2004, p. 114)

(230) i-mã a-kakok

1-DAT 2-falar

‘Você conversou comigo’

(ALVES, 2004, p. 114)

### **Mã – marcar o complemento oblíquo de predicados transitivos estendidos**

Miranda (2014) afirma que, assim como nos predicados intransitivos estendidos, a posposição ‘mã’ também ocorrerá, marcando o complemento oblíquo, já que neste tipo de predicado, que possui verbos transitivos no núcleo, são necessários mais de dois argumentos obrigatórios (sujeito e objeto).

(231) k<sup>h</sup>rãri            ke    ha    pa    ø-mã            iʔ-k<sup>h</sup>wə            ø-hõ  
 N.PROP            ENF    IRR    1±2    R<sup>1</sup>-DAT            R<sup>2</sup>-PART            R<sup>1</sup>-dar

‘K<sup>h</sup>rãri vai dar um bom bocado para nós’

(MIRANDA, 2014, p. 176)



(232) i        ø-mã            i        j-õ    k<sup>h</sup>ajpɔ-rɛ        j-amã  
 1SG    R<sup>1</sup>-DAT            1SG    R<sup>1</sup>-REL cesto-ATEN    R<sup>1</sup>-cuidar

‘Cuide do cesto em relação ao meu cesto’ (pediu o rapaz para sua mãe)

(MIRANDA, 2014, p. 176)

Em Parkatêjê, de acordo com Ferreira (2003), a posposição ‘mã’ pode ocorrer em predicados transitivos estendidos, que, além de serem constituídos pelos argumentos A e O, também possuem um complemento oblíquo, marcado por uma posposição.

(233) Jorge aiku    i-mã    ho        hõr  
 Jorge PR        1-mã    folha    dar+PAS

‘Jorge dava dinheiro para mim’

(FERREIRA, 2003, p. 93)

Já em Pykobjê, Silva (2011, p. 81) afirma que a posposição ‘mã’ também pode ocorrer nesse tipo de predicado, no entanto, tal posposição pode receber o significado de fonte/origem, uma vez que ela é homófona à posposição benefactiva/malefactiva.

(234) aa-te    coo-mỹ            cõ        jõor  
 2-ERG 3-BEN            água    dar

‘Você deu água para ele’

(SILVA, 2011, p. 81)

Alves (2004, p. 118) usou a terminologia ‘predicado com verbos bi-transitivo’ para descrever esse tipo de ocorrência em Canela Apãniekrá. De acordo com a autora, esses predicados são compostos por três argumentos obrigatórios: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

(235) ku        ha        Pedro    mã        mɛkə    j-õ  
 1INCL IRR    Pedro    DAT    mocó    PR-dar

‘Nós vamos dar o mocó para o Pedro’

(ALVES, 2004, p. 118)

Conforme observado acima, a posposição ‘mã’ ocorre em diversos contextos nas línguas Timbira. O quadro abaixo resume todas as funções exercidas por tal posposição:

**Quadro 24:** Funções da posposição ‘mã’.

Função	Parkatêjê	Canela Apãniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P. P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. dativo / benefactivo	X	X	X	X	X	X	X
2. estado temporário			X				
3. relacionador de verbos em construções pseudo-transitivas			X				
4. locativo ou direcional	X						

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.3 A posposição To

A posposição ‘to’ está presente em todas as línguas Timbira, sendo analisada, unanimemente, com a função de instrumental. Entretanto, a forma ‘to’ também foi analisada com outras funções distintas, por exemplo, em Canela-Krahô, esse elemento recebeu a função de causativo por Souza (1989); direção, instrumento e companhia em Pykobjê (análise de Amado, 2004), enquanto Silva (2011) considerou a função de instrumental e companhia, embora considere ‘to’ como uma conjunção em Pykobjê. Popjes e Popjes (1986) analisaram a posposição junto ao prefixo indicador de terceira pessoa ‘Ø-to’ com o significado de ‘with it’<sup>55</sup>. Passemos agora à apresentação das descrições propostas pelos autores supracitados.

A posposição ‘to’ em Parkatêjê, “marca o instrumento ou o meio pelo qual se efetua o processo expresso pelo sintagma verbal.” (FERREIRA, 2012, p. 297). Observemos o exemplo abaixo:

(236) Poti            to    te    to    kukryt            j-apôk  
 Taquara           INSTR ERG    fazer    anta            REL furar  
 ‘Ele furou anta com taquara’

(FERREIRA, 2012, p. 298)

<sup>55</sup> 'com isso' (tradução nossa).

- (237) i-ʒ-õkra      wa      i-tɛ      kəy      tɔ      h-ir  
 1-REL-mão      eu      1-ERG      faca      INSTR      REL-cortar+PAS  
 ‘Minha mão, eu cortei-a com a faca’

(FERREIRA, 2012, p. 165)

Conforme ilustra o exemplo (236), percebe-se que ‘to’ ocorre duas vezes na oração. Entretanto, é válido ressaltar que se trata de formas homônimas. Há uma forma verbal ‘to’ (fazer), que possui função distinta em relação à posposição ‘to’ (instrumental). No entanto, Ferreira (2018)<sup>56</sup> defende que há uma relação entre o verbo causativo ‘to’ e a posposição instrumental ‘to’. A referida autora explica que

Em Parkatêjê, a noção semântica para o causativo é de “fazer com que X faça algo”; para o instrumental, a noção é de “fazer algo usando X”. Assim, é possível que nessa língua a base da relação entre o verbo causativo e a posposição instrumental também seja semântica. Porém, essa questão ainda precisa ser mais bem investigada em Parkatêjê. (FERREIRA, 2018, P. 101-102)

Portanto, embora possa haver uma relação semântica entre o verbo causativo e a posposição instrumental em Parkatêjê, tais elementos são analisados separadamente, uma vez que são formas homônimas.

Alves (2004) também identificou a função instrumental para a posposição ‘to’, no Canela Apãniekrá, conforme o exemplo abaixo:

- (238) aʔkrajɛ      tɛ      wakɜ      tɔ      amjĩ      j-akɛp  
 Criança      ERG      faca      INS      RFL      PR-cortar  
 ‘A criança se cortou com a faca’

(ALVES, 2004, p. 87)

De acordo com Alves (2004, p. 87), há algumas posposições homônimas em Apãniekrá, dentre as quais, ‘to’ está inclusa, visto que esse elemento também pode significar ‘em, lugar’, ou seja, um uso como locativo. Observe o exemplo apresentado pela referida autora:

---

<sup>56</sup> Para maiores detalhes sobre a causativização em Parkatêjê, consultar Ferreira (2018).

- (239) hũmrɛ            pur    tɔ    ape  
 Homem        roça    INS    trabalhar  
 'O homem trabalhou na roça'

(ALVES, 2004, p. 87)

Alves (2004) ainda afirma que a posposição 'tɔ' pode também compor predicados com verbos bi-transitivos, ou seja, trata-se de predicados que exigem três argumentos: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

- (240) Ke    ha    pej            ita    tɔ    h-hakɛp  
 3    IRR    espelho        DEM    INS    3-cortar  
 'Ele vai cortá-lo com o espelho'

(ALVES, 2004, p.)

Com relação à função causativa indicada por 'tɔ', esta foi analisada como verbo causativo por Ferreira (2003), para o Parkatêjê, e como posposição causativa por Souza (1989), para o Canela-Krahô. Em Canela Apãniekrá, 'tɔ' foi analisado como um clítico causativizador (tɔ=), o qual, de acordo com Alves (2004), pode ter se originado do verbo 'tɔ' 'fazer'.

Como já dito anteriormente, em Canela-Krahô, de acordo com a análise de Souza (1989), na seção em que são apresentadas as posposições da referida língua, 'tɔ' é descrito como uma posposição causativa, conforme o exemplo a seguir:

- (241) i        tɔ    vrə  
 1        POSP    descer  
 'Faça-me descer'

(SOUZA, 1989, p. 16)

Na função de instrumental, 'tɔ' ocorre de forma semelhante ao Parkatêjê e ao Canela Apãniekrá:

- (242) i-tɛ            nca            tɔ    amyi    y    akɛp  
 1-POSP        enxada        POSP    RFL    REL-cortar-PASS  
 'Eu me cortei com a enxada'

(SOUZA, 1989, p. 16)

Na função instrumental, Souza (1989) afirma que ‘tɔ’ pode ocorrer em relação de foco, como no exemplo a seguir:

- (243) nca            tɔ     i        tɛ     humrɛ        kacwər  
 Enxada        POSP 1        POSP homem        ferir-PASS  
 ‘Eu feri o homem com a enxada’

(SOUZA, 1989, p. 73)

De acordo com Souza (1989), nas situações em que os verbos intransitivos indicam movimento, ‘tɔ’ deverá precedê-lo na forma de imperativo, obrigatoriamente. Veja que neste caso, tal forma ocorre como causativo:

- (244) tɔ        yĩ  
 POSP sentar  
 ‘Sente-se’

(SOUZA, 1989, p. 64)

- (245) tɔ        cwa  
 POSP banhar  
 ‘Tome banho’

(SOUZA, 1989, p. 64)

Outra situação de uso da posposição ‘tɔ’, segundo Souza (1989), está relacionada a sentenças transitivas. De acordo com a autora, se o sujeito dessas construções for o causador, beneficiário ou malefeciário da ação descrita, a posposição ‘tɔ’ na forma imperativa poderá ou não ocorrer.

- (246) tɔ        kʰrẽ  
 POSP comer  
 ‘(Pegue) coma!’

(SOUZA, 1989, p. 65)

- (247) k<sup>hr</sup>ẽ  
 Comer  
 ‘Coma!’

(SOUZA, 1989, p. 65)

Na análise de Popjes e Popjes (1986), também para a língua Canela-Krahô, ‘to’ (posposição instrumental) e ‘to’ (verbo causativo) foram tratados de maneira distinta. Segue abaixo o exemplo com a posposição instrumental ‘to’:

- (248) a-te wapo to pit mã carà curan  
 2-PAST knife INSTR only OBL.OM deer kill  
 ‘You killed the deer with only a knife’  
 ‘Você matou o cervo com apenas uma faca’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 179, TRADUÇÃO NOSSA)

Para Popjes e Popjes (1986), a posposição instrumental também é utilizada em sentenças pseudo-transitivas, as quais consistem em construções com características de sentenças transitivas e intransitivas, simultaneamente. Nesta situação, o prefixo pessoal do verbo concorda com o sujeito e o que seria o objeto direto, na perspectiva semântica, é expresso como um objeto oblíquo, formado por um sintagma nominal ou prefixo pessoal seguido da posposição ‘to’, nos contextos em que se espera um objeto não-humano. É válido ressaltar que o exemplo (249) possui uma estrutura idêntica ao exemplo (241), o que pode indicar que, neste caso, ‘to’ ocorre como causativo e não como instrumental.

- (249) a-te carà cahàcre to a-pijapar  
 2-PAST goats INSTR 2-raise  
 ‘You raised goats’  
 ‘Você criou cabras’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 131, TRADUÇÃO NOSSA)

Miranda (2014) observou a posposição ‘to’ em Canela-Krahô com a função de associativo-instrumentivo (com).

- (250) wak<sup>h</sup>e            ampɔ    ø-tɔ            ka    ha    wajĩ    j-ak<sup>h</sup>ɛp  
 N.PROP            algo    R<sup>1</sup>-ASS.INSTR    2SG    IRR    carne    R<sup>1</sup>-cortar  
 ‘Wak<sup>h</sup>e, com o que você vai cortar a carne?’

(MIRANDA, 2014, p. 144)

- (251) Ø-tɔ            wa    ha    h-ak<sup>h</sup>ɛp  
 R<sup>2</sup>-ASS.INSTR    1SG    IRR    R<sup>2</sup>-cortar  
 ‘Com (algo) eu vou cortar (a carne)’

(MIRANDA, 2014, p. 144)

De acordo com Miranda (2014) a posposição ‘to’ também marca orações completivas com determinados verbos, tais como: -ak<sup>h</sup>ɛ ‘deixar’, -apaktu ‘esquecer’, -apakɛ ‘lembrar’. Esse tipo de oração em Canela-Krahô, segundo Miranda (2014), ocorre como argumento do verbo.

- (252) i            Ø-tɛ    a            Ø-tɔ            i-jũ            j-aʔk<sup>h</sup>ɛ-Ø  
 1SG    R<sup>1</sup>-OBL 2SG    R<sup>1</sup>-ASS.INSTR    1SG-DEIT            R<sup>1</sup>-deixar-NOMLZ

[ka    i            j-õ    katõk            Ø-pĩ]compl  
 2SG    1SG    R<sup>1</sup>-REL espingarda    R<sup>1</sup>-pegar

‘Houve o deixar a ti por mim que você pegasse a minha espingarda’ (Eu deixei que você pegasse a minha espingarda)

(MIRANDA, 2014, p. 209)

- (253) h-õmpu            hɛ    mã    ka    [kəhə    Ø-kajprɛ- Ø            Ø-tɔ]compl  
 R<sup>2</sup>-VER            ADVT    SD    2SG    cofo    R<sup>1</sup>-amarrar-NOMLZ    R<sup>1</sup>-ASS.INSTR  
 a            j-apaktu  
 2SG    R<sup>1</sup>-esquecer

‘Olhe aí e você está se esquecendo com o amarrar o cofo’ (Olhe aí, você está se esquecendo de amarrar o cofo)

(MIRANDA, 2014, p. 215)

- (254) i      Ø-tɛ      [kuhi Ø-pĩ-r      Ø-tɔ]compl      amjĩ  
 1SG    R<sup>1</sup>-OBL      fogo    R<sup>1</sup>-matar-NOMLZ      R<sup>1</sup>-ASS.INSTR      REFLX  
 j-apakrɛ  
 R<sup>1</sup>-lembrar  
 ‘Houve o lembrar por mim mesmo de apagar o fogo’ (Eu me lembrei de apagar o fogo)  
 (MIRANDA, 2014, p. 216)

De acordo com Miranda (2014, p. 276), o aspecto habitual que ocorre por perífrase possui o verbo –pa ‘ficar’, que é o verbo principal, além de um nome de ação. A posposição ‘tɔ’ marca o nome de ação, que funciona como núcleo lexical.

- (255) Ka      hĩrmã      [a      Ø-rĩt-Ø      Ø-tɔ]      a      Ø-pa  
 2SG    para.lá      2SG    R<sup>1</sup>-olhar-NOMLZ      R<sup>1</sup>-ASS.INSTR    2SG    R<sup>1</sup>-ficar  
 ‘Você continua com o olhar para lá’ (Você continua olhando para lá)  
 (MIRANDA, 2014, p. 276)

- (256) rɔp-ti      [priɛ Ø-kuran      Ø-tɔ]      i-pa  
 Onça-INTENS    caça    R<sup>1</sup>-matar-NOMLZ      R<sup>1</sup>-ASS.INSTR    R<sup>2</sup>-ficar  
 ‘A onça fica com o matar das caças’ (A onça fica matando as caças)  
 (MIRANDA, 2014, p. 277)

Miranda (2014, p. 282) também atribuiu a posposição ‘tɔ’ a função de marcar os núcleos lexicais dos verbos -ikuw ‘parar’ e -amrẽ-r ‘acabar’ em construções com aspecto terminativo, expressado por perífrases, conforme os exemplos a seguir:

- (257) Ke      há      aʔk<sup>h</sup>rajrɛ      rama    [mẽ      h-ɔʔkuʔk<sup>h</sup>rɛ-n      Ø-tɔ]  
 ENF    IRR    criança      já      PL      R<sup>2</sup>-correr-NOMLZ      R<sup>1</sup>-ASS.INSTR  
 h-ikuw  
 R<sup>2</sup>-parar  
 ‘As crianças já vão parar com o correr’ (As crianças vão parar de correr)  
 (MIRANDA, 2014, p. 282)



- (258) Wa há ra [i j-ɔpɛ-n Ø-to] h-amrẽ  
 1SG IRR já 1SG R<sup>1</sup>-comer-NOMLZ R1-ASS.INSTR R<sup>2</sup>-acabar  
 ‘Eu já vou acabar com o meu comer’ (Eu já vou acabar de comer)

(MIRANDA, 2014, p. 283)

Amado (2004) trata a forma ‘to’ como partícula na língua Pykobjê. É válido ressaltar que o termo partícula é utilizado de forma mais abrangente se comparado ao termo posposição, uma vez que o termo partícula pode incluir outras classes de palavras, além das posposições, como conjunção, por exemplo. Segundo Crystal (2008), geralmente a partícula se refere a um item gramatical inflexionável, principalmente aqueles que possuem dificuldades para serem inseridos em classificações consideradas como padrão em partes do discurso (verbos, adjetivos etc), enquanto o termo posposição faz parte de uma classe fechada de elementos que seguem um sintagma nominal (nome ou pronome) para formar um único constituinte da estrutura (CRYSTAL, 2008, p. 377). Para Trask (2013), o termo partícula refere-se a um item com ausência de flexão morfológica em sua forma e tem função de conectar os nomes, verbos e adjetivos das classes abertas. Dessa forma, Amado (2004) afirma que a partícula ‘to’ pode ser direcional, instrumental ou, ainda, indicar mudança de valência (tal função refere-se ao causativo, conforme os exemplos 263-266). Entretanto, para a referida autora, a manifestação de ‘to’ em diferentes funções ocorre por meio de formas homônimas, isto é, possuem a mesma forma, mas com funções distintas, como nos exemplos abaixo:

- (259) eʔnoʔnə a: -te ej- to a: -jõt  
 ‘Ontem’ 2 ERG 1 COMP 2 ‘dormir’  
 ‘Ontem você dormiu comigo’

(AMADO, 2004, p. 42)

- (260) wa ha j- əpin to prə  
 1 FUT 1 ‘pescar’ DIR caminho  
 ‘Eu estou indo pescar (a caminho)’

(AMADO, 2004, p. 44)

- (261) ki ha me h- əpin to prə  
 3 FUT PL 3- ‘pescar’ DIR caminho  
 ‘Eles vão pescar’ (estão a caminho)

(AMADO, 2004, p. 112)

- (262) ej – te            j- òkrá            to            tun            pro  
 1 – ERG            1- ‘mão’            INSTR ‘tatu’ ‘pegar’  
 ‘Eu peguei o tatu com as mãos’

(AMADO, 2004, p. 44)

- (263) ej – te            ka<sup>ng</sup>gã            to            jõt  
 1 – ERG            cobra CAUS            dormir  
 ‘Eu sonhei com cobra’

(AMADO, 2004, p. 44)

- (264) to            fwa  
 CAUS            banhar  
 ‘Vá tomar banho’

(AMADO, 2004, p. 44)

- (265) ej – te            ku            to            ej – kom  
 1 – ERG            ‘água’ CAUS            1 – ‘beber’  
 ‘Eu bebi água’

(AMADO, 2004, p. 45)

- (266) ej – te            to            ku            to            ej – kom  
 1 – ERG            INSTR ‘água’ CAUS            1 – ‘beber’  
 ‘Eu bebi água’ (com algo, um copo ou um canudo, por exemplo)

(AMADO, 2004, p. 45)

De acordo com Amado (2004), o causativo também forma o imperativo (ex. 264). A posição ocupada por esse elemento, segundo a referida autora, é depois do objeto, como no exemplo abaixo:

- (267) ej – te            ej – kom      ku      to  
 1 – ERG            1    ‘beber’    ‘água’ CAUS  
 ‘Eu bebi água’

(AMADO, 2004, p. 45)

Para a autora supracitada, com alguns verbos, há a possibilidade de ‘to’ preceder o objeto:

- (268) ej – te            to      ej – k<sup>h</sup>re      jahər  
 1 – ERG            CAUS    1    ‘casa      construir (levantar)  
 ‘Eu construí a minha casa’

(AMADO, 2004, p. 45)

- (269) ej – te            to      ku              prõprõt  
 1 – ERG            CAUS    ‘água’      ‘ferver’  
 ‘Eu fervei água’

(AMADO, 2004, p. 45)

Amado (2004) ressalta que a melhor tradução para o exemplo acima seria “eu fiz a água ficar quente”. Além disso, ela acrescenta que ‘to’ pode abranger nomes, conforme o exemplo abaixo:

- (270) Ej – te            to      k<sup>h</sup>re  
 1 – ERG            CAUS    ‘buraco’  
 ‘Eu cavei’ (ou ‘eu fiz um buraco’)

(AMADO, 2004, p. 46)

Para Silva (2011, p. 126) a posposição ‘to’ compõe um advérbio (formado por nome seguido do núcleo) para indicar instrumento em Pykobjê. Segundo a autora, embora a ordem canônica seja após o verbo, observa-se uma flexibilidade em relação a isso, conforme o exemplo abaixo:

- (271) cahyj – te hywcö to wej pok  
 Mulher – ERG bengala INSTR velho bater  
 ‘A mulher bateu no velho usando uma bengala por instrumento de agressão’  
 (SILVA, 2011, p. 126)

- (272) wa êmpex pẽ to  
 1PL consertarINTR. pau INSTR  
 ‘Eu conserto usando um pau por instrumento’  
 (SILVA, 2011, p. 126)

Assim como foi observado por Amado (2004), segundo Silva (2011, p. 68) ‘to’ também indica companhia em Pykobjê:

- (273) cahỹj to jôm craa pji cỹm ngõr  
 Mulher COMP QE criança chão LOC dormirINTR  
 ‘A mulher e o ser criança estão dormindo no chão’  
 (SILVA, 2011, p. 68)

É válido ressaltar que, para Silva (2011) ‘to’ foi considerado como uma conjunção que indica companhia, enquanto Amado (2004) afirma que ‘to’ é uma partícula que expressa companhia, mas não especifica a qual classe de palavras essa partícula pertence. Por outro lado, Silva (2011, p. 67) explica que esse tipo de conjunção se localiza no meio dos nomes ligados, porém, por uma comprovação fonológica, tal conjunção está mais relacionada ao nome da posição esquerda, uma vez que, segundo a referida autora, ocorre uma pausa imediata após a conjunção nominal. Ela ainda acrescenta que esse tipo de conjunção ocorre somente com nomes ou pronomes.

Silva (2011) considerou como formas homônimas: a posposição instrumental, a partícula causativa e a partícula que forma o modo imperativo. Diferentemente de Amado (2004), que considera a partícula causativa como formadora de imperativo também.

Todas as línguas possuem a posposição ‘to’ na função instrumental. Souza (1989) foi a única autora que considerou o causativo como uma função da posposição ‘to’. Por outro lado, Amado (2004) usou o termo “partícula”, para se referir à função causativa de ‘to’, inclusive na formação do imperativo, entretanto, a referida autora esclareceu que são formas homônimas em Pykobjê, portanto, não consideraremos esta função para a posposição ‘to’, uma vez que tal

função corresponde à causativização, conforme verificado nas outras línguas. Concordamos que, de fato, as línguas Timbira apresentam formas homônimas para a forma ‘to’.

É interessante notar que a forma da posposição ‘to’ é a mesma nas línguas em questão, entretanto, as funções podem coincidir, como no caso da função ‘instrumental’, mas também observamos que as funções de uma posposição de uma língua para a outra podem se distanciar em termos de seu significado. Com base nas informações acima, apresentamos o quadro abaixo com as funções da posposição ‘to’:

**Quadro 25:** funções da posposição ‘to’.

Função	Parkatêjê	Canela Apâniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P.P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. instrumental	X	X	X	X	X	X	X
2. associativo					X		

Fonte: elaborado pela autora.

#### 6.4 A posposição ‘Kãm’

Em Parkatêjê, a forma ‘kãm’ foi descrita por Ferreira (2012) como uma posposição que marca o locativo pontual, o qual, segundo a autora, se opõe ao direcional, pelo fato de indicar o local de ocorrência do processo verbal.

(274) pê    pia    kapranĩ    katiti    ko    kãm    ʃõ  
 PD    DUB    jabuti    grande água    LOC    estar.em.pé  
 ‘Dizem que jabuti grande estava no rio’

(FERREIRA, 2003, p. 141)

(275) wa    ka    ariatʃẽ    kãm    nõ    hõr  
 Eu    FUT    rede    LOC    deitar    dormir  
 ‘Eu vou deitar na rede’ lit. ‘eu vou deitar-dormir na rede’

(FERREIRA, 2003, p. 141)

De acordo com Ferreira (2003, pg. 145), os advérbios temporais são compostos por nomes que expressam uma relação temporal, como parte de um dia, por exemplo, e ocorrem marcados por posposições, como em ‘nõ kãm’, que significa ‘ontem’, sendo marcado pela posposição locativa ‘kãm’, assim como em ‘ita kãm’ que significa ‘hoje’.

Ferreira (2003) afirma que em orações com verbos transitivos estendidos também há ocorrências com posposições, uma vez que é necessário um constituinte oblíquo. Dentre as várias possibilidades de ocorrências, também pode-se encontrar exemplos com a posposição locativa ‘kãm’:

- (276) kuɬuati        tɛ        airɔm kãm        kukinere        pupun  
 NPR                ERG        mato    LOC        cotia                REL-ver  
 ‘Kuxuati viu cotia no mato’

(FERREIRA, 2003, p. 165)

Há também as orações locativas que ocorrem com um sujeito (locução nominal) e uma locução posposicional justaposta, conforme Ferreira (2003, p. 170):

- (277) i            ɬ-wa            i-            y-            arkwa kãm  
 1            REL-dente        1            REL-        boca    LOC  
 ‘Meu dente está na minha boca’

(FERREIRA, 2003, p. 170)

Outra função de ‘kãm’, citada por Ferreira (2003), está relacionada à tomada de turnos em textos narrativos, que podem ser realizadas pela posposição ‘kãm’ ou ‘mã’, as quais são explicadas pela referida autora detalhadamente:

A posposição **kãm** marca a tomada de turno do participante que não aquele que acabou de se pronunciar, isto é, essa posposição marca a distância do falante e a proximidade em relação ao ouvinte. Além dessa ocorrência nos textos, observei também nos diálogos espontâneos o traço semântico acima referido - o distanciamento do falante em relação ao que está sendo enunciado. Durante um episódio de treino de um jogo de futebol do time feminino, elas treinavam falando na língua, a fim de não poderem ser compreendidas pelo time adversário. Então se ouvia muito **mũ kãm mên**, cujo sentido é ‘joga pra lá (pra longe de ti)’, ou seja, para longe da fonte onde a ação foi iniciada. Já a posposição **mên** indica proximidade do falante e distância do ouvinte. Aparentemente, portanto, essas posposições evidenciam dêixis, todavia inúmeros aspectos semânticos relacionados às posposições devem ainda ser mais bem compreendidos em estudos subsequentes (FERREIRA, 2003, p. 143-144).

Em Canela Apãniekrá, Alves (2004) também descreveu a posposição ‘kãm’ como locativa, conforme o exemplo abaixo:

- (278) Ku-ɛ h-arɛn wa pɜrkrɛ kãm nũm kot i-poj  
 3-ERG 3-falar 1 barco LOC alguém COM 1-chegar  
 ‘Ele falou com quem chegou no barco comigo’

(ALVES, 2004, p. 87)

Como já mencionado anteriormente, de acordo com Alves (2004), há algumas posposições homônimas em Apãniekrá, dessa forma, a posposição ‘kãm’ também pode significar ‘com’:

- (279) enfermeira te i-kra kãm tʃɛr  
 Enfermeira ERG 1-filho LOC gritar  
 ‘A enfermeira gritou com meu filho’

(ALVES, 2004, p. 87)

Assim como em Parkatêjê, Alves (2004) também observou a possibilidade de posposições indicarem tempo. Neste caso, a posposição ‘kãm’ pode se unir a dêiticos e formar expressões como:

- (280) i-ta kãm  
 1-DEM LOC  
 ‘Hoje’

(ALVES, 2004, p. 79)

- (281) amkrɔ kãm  
 Dia LOC  
 ‘De manhã’

(ALVES, 2004, p. 79)

Alves (2004) afirma que objeto indireto locativo pode compor um predicado com verbos bi-transitivos.

- (282) i-tɛ    peʃ                    kãm    a-pupun  
 1-ERG espelho                LOC    2-ver  
 ‘Eu vi você no espelho’

(ALVES, 2004, p. 119)

Os predicados locativos em Apãniekrá, ocorrem exatamente da mesma forma que em Parkatêjê, uma vez que Alves (2004) explica que eles são formados por um sujeito (sintagma nominal) e um sintagma posposicional.

- (283) kwər                    pur    kãm  
 Mandioca    roça    LOC  
 ‘Tem mandioca na roça’

(ALVES, 2004, p. 124)

A posposição ‘kam’ em Canela-Krahô foi descrita por Popjes e Popjes (1986) com o significado de ‘in, into, at it’, ou seja, também possui significado locativo.

- (284) wa    ha    pur    kam    apê  
 1    FUT    field    in    work  
 ‘I will work in the field’  
 ‘Vou trabalhar no campo’

(POPJES E POPJES 1986, p. 179, TRADUÇÃO NOSSA)

Para Popjes e Popjes (1986) a posposição ‘kam’ também pode ocorrer em sentenças pseudo-transitivas, conforme o exemplo abaixo.

- (285) a-te    po    kam    a-catõc  
 2-PAST deer    at    2-shoot  
 ‘You shot (at) the deer’  
 ‘Você atirou no cervo’

(POPJES E POPJES, p. 130, TRADUÇÃO NOSSA)

Popjes e Popjes (1986) afirmam que a posposição ‘kam’ também pode ocorrer em sentenças existenciais. Este tipo de sentença é formado por um complemento (prefixo pessoal,



sintagma nominal ou locativo) seguido da posposição ‘kam’ que tem o propósito de indicar localização.

- (286) Pur kam pōhy  
 Field RELTR corn  
 ‘There is corn in the field’  
 ‘Há milho no campo’

(POPJES E POPJES 1986, p. 135, TRADUÇÃO NOSSA)

Na análise de Souza (1989), também para o Canela-Krahô, a posposição ‘kam’ foi descrita como complemento locativo e temporal, conforme o exemplo abaixo:

- (287) ka krĩ kati kam tẽ pit kam  
 2 aldeia grande POSP vir sol POSP  
 ‘Você vem à cidade à tarde’

(SOUZA, 1989, p. 16)

Souza (1989) também observou que a posposição ‘kam’ marca oração existencial, assim como foi constatado na análise de Popjes e Popjes (1986) para a mesma língua. No entanto, embora o exemplo realmente seja de uma oração existencial, a posposição ‘kam’ não tem função de marcar oração existencial, pois sua função é marcar o locativo.

- (288) Pur kam me yot  
 Roça POSP PL batata  
 ‘Na roça tem batatas’

(SOUZA, 1989, p. 33)

De acordo com Souza (1989), em orações interrogativas afirmativas a posposição ‘kam’ pode ocorrer em contextos que contêm informações sobre lugares.

- (289) yũm kam ka mō  
 Que POSP 2 ir  
 ‘Onde você vai?’

(SOUZA, 1989, p. 62)

Vale ressaltar que, em sentenças que necessitam de complementos oblíquos, as posições devem aparecer. Para Souza (1989), complementos de verbos intransitivos devem, obrigatoriamente, ser marcados por posições, as quais podem indicar relação instrumental, benefactiva ou locativa, como no exemplo a seguir:

(290) wa ma mō ko kam  
 1 AUX ir rio POSP  
 ‘Eu vou ao rio’

(SOUZA, 1989, p. 27)

Miranda (2014) descreve a posição ‘kam’ como ‘k<sup>h</sup>ām’ com o sentido de locativo, significando ‘em (pontual)’, semelhante ao que foi observado nas outras análises até o presente momento.

(291) wa ha piti Ø-k<sup>h</sup>ām Ø-nō  
 1SG IRR esteira R<sup>1</sup>-LOC R<sup>2</sup>-deitar  
 ‘Eu vou deitar na esteira’

(MIRANDA, 2014, p. 144)

(292) wa Ø-k<sup>h</sup>ām i Ø-nō-r  
 1SG R<sup>2</sup>-LOC 1SG R<sup>1</sup>-deitar-NOMLZ

‘Houve o deitar de mim nela (na esteira)’ (Eu deitei nela (na esteira))

(MIRANDA, 2014, p. 144)

Assim como descrito por Ferreira (2003), para o Parkatêjê e Alves (2004), para o Canela Apãniekrá, também foi observada por Miranda (2014) a relação das posições com locuções adverbiais para indicar tempo.

(293) iʔ-nō Ø-k<sup>h</sup>ām  
 R<sup>2</sup>-algum R<sup>1</sup>-LOC  
 ‘Ontem’

(MIRANDA, 2014, p. 146)

- (294) ita    Ø-k<sup>h</sup>ãm  
 DEM    R<sup>1</sup>-LOC  
 ‘Hoje’

(MIRANDA, 2014, p. 146)

A posposição k<sup>h</sup>ãm pode ocorrer em predicados existenciais com sintagmas locativos, assim como foi descrito por Popjes e Popjes (1986) e Souza (1989) para a mesma língua.

- (295) Ko    ita    Ø-k<sup>h</sup>ãm    rɔʔ-ti  
 Água    DEM    R<sup>1</sup>-LOC    sucuri-INTENS  
 ‘Neste córrego existe sucuri’

(MIRANDA, 2014, p. 173)

Miranda (2014, p. 274) afirma que o aspecto contínuo em Canela-Krahô ocorre por intermédio de construção perifrástica, que possui um núcleo lexical, constituído por um nome de uma ação e o verbo principal da oração: krɛ ‘continuar’. A função da posposição ‘k<sup>h</sup>ãm’, neste caso, é marcar o núcleo lexical.

- (296) Ku    ha    itar    mẽ    pan    Ø-krɛr    Ø-k<sup>h</sup>ãm    mẽ  
 1±2    IRR    aqui    PL    1±2    R<sup>1</sup>-cantar-NOMLZ    R<sup>1</sup>-LOC    PL  
 pan    Ø-krɛ  
 1±2    R<sup>1</sup>-continuar

‘Nós vamos continuar no cantar aqui’ (Nós vamos continuar cantando)

(MIRANDA, 2014, p. 274)

Miranda (2014) afirma que a posposição ‘k<sup>h</sup>ãm’ também marca o núcleo lexical em situações de aspecto ingressivo, o qual ocorre por intermédio de perífrase verbal, que resulta da combinação de ‘-tẽ-m’ ‘ir’ (verbo de movimento da oração principal) com nomes de ação (núcleo lexical).

- (297) wa    ha    kɔrmã    [i    j-ɔpe-n    Ø-k<sup>h</sup>ãm]    Ø-tẽ  
 1SG    IRR    agora    1SG    R<sup>1</sup>-trabalhar-NOMLZ    R<sup>1</sup>-LOC    R<sup>2</sup>-ir  
 ‘Eu vou agora começar a trabalhar’

(MIRANDA, 2014, p. 278)

Na língua Pykobjê, Amado (2004) também classificou a posposição ‘kam’ como locativa. Entretanto, devido o foco de seu trabalho ter sido sobre os aspectos morfofonológicos na língua, a autora não abordou profundamente a ocorrência das posposições.

- (298) Ka    pji - kəm    ʔgõr  
 2    chão-LOC    dormir  
 ‘Você está dormindo no chão’

(AMADO, 2004, p. 42)

Silva (2011) também analisou a posposição ‘kam’ como locativa, uma vez que tal elemento se relaciona a contextos espaciais em Pykobjê.

- (299) e’no’ny    ca    ngõr    a’cět    cỹm  
 PAS/LEX    2PL    dormirINTR    mata    LOC  
 ‘Ontem você dormiu na mata’

(SILVA, 2011, p. 127)

- (300) wa    ha    Emperatrex    cỹm  
 1PL    IRR    Imperatriz    LOC  
 ‘Eu estarei em Imperatriz’

(SILVA, 2011, p. 98)

Embora a posposição locativa ‘kam’ possa ser usada em vários contextos, notamos que a sua função locativa é o que prevalece, como ilustra o quadro a seguir:

**Quadro 26:** Função da posposição ‘kam’

Função	Parkatêjê	Canela Apãniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P. P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. locativo	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.5 A posposição ‘nã’

De acordo com Ferreira (2003), a posposição ‘nã’ em Parkatêjê é parte de interrogativos adverbiais que indicam lugar ou pode unir-se a outras palavras para indicar tempo.

Quando ocorre com palavras interrogativas locativas, Ferreira (2003) afirma que tal posposição pode ter a forma de: ‘zõnã’ (para onde?), ‘mpɔ nã’ (por quê?) e ‘mã nã pia?’ (de que modo?).

Já com relação à indicação de tempo, Ferreira (2003) aponta que a posposição ‘nã’, aparece como apẽ nã (amanhã). É válido ressaltar que, segundo a autora supracitada, há uma conjunção coordenativa com a mesma forma da posposição ‘nã’, que possui a função de marcar o fenômeno de switch-reference<sup>57</sup>. No entanto, neste trabalho manteremos o foco do estudo nas posposições e seus contextos de uso.

Em Canela Apãniekrá, Alves (2004) destaca que não há uma definição para a posposição ‘nã’, entretanto, a autora afirma que a sua função é marcar objeto indireto, para ilustrar, ela utiliza o exemplo abaixo:

(301) Ku-ɛ karɜ nã katɔr  
 3-ERG veado POSP assar  
 ‘Ele assou veado’

(ALVES, 2004, p. 88)

Assim como foi observado por Ferreira (2003) para o Parkatêjê, o uso da posposição ‘nã’ também ocorre na indicação de tempo em Canela Apãniekrá, segundo o que explica Alves (2004, p. 79), tal posposição se une a dêiticos, formando advérbios temporais.

(302) apẽ nã  
 Dia POSP  
 ‘Amanhã’

(ALVES, 2004, p. 79)

---

<sup>57</sup> De acordo com Ferreira (2003, p. 181), switch-reference consiste em um fenômeno da língua em que se observa a continuidade ou descontinuidade do sujeito de uma sentença em outra num período composto por coordenação. Nesse caso, a conjunção ‘nã’ indica que os sujeitos possuem uma mesma referência.

(303) irɜrɜ nã

‘Cedo’

(ALVES, 2004, p. 79)

Alves (2004, p. 118) relata uma ocorrência da posposição ‘nã’ em um caso com sujeito experienciador com predicados transitivos, envolvendo o verbo ‘prãm’ (querer). Segundo a referida autora, se o complemento deste verbo for nominal, será marcado pela posposição ‘nã’, no entanto, se o complemento dele for verbal, não há necessidade de ocorrência da posposição.

(304) wa tep nã prãm

1 peixe POSP querer

‘Eu quero peixe’

(ALVES, 2004, p. 118)

A posposição ‘nã’ foi observada por Alves (2004) em contextos de marcação de tópico contrastivo, como exemplificado abaixo:

(305) Ke [kumtum nã]FOCOCONT ku-tɛ Ø katɔr

Não capivara POSP 3-ERG 3 assar

‘Não, capivara ele assou’

(Contexto ‘ele assou veado?’)

(ALVES, 2004, p. 127)

Na análise de Popjes e Popjes (1986) para o Canela-Krahô, observa-se a posposição ‘na’ (forma não nasalizada), ocorrendo junto a pronomes com significados distintos. Os referidos autores não apresentam uma descrição detalhada desses elementos, entretanto, eles atribuem o significado ‘in front of it<sup>58</sup>’ para a forma ‘cu-na’ e ‘about it<sup>59</sup>’ para a forma ‘ah-na’.

De acordo com a análise de Souza (1989) para o Canela-Krahô, parece haver uma variação na posposição em questão, podendo se realizar como nã ~ na. Tal posposição ocorre com complemento de verbo intransitivo.

<sup>58</sup> ‘Na frente dele’ (tradução nossa).

<sup>59</sup> ‘Sobre isso’ (tradução nossa).

- (306) wa a na ca  
 1 2 POSP rir  
 ‘Eu rio de você’

(SOUZA, 1989, p. 15)

Na análise de Miranda (2014), também para a língua Canela-Krahô, a posposição ‘nã’ é apresentada como locativo, significando ‘sobre’ e também é apresentada como translativo, significando ‘em relação a’/ ‘na qualidade de’.

O autor supracitado afirma que “Predicados existenciais também podem ainda ocorrer com sintagmas locativos. Nessa situação, o núcleo do sintagma locativo é determinado pelas posições *ri*, *nã* ou *k<sup>h</sup>ãm*.” (MIRANDA, 2014, p. 172). Observemos o exemplo abaixo, apresentado pelo referido autor:

- (307) Ø-tẽ nẽ a Ø-tɔ Ø-kuʔhõ... ta Ø-nã  
 R<sup>2</sup>-ir MS 2SG R<sup>1</sup>-olho R<sup>1</sup>-lavar... ENF R<sup>1</sup>-em.relação.a  
 Ø-kajĩn  
 R<sup>1</sup>-remela  
 ‘Vai e lave teu olho...em relação a ele existe remela’

(MIRANDA, 2014, p. 173)

Outra situação de uso da posposição ‘nã’ mencionada por Miranda (2014) está relacionada a orações completivas com o verbo aʔwə (pedir).

- (308) Ku-tɛ i Ø-nã h-ɔʔwər-r [wa ma hĩrmã Ø-tẽ]COMPL  
 R<sup>2</sup>-OBL 1SG R<sup>1</sup>-OBL R<sup>2</sup>-pedir-NOMLZ 1SG DIR para.lá R<sup>2</sup>-ir  
 ‘Houve o pedir em relação a mim por ele que eu fosse para lá’

(MIRANDA, 2014, p. 201)

Miranda (2014, p. 202) explica que no uso do verbo aʔwə ‘pedir’, a posposição ‘nã’ rege o argumento da oração principal. Segundo o autor mencionado, as orações completivas do verbo ‘pa’ (ouvir/escutar) também são marcadas pela posposição ‘nã’ (em relação a).

- (309) wa apu [a Ø-k<sup>h</sup>ra Ø-k<sup>h</sup>e-r Ø-nã]compl Ø-k<sup>h</sup>ãm  
 1SG PROG 2SG R<sup>1</sup>-filho R<sup>1</sup>-gritar-NOMLZ R<sup>1</sup>-em.relação.a R<sup>2</sup>-LOC  
 Ø-pa  
 R<sup>2</sup>-ouvir  
 ‘Eu estou ouvindo em relação ao gritar do teu filho’ (eu estou ouvindo que teu filho está gritando)

(MIRANDA, 2014, p. 212)

A posposição ‘nã’ pode ocorrer com palavras interrogativas, semelhante ao que acontece no Parkatêjê. De acordo com Miranda (2014), a posposição ‘nã’ pode unir-se à palavra *ampo*, formando uma expressão do tipo: *ampo nã* ‘de que; em relação a que’.

- (310) *ampo* Ø-nã ka apu Ø-a Ø-katsa?  
 INT R<sup>1</sup>-em.relação.a 2SG PROG R<sup>2</sup>-DÊIT R<sup>1</sup>-rir  
 ‘Em relação ao que você está rindo? (Do que você está rindo?)’

(MIRANDA, 2014, p. 258)

De acordo com a análise de Silva (2011) para a língua Pykobjê, a posposição ‘nã’, descrita pela autora como ‘ny’ (conforme a grafia uniformizada timbira), está relacionada à indicação de tempo, por esta razão foi chamada de posposição temporal.

- (311) *empo* co ha me waca’te ny coco?  
 WH 1EPI IRR PL amanhã PT comer  
 ‘O que nós vamos comer amanhã?’

(SILVA, 2011, p. 127)

Organizamos um quadro para melhor compreensão das funções exercidas pela posposição ‘nã’ no Timbira. Tal posposição é usada com advérbios que indicam local e tempo em Parkatêjê; possui função temporal em Canela Apãniekrá, enquanto que em Canela-Krahô, na análise de Popjes e Popjes (1986), a posposição em questão recebeu a função de locativo, já na análise de Sousa (1989), a função dessa posposição é marcar complemento de verbo intransitivo e, para Miranda (2014), a função observada foi de locativo, assim como foi descrito por Popjes e Popjes (1986), além da função translativa, observada exclusivamente por Miranda (2014). Em Pykobjê, recebeu a função de temporal na análise Silva (2011).



**Quadro 27:** Funções de ‘nã’

Função	Parkatêjê	Canela Apãniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P. P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. translativo					X		
2. locativo	X		X		X		
3. temporal	X	X					X
4. marca complemento de verbo intransitivo				X			

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.6 O elemento ‘õ’

Dentre as línguas em estudo, o elemento ‘õ’ foi considerado como posposição somente por Alves (2004). Por esta razão, não utilizaremos o termo ‘posposição’ para tal elemento. No entanto, é válido ressaltar que o elemento ‘õ’ ocorre em todas as línguas Timbira, nos contextos em que há expressão de posse alienável. De acordo com Ferreira (2003), a posse alienável em Parkatêjê consiste na posse de objetos materiais presentes na cultura do povo. Em comunicação pessoal, Ferreira (2003, p. 50) afirma que o nome ‘õ’ possui o significado de “coisa”.

(312) Piare 3- õ kruwa  
 NPR REL- POS flecha  
 ‘Flecha do Piare’

(FERREIRA, 2003, p. 49)

(313) h- õ rɔp  
 REL- POS cachorro  
 ‘Cachorro dele’

(FERREIRA, 2003, p. 50)

Assim como em Parkatêjê, os nomes alienavelmente possuídos foram também descritos por Alves (2004) para o Canela Apãniekrá, para se referir a materiais da cultura do povo, animais, etc. Como já citado anteriormente, Alves (2004) considerou ‘õ’ como uma posposição. Em outro momento de seu trabalho, a autora supracitada refere-se a esse elemento como uma marca de genitivo.

- (314) Kahāj            ɲ-õ            rɔp  
 Mulher            PR-GEN        cachorro  
 ‘Cachorro da mulher’

(ALVES, 2004, p. 48)

- (315) Pa            ɲ-õ            kuhe  
 1INCL PR-GEN        arco  
 ‘Nosso arco’

(ALVES, 2004, p. 48)

Alves (2004, p. 123) afirma que em alguns casos de posse alienável, a marca de genitivo -õ pode não ocorrer.

- (316) a-mã            pɜrkrɛ  
 2-DAT            canoa  
 ‘Você tem canoa’

(ALVES, 2004, p. 123)

É interessante observar que há uma ocorrência do elemento ‘õ’ com nomes inalienavelmente possuídos, uma vez que, de acordo com Alves (2004, p. 47), os nomes inalienáveis em Canela Apãniekrá abrangem os termos de parentescos, partes do corpo e alguns objetos manufaturados.

- (317) kupri            mã            h-õ            ʃũ  
 Menina                            DAT        3-GEN pai  
 ‘A menina tem pai’

(ALVES, 2004, p. 123)

Popjes e Popjes (1986) consideraram as formas hõ/jõ como marcadores de posse alienável em Canela-Krahô. Conforme exemplificado abaixo:

- (318) i-jõ            wapo  
 1-POSSN        knife  
 ‘My knife’

‘Minha faca ’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 169)

- (319) hõ            pur  
           3+POSSN    field  
           ‘His field’  
           ‘Campo dele’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 169)

Em Canela-Krahô, na análise de Souza (1989), o elemento ‘õ’ foi chamado de morfema marcador de posse alienável, o qual ocorre exatamente da mesma forma que em Parkatêjê e Canela Apãniekrá.

- (320) i        y        õ        rkwa  
           1        REL    POSS    casa  
           ‘Minha casa’

(SOUZA, 1989, p. 6)

Miranda (2014) afirma que o morfema ‘õ’ ocorre em Canela-Krahô nos contextos em que o povo se refere a objetos que atualmente estão na sua cultura, mas que tem origem do contato com os não-índios, além de artefatos, animais de criação, etc.

- (321) i        j-õ        katõk  
           1SG    R<sup>1</sup>-REL    espingarda  
           ‘Minha espingarda’

(MIRANDA, 2014, p. 76)

Em Pykobjê, Amado (2004, p. 73) se refere ao elemento ‘õ’ como “afixo indicativo de posse”, que também ocorre somente com nomes alienavelmente possuídos. A diferença da análise desta autora em relação as outras que foram apresentadas é o fato de que Amado (2004) propõe que o prefixo relacional (como foi descritos nas outras línguas Timbira), trata-se de uma parte do pronome e que em ocorrências com posse alienável, acontece um processo fonológico diante de palavras que possuem vogais no início, uma vez que o pronome dependente {ej-}, apresenta-se como {j-}, conforme o exemplo abaixo:

- (322) j - õ - tʃĩ  
 1 POS ‘cinto’  
 ‘Meu cinto’

(AMADO, 2004, p. 73)

Silva (2011) também não usou o termo *posposição* para a forma ‘õ’. A referida autora o chamou de *marca de posse*. É válido ressaltar que não há muitos detalhes sobre a posse alienável possuída em seu trabalho. Em todas as outras línguas e suas respectivas análises, até o presente momento, foi verificado o elemento ‘õ’ ocorrendo junto a nomes alienavelmente possuídos. Entretanto, apesar de Silva (2011) o considerar como *marca de posse*, observa-se que nos dados de seu trabalho, esse elemento ocorre com nomes inalienavelmente possuídos (referem-se a partes do corpo, objeto de uso pessoal e termos de parentesco; SILVA, 2011, p. 66), conforme os exemplos abaixo:

- (323) h-õ- xëë jom craa pÿr  
 PR -MP-mãe QE criança beijar  
 ‘A mãe dele beija o ser criança’

(SILVA, 2011, p. 65)

- (324) Bernardet j - õ - xo jõm craa pÿr  
 NP PR-MP-pai QE criança beijar  
 ‘O pai de Bernadete beijou o ser criança’

(SILVA, 2011, p. 66)

- (325) xy tũ-pë a’cêt j - õ - pryymre  
 PAS tatu-PF selvagem PR- MP - animal  
 ‘O tatu era/foi um animal selvagem’

(SILVA, 2011, p. 95)

No que diz respeito ao comportamento dos sujeitos de verbos intransitivos estativos, Silva (2011) afirma que

[...] a relação descrita nos sujeitos dos verbos intransitivos estativos é similar àquela que se estabelece entre os genitivos da classe dos nomes inalienáveis (**formação:**

(PD) + PR + MP + nome)<sup>60</sup>. No uso nominal, o prefixo {-h} marca a 3ª pessoa (não-pessoa do discurso), ao passo que 1ª e 2ª pessoas são marcadas com o prefixo relacional {-j} [...] (SILVA, 2011, p. 122-123)

A citação acima é interessante para a discussão sobre o comportamento da marca de posse (posposição) ‘õ’ em línguas Timbira, pelo fato do elemento em questão, em geral, ocorrer com nomes alienáveis, na maioria das vezes, inclusive, na análise de Amado (2004) sobre a mesma língua. É válido ressaltar que tal ocorrência também foi detectada em dados do Canela Apãniekrá. Vejamos mais alguns exemplos em Pykobjê:

- (326) cahỹj            me    h – õ – xo    caprëë – re  
 Mulher            e       PR – MP – pai   ser.triste/DIM  
 ‘A mulher e seu pai estão tristonhos’

(SILVA, 2011, p. 123)

- (327) ( ) – õ – xo = pai  
 (328) Ø – j – õ – xo        ‘meu pai’  
 (329) a – j – õ – xo        ‘teu pai’  
 (330) h – õ – xo            ‘pai dele’

(SILVA, 2011, p. 123)

De acordo com a análise de Silva (2011), nos exemplos com as palavras ‘xëë’ (mãe, exemplo 323) e ‘xo’ (pai, exemplos 324, 326-330), o ‘h-’ é considerado um prefixo relacional, o elemento ‘õ’ é uma marca de posse, que geralmente ocorre com nomes alienavelmente possuídos, seguido da palavra pai (xo) ou mãe (xëë), que são nomes inalienavelmente possuídos.

Ribeiro-Silva (2016) apresenta uma análise, em Parkatêjê, na qual ‘h-’ é considerada como uma forma pronominal dependente que indica a terceira pessoa em posição de objeto (O) ou sujeito intransitivo estativo (So). A referida autora explica que esse morfema exibe uma alomorfia h- ~ hõ-, uma vez que ‘h-’ ocorre diante de vogais e ‘hõ-’ ocorre diante de consoantes, em virtude uma regra fonotática da língua que não permite a sequência silábica de consoantes

<sup>60</sup> PD – Pronome dependente / PR - Partícula fonte / MP - Marca de posse (lista de abreviaturas, conforme está no trabalho de (SILVA, 2011)).

hp, ht, hʃ, hk, em posição de ataque silábico, embora a língua permita a sequência: kr, kw, pr, mr, kt, mx, nt, mp. Vejamos alguns exemplos apresentados por Ribeiro-Silva (2016):

- (331) pê pia kaʃer kām aiku hō-pa  
 PD DB lua LOC PR 3-recear  
 ‘Dizem que a Lua ficou receosa (dele).’

(RIBEIRO-SILVA, 2016, p. 55)

- (332) mũ mēkwỳ j-ukapřiti mēkwỳ hō-ʃy  
 DIR alguns REL-ser.generoso alguns 3-ser.escasso  
 ‘(na aldeia, há) alguns generosos, alguns escassos’

(RIBEIRO-SILVA, 2016, p. 55)

A análise de Ribeiro-Silva (2016) parece ser adequada para o exemplo (326), entretanto, essa questão poderia ser verificada de acordo com os dados e padrões silábicos do Pykobjê.

Nota-se que, na maioria das análises, a posposição ‘õ’ possui a mesma função: marcar posse, geralmente de nomes alienáveis, entretanto, também foram verificadas ocorrências com nomes inalienavelmente possuídos.

#### Quadro 28: Funções de ‘õ’

Função	Parkatêjê	Canela Apāniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P.P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. marcar posse alienável	X	X	X	X	X	X	
2. marcar posse inalienável		X					X

Fonte: elaborado pela autora.

#### 6.7 A posposição ‘pê /pēn /pē’

Na língua Parkatêjê, a posposição ‘pê’ foi descrita por Ferreira (2003) em dois contextos distintos. No primeiro, tal elemento pode ser malefactivo, significando ‘em detrimento de’ e, no segundo momento, ele pode ser ablativo, significando ‘em’.

- (333) zõprare te kamtere pupũn aikre katut pe  
 NPR ERG menino REL-ver+PAS casa atrás LOC  
 ‘Jõmprare viu o filho dela atrás da casa’

(FERREIRA, 2003, p. 142)

- (334) i- pe amrĩ are nã wa nare a- nãwə  
 1 MAL NEG.EXIST ENF. SS eu mesmo 2 pedir  
 ‘Eu não tenho e eu peço mesmo para ti’ lit. ‘em detrimento de mim não existe, e eu peço mesmo para ti’

(FERREIRA, 2003, p. 96)

Para Alves (2004, p. 86), a posposição ‘pe’ também pode ter duas funções distintas. A primeira, assim como no Parkatêjê, possui função de malefactivo e, a segunda se refere à função de locativo.

É válido ressaltar que a cópula, segundo Alves (2004, p. 88), foi considerada núcleo de um sintagma posposicional, também representada por ‘pe’.

- (335) ku – pe iʔ-prõ inare  
 3 – mal 3-esposa NEG  
 ‘Ele não tem esposa’

(ALVES, 2004, p. 123)

- (336) a-pe hũmre  
 2-COP homem  
 ‘Você é homem’

(ALVES, 2004, p. 121)

Para Popjes e Popjes (1986), a posposição ‘pê’ funciona como uma cópula em orações identificacionais, conforme o exemplo abaixo:

- (337) Capi pê mehĩ  
 Capi COP índia  
 ‘Capi is an Índia’  
 ‘Capi é uma Índia’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 134, TRADUÇÃO NOSSA)

- (338) i-pê capi  
 1-COP Capi  
 'I am Capi'  
 'Eu sou Capi'

(POPJES E POPJES, 1986, p. 134, TRADUÇÃO NOSSA)

Na análise de Souza (1989), a posposição 'pe' não foi apresentada como posposição. Entretanto, na seção em que a autora se refere aos tipos de oração em Canela-Krahô, Souza (1989, p. 24) relata que:

Não falamos também de posposições com valor de cópula (Popjes e Popjes 1986:134) já que à semelhança com outras línguas do mundo a língua Krahô marca sintaticamente a relação não verbal estativa, estativa-atributiva, estativa-equativa, identificativa e existencial com as partículas que chamamos apenas pospositivas mã, kam e pe. (SOUZA, 1989, P. 24)

Portanto, a posposição 'pê', considerada por Popjes e Popjes (1986) como cópula, foi considerada por Souza (1989) como partícula pospositiva. De acordo com a autora, a função dessa posposição é marcar o tipo de oração identificativa, que consiste em identificar os papéis relacionados a vida cultural e social do povo.

- (339) i pe a kwə  
 1 POSP 2 parente ou amigo  
 'Eu sou teu parente'

(SOUZA, 1989, p. 32)

- (340) Potut pe mehĩ  
 Potut POSP índio  
 'Potut é índio'

(SOUZA, 1989, p. 32)

Observando os dados de Souza (1989), verificamos que 'pe' realmente parece funcionar como cópula nos contextos dos exemplos (339) e (340).



De acordo com a tabela de posposições em Krahô, apresentada por Miranda (2014, p. 143), a posposição ‘pe’ pode ter a função de locativo, significando ‘em (difuso)’ e, pode também ter a função de malefactivo/essivo, significando ‘de (em prejuízo de); incluso em’.

- (341) Pe    pur    Ø-k<sup>h</sup>ãm    aikɔ    ku-pe    k<sup>h</sup>wər    Ø-tɔ  
 RETR roça R<sup>1</sup>-LOC IMPERF. R<sup>2</sup>-MAL mandioca R<sup>1</sup>-ASS.INTR  
 Ø-aʔk<sup>h</sup>ĩ  
 R<sup>2</sup>-roubar  
 ‘Na roça, roubavam com a mandioca e prejuízo dele’ (na roça, roubavam a mandioca dele)

(MIRANDA, 2014, p.145)

Como posposição essiva, Miranda (2014, p. 170) afirma que ‘pe’ tem por função relacionar a inclusão de um sujeito num determinado grupo exposto no predicado, nos casos de predicados inclusivos, conforme o exemplo abaixo:

- (342) a    Ø-k<sup>h</sup>ra    Ø-pe    mã    wajaka  
 2SG R<sup>1</sup>-filho R<sup>1</sup>-ESS foco xamã  
 ‘Teu filho (que) é xamã’

(MIRANDA, 2014, p. 170)

- (343) krate Ø-pe h-ũ    j-arẽ-n    kate  
 N.PRO R<sup>1</sup>-ESS R<sup>2</sup>-DEIT R<sup>1</sup>-contar-NOMLZ N.AG  
 ‘Krate (é) contador de história.

(MIRANDA, 2014, p. 170)

Observa-se que o que foi considerado como cópula por Popjes e Popjes (1986) foi considerado por Miranda (2014) como essivo. Já no exemplo abaixo, a posposição ‘pe’ assume função de locativo:

- (344) i    Ø-k<sup>h</sup>ra    ke    rama    iʔ-təj    [kə    Ø-pe    Ø-ŋɔr]compl  
 1SG R<sup>1</sup>-filho ENF já R<sup>2</sup>-poder/dever pátio R<sup>1</sup>-LOC R<sup>2</sup>-dormir  
 ‘Meu filho já pode dormir no pátio’

(MIRANDA, 2014, P. 210)

Na análise de Silva (2011, p. 97) para o Pykobjê, nota-se uma diferença na forma da posposição espaço-temporal (considerada assim pela autora), uma vez que ela se apresenta como ‘pên’ em relação complementar com ‘pê’, com o significado de posposição fonte/origem.

- (345) Copry govenadö pên  
 Moça governador PF  
 ‘A moça é de governador’

(SILVA, 2011, p. 97)

- (346) Jõm - pë cë há professor tow? pa  
 WH - PF 3PL IRR professor ser.novo/novo 1PE  
 ‘Quem será o novo professor?’

(SILVA, 2011, p. 109)

Silva (2011) afirma que há a possibilidade da posposição ‘fonte/origem’ ter função existencial, além de espacial, entretanto, a autora ressalta que ainda é necessário um estudo mais aprofundado sobre esse elemento. Ela também acrescenta que ‘pên/pê’ são utilizadas com mais frequência em situações com predicados não-verbais, conforme os exemplos a seguir:

- (347) Xoo – pë pryymre  
 Cão - PF animal  
 ‘O cão é um animal’

(SILVA, 2011, p. 129)

- (348) Xy tũ-pë a’cët j - õ - pryymre  
 PASS tatu-PF selvagem PR-MP-animal  
 ‘O tatu era/foi um animal selvagem’

(SILVA, 2011, p. 129)

- (349) Cë ha cagỹ-pë j - õ - cjë  
 3PL IRR cobra-PF PR-MP-hóspede  
 ‘A cobra será uma hóspede’

(SILVA, 2011, p. 129)

Silva (2011, p. 129) acredita que ‘pên/pê’ pode estar relacionada com a origem do sujeito ou objeto. Observa-se que nos exemplos acima, há uma grande semelhança com as análises das outras línguas Timbira que consideraram ‘pe’ como cópula.

As ocorrências que foram consideradas como cópula por Alves (2004), para o Canela Apãniekrá, por Popjes e Popjes (1986), para o Canela-Krahô, foi considerada por Miranda (2014) como posposição essiva e para Silva (2011), como posposição fonte/origem. No entanto, tais ocorrências possuem grande identidade, o que pode indicar que se trata da mesma função.

A cópula não é uma posposição, uma vez que, de acordo com Miller e Brown (2013, p. 112), a cópula é um verbo que não possui conteúdo. Tradicionalmente, o verbo ‘be’<sup>61</sup> em inglês é considerado a cópula, bem como os verbos equivalentes a esse em outras línguas. O referido autor cita quatro tipos de construções com cópulas. A primeira é chamada de equativa, que consiste em identificar uma entidade com a outra, como no exemplo: “That elegant woman is my wife”<sup>62</sup>; já a construção descritiva atribui uma propriedade a uma entidade como em: “My wife is elegant”<sup>63</sup>; a terceira construção citada pelo referido autor é a locativa, que indica um local: “My wife is in York”<sup>64</sup>; e a última construção é a existencial, conforme ilustra o exemplo a seguir: “There is a snake in the garden.”<sup>65</sup> Para Crystal (2011), a cópula é um verbo de ligação, que possui pouco significado e sua função principal é relacionar os elementos da cláusula, principalmente sujeito e complemento.

Conforme visto anteriormente, o termo “essivo” se refere ao caso que indica um estado temporário, isso é o que afirma Miller e Brown (2013), sobre tal caso. Os autores citam um exemplo do finlandês em que a palavra ‘poyka’, significa ‘boy’<sup>66</sup> e ‘poykana’ significa ‘como um garoto’, em que o caso essivo é marcado pelo morfema ‘-na’. Diante dos dados apresentados, concordamos ‘pe’ é, de fato, uma cópula. No quadro abaixo estão as funções de ‘pe’, como posposição, uma vez que, conforme já citado anteriormente, a cópula e posposição são elementos diferentes.

---

<sup>61</sup> “Ser/estar.” (tradução nossa).

<sup>62</sup> “Essa mulher elegante é minha esposa.” (tradução nossa).

<sup>63</sup> “Minha esposa é elegante”. (tradução nossa).

<sup>64</sup> “Minha esposa está em York”. (tradução nossa).

<sup>65</sup> “Há uma cobra no jardim.”. (tradução nossa).

<sup>66</sup> ‘menino’ (tradução nossa).

**Quadro 29:** Funções da posposição ‘pe’

Função	Parkatêjê	Canela Apãniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P. P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. malefativo	X	X					
2. ablativo /locativo	X	X			X		
4. Fonte/origem							X

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.8 A posposição wỳr

A posposição wỳr é definida por Ferreira (2012) como uma posposição que está relacionada com movimento, sendo um direcional “[...] no sentido de deslocar-se de um ponto x em direção a um ponto y” (FERREIRA, 2012, p. 300).

(350) wa mũ Marabá wỳr mō  
 Eu MOV Marabá DIR ir  
 ‘Eu vou a Marabá’

(FERREIRA, 2012, p. 300)

(351) pe pia aiku apte kakrō -ti mrare nã mũ ko wır  
 PD DUB PR FRUSTR quente -ENF chorar SS água DIR  
 fɔ̃  
 estar.em.pé

‘(por causa) quentura, ela (a Lua) chorou e foi para a água’

(FERREIRA, 2003, p. 143)

Alves (2004) descreveu a posposição ‘wər’ em Apãniekrá de forma semelhante ao que Ferreira (2003) propôs para o Parkatêjê, uma vez que tal posposição tem função direcional, no sentido de movimentação.

(352) krĩ wər i-tε alicē j-apror  
 Aldeia DIR 1-ERG Alice PR-levar  
 ‘Eu levei a Alice pra Aldeia comigo’

(ALVES, 2004, p. 87)

- (353) Cidade wər kupẽ tẽ ata ampa mã  
 Cidade DIR branco ir DEM longe DIR  
 ‘a cidade para onde o branco vai é longe’

(ALVES, 2004, p. 142)

Para Popjes e Popjes (1986), a posposição wỳr tem o significado de ‘em direção’ na língua Canela-Krahô, ocorrendo de forma bem semelhante ao Parkatêjê e ao Canela Apãniekrá.

- (354) Capi kryt me krĩ wỳr tẽ  
 Capi kryt and village to go  
 ‘Capi went to the village with kryt’  
 ‘Capi foi para a vila com kryt’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 150, TRADUÇÃO NOSSA)

- (355) wa ha ikre wỳr tẽn ne amji cakrê  
 I FUT house to go and RFLX scratch  
 ‘I will go home and scratch myself’  
 “Eu vou para casa e coço a mim mesmo”

(POPJES E POPJES, 1986, p. 141, TRADUÇÃO NOSSA)

Miranda (2014) também observou a posposição ‘wər’ com uma função locativa, significando ‘em direção de’. Vejamos os exemplos abaixo:

- (356) Pea nẽ krɔw Ø-par Ø-wər Ø-mõ  
 Então buriti R<sup>1</sup>-pé R<sup>1</sup>-em.direção.de R<sup>2</sup>-ir  
 ‘Então (Sol) foi em direção do tronco de buriti’

(MIRANDA, 2014, p. 144)

- (357) pĩt Ø-tse- Ø Ø-wər  
 sol R<sup>1</sup>-levantar-NOMLZ R<sup>1</sup>-em.direção.de  
 ‘em direção ao levantar do sol’ (tarde; das 13h às 16h)

(MIRANDA, 2014, p. 149)

Finalizando as descrições sobre a posposição ‘wyr’, conforme descrita por Silva (2011) para o Pykobjê, chega-se à conclusão de que esse elemento se comporta da mesma maneira em todas as línguas que compõem este estudo. A referida autora afirma que, essa posposição é usada no sentido de ‘direção’, por esta razão ocorre com verbos que remetem a ideia de movimento.

- (358) mentow        jê        cato        a’cêt    wyr  
 Rapaz            COL    partirINTR    mata    DIR  
 ‘A rapaziada parte rumo à mata’

(SILVA, 2011, p. 126)

- (359) cahỹj-te        hy’coocren    ãjcre    wyr  
 Mulher-ERG    correrINTR    casa    DIR  
 ‘A mulher correu em direção à sua casa’

(SILVA, 2011, p. 127)

### 6.9 A posposição ‘kot’

Para Ferreira (2012), a posposição ‘kôt’ é utilizada em Parkatêjê com o objetivo de indicar companhia.

- (360) nō        hōr                nã        injê                kot        anti  
 Deitar dormir        SS        mamãe            com        sonhar  
 ‘Deita, dorme e sonha com a mamãe’

(FERREIRA, 2003, p. 141)

- (361) wa        mũ        a-kot    tẽ  
 Eu                2-com ir  
 ‘Eu vou contigo’

(FERREIRA, 2003, p. 141)

Em Canela Apãniekrá, Alves (2004) também descreveu a função comitativa para a posposição ‘kot’. Como já mencionado anteriormente, nessa língua foram observadas algumas posposições homônimas, portanto, Alves (2004, p. 87) afirma que ‘kot’ pode também receber o significado de ‘atrás/em –lugar-’.

- (362) ku-te h-arɛn wa pɜrkrɛ kãm nũm kot i-poj  
 3-ERG 3-falar 1 barco LOC alguém COM 1-chegar  
 ‘Ele falou com quem chegou no barco comigo’

(ALVES, 2004, p. 87)

- (363) rɔp kot i-pikahur  
 Cachorro COM 1-correr  
 ‘Eu corri atrás do cachorro’

(ALVES, 2004, p. 87)

- (364) Ø apu pri ita kot mɔ  
 3 PRG caminho DEM COM andar  
 ‘Ele está andando no caminho’

(ALVES, 2004, p. 87)

A posposição em questão foi analisada por Popjes e Popjes (1986) com o significado de ‘after’ (depois de), diferenciando-se do Parkatêjê e Apãniekrá.

- (365) Jaco me pahhi kôt me ipa catê- jê te po pupun  
 Jaco and chief after PL follow NOMLZR-PL PAST deer see  
 ‘Jaco and the chief’s followers saw a deer’  
 "Jaco e os seguidores do chefe viram um cervo"

(POPJES E POPJES, 1986, p.151)

Miranda (2014) descreveu a posposição ‘k<sup>hot</sup>’, também para o Canela-Krahô, com a função de comitativo/perlativo. Embora essa descrição seja da mesma língua analisada por Popjes e Popjes (1986), nota-se que há uma diferença significativa no sentido que expressa essa posposição nas duas análises. Entretanto, é válido ressaltar que há uma diferença de tempo entre os dois trabalhos e sabe-se que as línguas vivem em constante processo de mudança. Por outro lado, no trabalho de Popjes e Popjes (1986) não há tantos dados que contemplem a posposição em estudo.

(366) Ka ha ma amẽ iʔ-k<sup>hot</sup> aw j-ahẽ  
 2SG IRR DIR COL R<sup>2</sup>-com DEIT- R<sup>1</sup>-caçar  
 ‘Você vai caçar (algo) junto com eles’

(MIRANDA, 2014, p. 145)

Organizamos o quadro abaixo com as funções de ‘kot’, segundo as análises propostas no Timbira:

**Quadro 30:** Funções da posposição ‘kot’

Função	Parkatêjê	Canela Apãniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P. P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. comitativo/companhia	X	X			X		
2. significando ‘depois’			X				
3. perlatoivo					X		

Fonte: elaborado pela autora.

**6.10 A posposição ‘ri’**

A posposição ‘rĩ’ em Parkatêjê, de acordo com Ferreira (2003, p. 143) ocorre apenas com interrogativos adverbiais locativos. Neste caso, a forma ‘zõrĩ’ recebe o significado ‘onde?’

Em Canela Apãniekrá, Alves (2004) classificou a posposição ‘ri’ como locativo, mas não necessariamente em perguntas. Observemos o exemplo abaixo:

(367) ku- ri  
 3- LOC  
 ‘Naquele lugar’

(ALVES, 2004, p. 88)

Alves (2004, p. 79) afirma que junto a ‘ta’ (morfema demonstrativo), a posposição ‘ri’ indica lugar:

(368) i-ta ri  
 1-DEM LOC  
 ‘Aqui, neste lugar’

(ALVES, 2004, p. 79)



Igualmente como foi proposto para o Parkatêjê e Apãniekrá, em Canela-Krahô a posposição ‘ri’ recebeu um significado locativo, uma vez que Popjes e Popjes (1986) a analisou junto a um pronome de terceira pessoa ‘cu-ri’ com o significado de ‘there’ (lá).

Nos dados de Popjes e Popjes (1986), vemos um exemplo da posposição em questão sendo usada em sentenças existenciais para indicar localização, conforme o exemplo abaixo:

- (369) cu- ri cô  
 There RELTR water  
 ‘There is water’  
 ‘Tem água’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 135, TRADUÇÃO NOSSA)

Popjes e Popjes (1986, p. 155) acrescentam que a posposição ‘ri’ também pode ser usada em sentenças interrogativas locativas ou direcionais.

A forma ‘**jũ ri ri**’ pode receber o significado de ‘where to, specific destination’ ou ‘para onde, destino específico’ (tradução nossa).

- (370) jũ ri ri capi mō  
 Where to capi go  
 ‘Where is Capi going?’  
 ‘Para onde Capi está indo?’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 155, TRADUÇÃO NOSSA)

- (371) jũri ri capi xa  
 Where capi stand  
 ‘Where is Capi standing?’  
 ‘Onde Capi está?’

(POPJES E POPJES, 1986, p. 155, TRADUÇÃO NOSSA)

Miranda (2014) também observou a função locativa da posposição ‘ri’ em Canela-Krahô, a qual recebeu o significado ‘onde’, de acordo com o referido autor.

(372) ma ku-ri mã priε  
 DIR R<sup>2</sup>-LOC foco caça  
 ‘Naquele lugar existe caça’

(MIRANDA, 2014, p. 173)

Para Miranda (2014) a união do pronome interrogativo ‘jũ’ com a posposição ‘ri’ também atribui o significado de ‘onde’ em Krahô, assim como foi observado por Popjes e Popjes (1986) para a mesma língua.

(373) jũ Ø-ri ka ha k<sup>h</sup>wər=kupu Ø-k<sup>h</sup>rẽ  
 INT R<sup>1</sup>-LOC 2SG IRR paparuto R<sup>1</sup>-comer  
 ‘Onde você vai comer o paparuto?’

(MIRANDA, 2014, p. 260)

Veja o quadro abaixo com as funções de ‘ri’, conforme as análises propostas:

**Quadro 31:** funções da posposição ‘ri’.

Função	Parkatêjê	Canela Apãniekrá	Canela-Krahô			Pykobjê	
			P. P	SO.	MI.	AM.	SILV.
1. interrogativo adverbial	X		X		X		
2. locativo		X	X		X		

Fonte: elaborado pela autora.

### 6.11 A posposição ‘pĩ’

Em Parkatêjê, assim como a posposição ‘rĩ’, de acordo com Ferreira (2003, p. 143), a posposição ‘pĩ’ tem função de essivo e também ocorre apenas em contextos interrogativos adverbiais locativos, com a forma ‘zõpĩ’, que recebe o significado ‘de onde?’.

Para Alves (2004, p. 86), a posposição ‘pĩn’ também tem função de essivo, conforme o exemplo abaixo:

(374) wa kupẽ j-õ krĩ pĩn i-poj  
 1 branco PR-GEN aldeia ESS 1-chegar  
 ‘Eu cheguei da cidade’

(ALVES, 2004, p. 87)

Alves (2004, p. 115) afirma que essa posposição costuma ocorrer junto a predicados de verbos intransitivos com objeto indireto, o qual geralmente tem um agente ou paciente como sujeito e um locativo como objeto indireto.

- (375) ikɾɛ    pĩn    iʔ-pəm  
 Casa    LOC    3-cair  
 'Ele caiu de cima da casa'

(ALVES, 2004, p. 115)

Popjes e Popjes (1986, p. 178) descreveram a posposição 'pĩn' junto ao pronome de terceira pessoa 'ih', resultando em 'ih-pĩn' para o Canela-krahô, com o significado de 'from there' – 'locacional source' ('de lá' / 'locacional origem'), ou seja, recebe o mesmo significado que em Parkatêjê e Canela Apãniekrá.

- (376) pur    pĩn    wa    tẽ  
 Field    from    1    go  
 'I'm coming from the field.'  
 "Estou vindo do campo".

(POPJES E POPJES, 1986, p. 158)

Segundo Popjes e Popjes (1986, p. 155) a forma 'jũ pĩn' também é usada em sentenças interrogativas, com o significado de 'where from' (de onde).

- (377) jũ    pĩn    ca    tẽ  
 Where from    2    go  
 'Where are you coming from?'  
 'De onde você está vindo?'

(POPJES E POPJES, 1986, p. 158)

Na análise de Miranda (2014, p. 143) para o Canela-Krahô, a posposição 'pĩn' também é locativa e recebe o significado 'de'. Unido ao pronome interrogativo 'jũ', resulta na forma 'jũ=pĩn', recebendo o significado 'de onde'.

- (378) jũ    Ø-pĩ    mã    mẽ    a    Ø-poj- Ø?  
 INT    R<sup>1</sup>-LOC FOC    PL    2SG    R<sup>1</sup>-chegar-NOMLZ  
 ‘De onde foi a chegada de vocês?’

(MIRANDA, 2014, p. 261)

A posposição ‘pĩ’ foi analisada em Parkatêjê e em Canela Apãniekrá como essiva e ocorre em contextos locativos. No caso do Canela-Krahô, tal posposição não foi considerada como essivo, entretanto, Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014) observaram que a posposição em questão ocorre em contextos interrogativos locativos, semelhante ao eu foi observado por Ferreira (2003) para o Parkatêjê.

### 6.12 As posposições ‘rũm’ e ‘mam’

As posposições ‘rũm’ e ‘mam’ foram descritas por Popjes e Popjes (1986, p. 178). Segundo os autores a posposição rũm junto ao prefixo de terceira pessoa ‘cu’, resulta em ‘Cu-rũm’ e recebe o significado de ‘Toward there / directional’ (Para lá /direcional). A posposição ‘mam’ junto ao prefixo de terceira pessoa ‘cu’, resulta em ‘cu-mam’, com o significado de ‘Before it’ (Antes disso). Não foram encontrados exemplos dessas ocorrências nos dados do referido trabalho e nem nos trabalhos consultados sobre as outras línguas.

### 6.13 A posposição ‘takje ~ tækje’

A posposição ‘takje’ ~ ‘tækje’ foi descrita por Miranda (2014) para a língua Canela-Krahô. De acordo com o referido autor, essa posposição está relacionada à posse predicativa e significa ‘pertencente a’.

Miranda (2014) afirma que essa posposição ocorre em predicados relativos, os quais consistem em indicar a relação de pertencimento, assim como o morfema indicador de posse {-õ} o faz. Segundo o autor, a diferença entre um e outro está relacionada com o contexto sintático, uma vez que “[...] O morfema {-õ} ocorre no âmbito do sintagma nominal, enquanto o morfema {-takje} ocorre no nível do predicado, marcando relações entre uma expressão nominal sujeito e o predicado.” (MIRANDA, 2014, p. 171).

- (379) ikre    ita-je            mã    mẽ    i            Ø-k<sup>h</sup>wə            Ø-takje  
 Casa    DEM-PL            FOC    PL    1SG    R<sup>1</sup>-parente            R<sup>1</sup>-POSS.PRED  
 ‘Estas casas pertencentes aos meus parentes’ (Estas casas são dos meus parentes)

(MIRANDA, 2014, p. 171)

(380) karĩε            ata-je            mã    i            Ø-takje  
 Galinha            DEM-PL            FOC    1SG    R<sup>1</sup>-POSS.PRED

‘Aqueles galinhas pertencentes a mim’ (Aqueles galinhas são minhas)

(MIRANDA, 2014, p. 171)

Para Miranda (2014), a função dessa posposição é determinar o núcleo dos predicados relativos, seja ele nominal ou pronominal.

De acordo com Ferreira (2003, p. 152), em Parkatêjê há um formativo também chamado ‘tekie’. Ela não o considerou como uma posposição, entretanto, relata que ‘tekie’ ocorre com nomes alienavelmente possuídos com objetos que não são de origem da cultura povo ou em casos de posse de nomes não-possuíveis, dos quais a referida autora cita o nome de animais para exemplificar. No entanto, Ferreira (2003) ressalta que ainda é necessário investigar mais profundamente sobre o que poderia ser o significado e função dessa palavra.

Alves (2004, p. 123) afirma que há uma palavra usada para indicar posse, que é muito semelhante à posposição em questão. Segundo a autora, a palavra ‘kje’ ocorre em predicados possessivos, que consiste em pelo menos um nome humano ou prefixo pronominal na função de sujeito, enquanto o núcleo do predicado é ocupado pela palavra ‘kje’, indicando posse. Em casos de sujeito, formado com pronome dependente, ocorrerá a posposição tε, que é genitivo e marca o sujeito.

(381) i-tε    kje  
 1-GEN POSS  
 ‘É meu’

(ALVES, 2004, p. 123)

(382) maria rosa    mẽ    pedro    sinduca            amjĩ    tõ    i?-kje  
 Maria Rosa    CONJ    Pedro    Sinduca            REFL    irmão    3-POSS

‘Maria Rosa e Pedro Sinduca são irmãos’

(ALVES, 2004, p. 123)

#### 6.14 A posposição katsuw

A posposição ‘katsuw’ também foi descrita por Miranda (2014) para a língua Canela-krahô. De acordo com autor mencionado, essa posposição expressa finalidade, com o significado de ‘para’.

Miranda (2014, p. 228) afirma que essa posposição ocorre em orações adverbiais de finalidade, a qual pode ter como núcleo um nome descritivo, ou um verbo nominalizado.

- (383) Je ha Ø-to iʔ-kʰĩ j-akʰɛp [impej Ø-katsuw]  
 ENF IRR R<sup>2</sup>-ASS.INTR R<sup>2</sup>-cabelo R<sup>1</sup>-cortar R<sup>2</sup>-bonito R<sup>1</sup>-FINLD  
 ‘Ele vai cortar o cabelo (dela) (com algo) para ficar bonita’

(MIRANDA, 2014, p. 229)

A fim de sistematizar as funções que as posposições podem exercer nas línguas Timbira, organizamos dois quadros, inspirados em Ferreira (2003), com as principais posposições vistas ao longo desse trabalho. No primeiro, optamos por sistematizar as funções sintáticas e, no segundo, as funções semânticas:

**Quadro 32:** Funções sintáticas das posposições em Timbira.

CASOS SINTÁTICOS							
DIALETO	AUTOR	Apresentação Formal das posposições					
		Erg. ‘Te’	Genit. ‘te’	Comitativo ‘Kot / kʰot’	Dativo / benefactivo ‘mã’	Instrumental ‘to’	Malefactivo ‘pê’
Apãniekrá	Alves	X	X	X	X	X	X
Krahô	Popjes e Popjes		X		X	X	X
	Souza	X			X	X	
	Miranda		X	X	X	X	X
Parkatêjê	Ferreira	X		X	X	X	X
Pykobjê	Amado	X			X	X	
	Silva	X			X	X	

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme verificado ao longo deste trabalho e apresentado no quadro acima, a posposição ‘te’ foi considerada como uma marca de ergatividade nas quatro línguas Timbira, nas análises de Alves (2004), para o Canela Apãniekrá; Souza (1989), para o Canela-Krahô; Ferreira (2003), para o Parkatêjê; e Amado (2004) e Silva (2011), ambas para o Pykobjê. As duas análises que diferem são a de Popjes e Popjes (1986), que considerou ‘te’ como marca de tempo passado em construções transitivas e Miranda (2014), que considerou ‘te’ como um elemento oblíquo. Quanto à função de genitivo, esta foi observada por Alves (2004), para o Canela Apãniekrá, por Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014), para o Canela-Krahô.

A posposição comitativa (Kot / kʰot) se comporta da mesma forma em Apãniekrá (ALVES, 2004), Canela-Krahô (MIRANDA, 2014) e Parkatêjê (FERREIRA, 2003). As

posposições ‘mã’ e ‘to’ foram analisadas, unanimemente, como dativo/benefactivo e instrumental, respectivamente. Já a posposição ‘pê’ recebeu a função de malefactivo, conforme a análise de Alves (2004), para o Canela Apãniekrá; Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014), para o Canela-Krahô; e Ferreira (2003), para o Parkatêjê. O quadro abaixo apresenta as posposições que marcam os casos semânticos:

**Quadro 33:** Funções semânticas das posposições em Timbira.

CASOS SEMÂNTICOS								
		Apresentação Formal das posposições						
DIALETO	AUTOR	Abla./ Loc. ‘pê’	Font. /orig. / ess. ‘pe; pĩ; pên; pê’	Dir. ‘wÿr; rũm’	Locat. ‘rĩ; ri’	Locat. ‘kam’	Dir. / loc./ Transl./ Temp. nã;	Locat. ‘mã’
Apãniekrá	Alves	X	X	X	X	X		
Krahô	Popjes e Popjes			X	X	X		
	Souza					X		
	Miranda	X	X	X	X	X	X	
Parkatêjê	Ferreira	X	X	X	X	X	X	X
Pykobjê	Amado					X		
	Silva		X	X		X	X	

Fonte: elaborado pela autora.

Com relação aos casos semânticos, observamos que a posposição ‘pê’ apresenta algumas diferenças de forma e função, uma vez que ‘pê’ foi descrito por Alves (2004) com a função de locativo, em Canela-Apãniekrá; para Miranda (2014), a referida posposição pode assumir função de locativo ou essivo em Canela-Krahô; e para Ferreira (2003), a posposição ‘pê’ tem função de ablativo. Silva (2011) descreveu a posposição que indica fonte e origem como ‘pên; pê’ para o Pykobjê. Em Canela Apãniekrá (ALVES, 2004), e em Canela-Krahô (POPJES E POPJES 1986), ‘pe’ recebeu a função de cópula, entretanto, parece se tratar de formas homônimas. Em Canela Apãniekrá (ALVES, 2004) e em Parkatêjê (FERREIRA, 2003), a posposição essiva ‘pĩ’ possui a mesma forma e função.

A posposição direcional ‘wÿr /wyr /wər’ tem função de direcional e foi descrita nas quatro línguas por Alves (2004), para o Canela Apãniekrá; Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014), para o Canela-Krahô; Ferreira (2003), para o Parkatêjê e Silva (2011), para o Pykobjê. Há também a posposição ‘nã’, em Parkatêjê (FERREIRA, 2003) e ‘rũm’ em Canela-Krahô (POPJES E POPJES, 1986).

O locativo ‘rĩ / ri’ foi observado por Alves (2004), para o Canela Apãniekrá; por Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014), para o Canela-Krahô; e por Ferreira (2003), para o Parkatêjê. Já a posposição ‘kam’ foi analisada, unanimamente, como locativo.

Em relação à posposição ‘nã’, em Canela Apãniekrá, Alves (2004) observou que tal posposição marca objeto indireto, entretanto, a autora afirma que ainda não tem definição para este elemento. Souza (1989) também observou essa posposição e, de acordo com a referida autora, a sua função é marcar complemento de verbo intransitivo, em Canela-Krahô, enquanto Miranda (2014) considerou a função de locativo e translativo no mesmo dialeto. Em parkatêjê, de acordo com Ferreira (2003), tal posposição tem função de direcional e, em Pykobjê, Silva (2011) considerou a função de temporal, para a mesma posposição.

A função de locativo para a posposição ‘mã’ foi observada por Ferreira (2003), para o Parkatêjê. Em Canela Apãniekrá, esta função não foi considerada para esta posposição, no entanto, encontramos alguns dados com essa posposição na função de locativo, o que pode indicar que em contextos específicos, tal posposição pode assumir essa função, entretanto, seria necessária uma investigação mais profunda acerca desse elemento e sua função em Canela Apãniekrá.



## 7 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi comparar a ocorrência das posposições com vistas à observação das semelhanças e diferenças no grupo de línguas Timbira: Parkatêjê, Canela Apãniekrá, Canela-Krahô e Pykobjê, de acordo com uma perspectiva de base tipológico-funcional.

O trabalho é constituído de cinco capítulos, além de uma introdução e esta conclusão. O primeiro capítulo expõe algumas informações a respeito dos povos Timbira, como a localização, cultura, território, etc. Além de apresentar informações sobre os aspectos linguísticos de cada dialeto.

O segundo capítulo abordou algumas considerações teóricas a respeito das adposições (preposições e posposições), de acordo com a perspectiva morfológica, na qual esclareceu-se as diferenças entre as adposições e os afixos de caso, uma vez que os dois exercem a mesma função nas línguas que possuem tais elementos, bem como foram tratadas também distinções entre os clíticos adposicionais.

No que diz respeito ao contexto sintático, foram tratadas questões acerca da relação das adposições com a ordem de palavras, uma vez que línguas que apresentam a ordem SVO tendem a apresentar preposições, e línguas SOV tendem a apresentar posposições, como foi exibido no referido capítulo. Além disso, foram abordadas questões referentes aos sistemas de marcação de caso, conforme Dixon (2009): Sistema Nominativo-Acusativo (ocorre quando S e A são marcados da mesma forma e diferente de O; Sistema Ergativo-Absolutivo (ocorre quando S e O são marcados da mesma forma e diferente de A); Marcação Tripartida (S, A e O sendo marcados de maneira distinta). Outras questões de ordem sintática também foram vistas, como o sintagma adposicional, os casos, do ponto de vista sintático e os casos do ponto de vista semântico.

O terceiro capítulo apresentou a ocorrência das posposições em outras línguas da Família Jê, a saber: Panará, Kĩsedjê e Xikrín. Com base nos dados de tais línguas, percebemos que há algumas semelhanças quanto à forma e função na ocorrência das posposições com as do complexo dialetal Timbira.

No quarto capítulo foram apresentadas as posposições, de um modo geral, de acordo com as interpretações de: Ferreira (2003) para o Parkatêjê; Alves (2004) para o Apãniekrá; Popjes e Popjes (1986), Souza (1989) e Miranda (2014) – para o Canela-Krahô; Amado (2004) e Silva (2011) para o Pykobjê.

O quinto capítulo tratou de cada posposição, individualmente, conforme as análises de cada autor. Ao comparar tais elementos, notou-se que, embora eles possuam uma grande semelhança na forma e, às vezes, também na função, há interpretações que coincidem, assim como há interpretações bem distintas. Um exemplo é o caso da posposição ‘te’, que foi analisada como uma marca de caso ergativo na maioria das variantes dialetais, entretanto, verificou-se outras funções como genitivo, por exemplo, encontrada nas interpretações de Popjes e Popjes (1986) e Miranda (2014) para o Canela-Krahô e em Canela Apãniekrá, na análise de Alves (2004).

Porém, a diferença mais relevante foi a análise de Miranda (2014), que afirma que o que foi tratado como ergatividade cindida em Krahô e também em outros dialetos Timbira, trata-se, na verdade, da nominalização de nomes de ação, por meio de sufixos. Tal ocorrência foi intitulada como “forma curta” e “forma longa” dos verbos, “forma finita” e “forma não-finita”, dentre outras terminologias utilizadas para indicar que os sufixos acrescentados às palavras seriam marcas de tempo passado recente em verbos intransitivos ativos e verbos transitivos (estes também apresentam a marca ‘te’ no referido tempo e aspecto).

Esse contexto está diretamente relacionado com a interpretação de ergatividade, em que A é marcado de forma diferente de S e O, quando estão no tempo passado recente. No entanto, Miranda (2014) afirma que ‘te’ não pode ser marca de ergatividade cindida, porque marca o sujeito em ocorrências com verbos intransitivos, fato que ocorre também em Canela Apãniekrá e Canela-Krahô, segundo Alves (2004) e Souza (1989), respectivamente. Além disso, Miranda (2014) acrescenta que o fato de ‘te’ marcar o epíteto em frases nominais também contribui para o seu argumento de que não se trata de uma marca de ergatividade cindida.

Verificamos as ocorrências e optamos por concordar que, de fato, a posposição ‘te’ é uma marca de ergatividade, uma vez que a ocorrência de tal elemento é motivada pelo tempo passado recente e aspecto perfectivo. Com os verbos intransitivos, há um número muito pequeno de dados que apresentam a posposição ‘te’, que aparecem em contextos muito específicos, sempre com verbos intransitivos ativos. Em relação à função de epíteto (também considerada como genitivo), acreditamos ser um morfema homófono.

Outras distinções relevantes foram encontradas ao comparar as posposições, por exemplo, o elemento ‘õ’ foi considerado como genitivo que ocorre com nomes alienavelmente possuídos, todavia, esta marca, na análise de Silva (2011) para o Pykobjê, ocorre com nomes inalienavelmente possuídos. Também foram encontrados dados do Canela Apãniekrá (trabalho de Alves (2004)) com o elemento ‘õ’ em nomes inalienavelmente possuídos, embora a autora também o tenha considerado como posposição que marca posse genitiva em nomes

alienavelmente possuídos. É válido ressaltar que o elemento ‘õ’ foi considerado como posposição somente na análise de Alves (2004), para o Canela Apãniekrá. Em praticamente todas as posposições comuns nas línguas em questão, foram encontradas funções distintas, o que indica que apesar delas possuírem uma grande identidade entre si, tanto na forma quanto na função das posposições, também apresentam diferenças relevantes e estudos dessa natureza contribuem para uma melhor descrição dessas línguas.

Conforme já citado anteriormente no capítulo 2, Nimuendajú (1946, p. 12) destaca que os povos pertencentes ao grupo Timbira teriam sido originados a partir de uma grande unidade étnica e que eles compartilham uma série de semelhanças em relação aos aspectos culturais, como corte de cabelo, a forma circular de assentamento, etc. Do ponto de vista linguístico, foi possível observar que as línguas em estudo possuem uma grande semelhança quanto à estrutura e função das posposições, bem como de outros aspectos linguísticos.

Destaca-se a relevância desse estudo como contribuição às pesquisas de cunho tipológico-funcional que abordam o tema das posposições nas línguas indígenas brasileiras, mais especificamente, as línguas da família Jê ou do tronco Macro-Jê.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, F. C. (1999). **Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)**. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. **A discussão da grafia unificada para as línguas Timbira**. Comunicação apresentada no 50º Seminário do GEL, Universidade de São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
- ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. **Semântica Gerativa da Língua Gavião-Jê**. 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos da língua gavião-jê**. 1989. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1989.
- \_\_\_\_\_. "Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê". 1993. In: Lucy Seki (org.) **Linguística Indígena e Educação na América Latina**. 1993. pp. 265-272.
- \_\_\_\_\_. **Parkatêjê x Português: caminhos de resistência**. IX Congresso Internacional "Brazilian Studies Association. New Orleans, Luisiana, Estados Unidos, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário Parkatêjê-Português**. Belém: Edição da autora, 2016.
- AMADO, Rosane de Sá. **Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pikobjê**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A grafia uniformizada: uma conquista dos povos timbira**. 2005.
- APOLINÁRIO, Juciene R. **Povos Timbira, territorialização e a construção de práticas políticas nos cenários coloniais**. Rev. Hist. (São Paulo) no.168 São Paulo Jan./June 2013. Retirado de: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-83092013000100244#fn05](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092013000100244#fn05)>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.
- BARROS, Laise M. Estudo fonético-fonológico preliminar da língua Kyjkatêjê. Belém: UFPA, 2012.
- BLAKE, Barry J. **Case**. Second edition. Cambridge textbooks in linguistics, 2004.
- BROEKHUIS, Hans. **Syntax of Dutch: Adpositions and adpositional phrases**. Amsterdam University Press, 2013.
- BUSSMANN, Hadumod. **Routledge dictionary of language and linguistics**. Routledge, 2006.
- COELHO, Elizabeth M. B.; GIRALDIN, Odair; FISHER, William. **DOSSIÊ: leituras sobre os Timbira**. Repocs, v.15, n.29, jan./jul. 2018.

- COMRIE, Bernard. Maltese and the world atlas of language structures. **Introducing Maltese Linguistics**, p. 3-12, 2009.
- COSTA, Lucivaldo Silva da. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.
- CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. John Wiley & Sons, 2011.
- DELANCEY, Scott. Aspect, transitivity and viewpoint. *Tense-aspect: Between semantics and pragmatics*, p. 167-183, 1982.
- DIXON, Robert MW. **Ergativity**. Cambridge University Press, 1994.
- DIXON, Robert Malcolm Ward; DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory volume 1: Methodology**. Oxford University Press, 2010.
- DOURADO, Luciana Gonçalves. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- Dryer, Matthew S. 2007. **Clause types**. In *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*, Vol. 1, edited by Timothy Shopen. Second Edition. Cambridge University Press.
- FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Pê, kãm, mã e outras posições da Língua Parkatêjê**. In: Revista do Gelne, Natal/RN, volume 14 Número Especial: 293-302. 2012.
- FERREIRA, Sindy Rayane de Souza. **Aspectos morfossintáticos e semânticos da causativização em Parkatêjê**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2018.
- FREITAS, Edinaldo Bezerra. **Ser ou não ser Mehin: a etnohistória Krahó**. São Paulo, Projeto História. Nov. 2001. Retirado de: < <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10721/7953>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.
- GENETTI, Carol (ed.). **How languages work: An introduction to language and linguistics**. Cambridge University Press, 2014.
- HAGÈGE, Claude. **Adpositions**. Oxford University Press, 2010.
- KURZON, Dennis; ADLER, Silvia (ed.). **Adpositions: Pragmatic, semantic and syntactic perspectives**. John Benjamins Publishing, 2008.
- LESTRADE, Sander. **Adpositional case**. Unpublished master's thesis, Radboud University Nijmegen, 2006.
- LOPES, Tereza T. C. **Onomástica em parkatêjê: um estudo morfossintático e semântico sobre os nomes próprios**. Belém, 2017.

- MILLER, Jim E.; BROWN, E. Keith. **The Cambridge dictionary of linguistics**. Cambridge University Press, 2013.
- MIRANDA, Maxwell Gomes. **Morfologia e morfossintaxe da língua krahô (família jê, tronco macro-jê)**. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, BSB, 2014.
- NEVES, Cinthia de Lima. **Análise acústica das vogais orais da língua parkatêjê**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Alternância de códigos em narrativas orais do povo Parkatêjê: aspectos linguísticos do contato com o português**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012, 96f.
- NIMUENDAJÚ, Curt. **The Eastern Timbira**. 1946. Berkeley & Los Angeles: University of California Press. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, Vol. 41.
- PAYNE, Thomas E.; PAYNE, Thomas Edward. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge University Press, 1997.
- PIRES, Marcos Eroni. **Sobre o sistema de posposições em línguas indígenas brasileiras: um estudo tipológico**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces, no 40, p. 223-237, 2010.
- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). Canela-Krahô. D. Derbyshire & G. Pullum. (eds.) **Handbook of Amazonian Languages**. Vol.1. Berlin: Mouton de Gruyter.
- RIBEIRO-SILVA, Nandra. **Pronomes em Parkatêjê: a expressão da terceira pessoa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- RICHARDS, Jack C.; SCHMIDT, Richard W. **Longman dictionary of language teaching and applied linguistics**. Routledge, 2013.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. As línguas sul-americanas. [www.unb.br/il/lali/publicacoes/publ\\_002.html](http://www.unb.br/il/lali/publicacoes/publ_002.html), 1996.
- \_\_\_\_\_. Macro-Jê. In: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (dir.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- SANTOS, Ludoviko Carnasciali dos. **Descrição de aspectos morfossintáticos da língua suyá (kisêdjê) família jê**. (1997). Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1997.
- SEKI, Lucy. **Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI**. In: Impulso. Piracicaba/SP. Volume 12. Nº 27. P 1-194. 2000.
- SILVA, Maria de Nazaré Moraes da. **A tradição oral no ensino de línguas indígenas: uma proposta para o povo parkatêjê**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2014.

SILVA, Nandra Ribeiro. **Pronomes em Pakatêjê**: a expressão da terceira pessoa. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, Talita Rodrigues da. **Descrição e análise morfossintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião**. 2011. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

SOUZA, Sueli M. **O sistema de referência pessoal da língua Krahô**. UFG, 1989. Disponível em para download em [http://www.etnolinguistica.org/tese:souza\\_1989](http://www.etnolinguistica.org/tese:souza_1989)

TRASK, Robert Lawrence. **A dictionary of grammatical terms in linguistics**. Routledge, 2013.